



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROBENILSON MOURA BARRETO

**CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS PARA A COMPREENSÃO DO  
PRECONCEITO RACIAL: UM ESTUDO DE CASO**

BELÉM  
2017

ROBENILSON MOURA BARRETO

**CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS PARA A COMPREENSÃO DO  
PRECONCEITO RACIAL: UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração em Psicanálise, teoria e clínica.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli

Coorientadora: Profa. Dra. Zélia Amador de Deus

BELÉM

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

---

Barreto, Robenilson Moura

Contribuições psicanalíticas para a compreensão do preconceito racial: um estudo de caso / Robenilson Moura Barreto. - 2017.

Orientador: Paulo Roberto Ceccarelli

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Belém, 2017.

1. Discriminação racial - Brasil. 2. Preconceito - Brasil. 3. Racismo - Brasil. 4. Psicanálise. 5. Negro - Identidade racial. I. Título.

CDD 22. ed. 305.800981

---

ROBENILSON MOURA BARRETO

**CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS PARA A COMPREENSÃO DO  
PRECONCEITO RACIAL: UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração em Psicanálise, teoria e clínica.

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli – UFPA - Orientador

---

Profa. Dra. Zélia Amador de Deus – Membro externo

---

Profa. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira – UFPA – Membro Interno

Apresentado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a toda minha família (Maria Benedita Moura, Rafael Barreto, Rosane Moura e Idomar Sodré) que esteve presente nas dificuldades, por ter acreditado nesse projeto e me dado grande força para que chegasse ao fim de mais uma etapa, muito obrigado! Ainda que no silêncio, vocês são meus pilares. A Minha família de Santo, em nome da minha Doné Maria Conceição, pelos cuidados espirituais e os ensinamentos que muito contribuíram na minha trajetória de vida para ser uma pessoa de valores cada vez mais humanos. Á todas as minhas referências e lideranças com as quais eu aprendo, no dia a dia, a lutar contra o racismo e por uma sociedade mais justa e igualitária.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Tupã, Olorum, Mawu e Zambi pela energia emanada do universo no qual me permite está vivo. Aos Caboclos, Orixás, Voduns e Inquisis que me guiaram durante todo esse projeto acadêmico e a concluir mais uma etapa da minha vida. Aos meus orixás Oxalá, Iemanjá e Ogum pela sabedoria, força, paciência e tranquilidade nos momentos mais difíceis para que pudesse chegar até aqui. Essas que nunca me faltaram em qualquer das situações, as minhas mães, Maria Benedita e Doné Conceição pelo apoio, zelo, orientações e orações durante todos os dias da minha vida. As Egbóns e camaradas mais novas e mais velhas de nação, as quais tenho imenso carinho e que me incentivaram a todo o momento. As minhas madrinhas e meus padrinhos que nunca me deixaram desamparado e que permanecem sempre rezando por mim. As afilhadas e afilhados que tenho como filhas e filhos onde caminhamos juntos ainda que longes, mas sempre na fé. As primas e primos, colegas, amigas e amigos, companheiras e companheiros que durante todo esse período me depositaram grande confiança e que caminharam junto comigo entre alegrias e tristezas, dificuldade, facilidades e na militância do dia a dia.

Sei que nesse momento poderei esquecer-me de agradecer a alguém que tenha sido tão importante quanto os que nomearei, mas com a certeza de que estarão todos na lembrança.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará – PPGP-UFPA, por ter me possibilitado realizar este importante estudo acadêmico para a reflexão e colaboração para uma sociedade menos desigual.

Um agradecimento em especial para essas mulheres e mestras, ativistas e militantes que tenho grande referência, respeito e apreço. Mulheres com as quais durante esse período de convivência pude aprender grandes coisas e estarmos juntos no combate à desigualdade e a discriminação no território amazônico. Minhas companheiras, orientadoras, madrinhas e rainhas a Profa. Dra. Zélia Amador de Deus e a Profa. Dra. Ana Cleide Moreira Guedes.

Um carinho e um agradecimento especial também a esse que foi um grande amigo, irmão, companheiro, mestre, orientador e aconselhador. Esse que esteve sempre a disposição de uma escuta atenta e uma palavra que acalentava a alma nos momentos difíceis e de insegurança ao longo da escrita. Esse que, a cada conversa, a cada orientação aprendia grandes coisas e que sempre me abre um leque de conhecimento e possibilidades. Esse que o incentivo e encorajamento nunca me faltou. Esse que me mostrou que o desejo de escrever e a liberdade de pensar podem ser um caminho para construção e consolidação de um

pensamento. A esse uma belíssima lembrança e ótima referência de pesquisador e professor que levarei no meu coração, meu Orientador Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli.

Um muito obrigado as (os) Professoras (es) do PPGP-UFPA, pelo companheirismo e boa vontade nas orientações de cada dia nesse universo acadêmico. Ao Prof. Dr. Maurício Sousa pela atenção e compreensão no momento decisivo da minha vida no Programa, a Profa. Dra. Maria Lúcia Chaves pelo incentivo, orientações e disposição de sempre, a Profa. Dra. Roseane Nicolau pelo esforço e empenho que me possibilitaram concluir os estudos no programa por meio da bolsa de estudos, a Profa. Dra. Flávia Lemos pela referência e conhecimentos que muito contribuiu para a escrita e ao meu querido amigo e supervisor de Estágio em docência Prof. Ms. Warlington Lobo pelas orientações, dica e compartilhamento de boas e grandes experiências em sala de aula.

Divido esses agradecimentos ao grupo de pesquisadores do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da Universidade Federal do Pará (LPPF-UFPA), espaço que me possibilitou de forma significativa, a pensar pesquisa diante dos desafios da psicanálise a partir da perspectiva de Psicopatologia Fundamental. As (os) companheiras (os) de turma do mestrado 2015, em especial Gessé Oliveira e Alberto Neto no qual dividimos esperanças e grandes lutas durante o processo de golpe do governo da presidenta Dilma Rousseff. Ao grupo de psicólogas (os) e pesquisadoras (es) criados no WhatsApp “*Quintas com a Zélia*” que surgiu junto com a disciplina optativa Sexualidade, trauma, pulsão de morte e racismo, onde nas aulas, muitas foram as contribuições para consolidar uma perspectiva teórica e metodológica da minha dissertação. E que atualmente tem se transformado numa ferramenta de informações e conhecimento no combate a todo e qualquer tipo de opressão.

A Casa Brasil África (CBA) e ao Grupo de Estudos Afro-Amazônico (GEAM) juntamente com seus estudantes pela inestimável contribuição, incentivo e reconhecimento da importância da pesquisa para a Universidade Federal do Pará (UFPA) e para Psicologia.

Uma eterna gratidão a Comissão de Psicologia e Relações Raciais do Conselho Regional de Psicologia – Pará/Amapá (CRP10) e todos os seus membros, que na época (Willivane, Adriana, Antonino e Danieli), foram grandes incentivadores e motivadores da minha tentativa de ingressar no PPGP-UFPA, e mais que isso, acreditaram que era possível e investiram significativamente nessa aposta. E aqui estou eu graças a todos vocês também.

Agradeço aqui, a uma amiga muito especial, que por dias, semanas e meses compartilhamos experiências e vislumbramos expectativas sobre o mundo acadêmico dentro e fora da UFPA, minha amada Lyah Correia.

A Letícia Silva e meu Babá Nilton de Ossain que mesmo de longe tiveram um papel importante no meu encorajamento, nas orientações e o cuidado para enfrentar o mundo acadêmico, a vida e a relação com as pessoas. Oiá e Ossain abençoem e estejam sempre no caminho de vocês. Ao meu irmão, amigo e companheiro, psicólogo, Ogan Gabriel Teixeira de quem sou grato pelas palavras e bênçãos, pela referência de profissional que és e pela torcida e cuidado em toda e qualquer situação. Obrigado por tudo meu irmão.

Aqui vai um agradecimento especial também para uma mulher que gosto muito e tenho um grande apreço. Uma mulher de fibra que és, uma das minhas referências como pessoa, profissional, intelectual, de luta e militância no movimento negro dentro do Instituto Cultural Steve Biko. Espaço onde aprendi muito e que me fez ser parte de quem sou hoje. Essa que me incentivou nos momentos mais difíceis no retorno aos estudos da Psicologia. Uma mulher que fez e faz parte do meu amadurecimento e dessa minha caminhada de construção e reconstrução da vida, minha grande amiga Nádia Cardoso.

Aos que estiveram comigo, junto e misturado, na militância, na alegria, na tristeza, nas dificuldades, nas conquistas e nas vitórias de cada dia. Sem vocês jamais concluiria esse nosso projeto. Para essas pessoas guerreiras e guerreiros que nunca deixaram de me incentivar e acolher-me nos diversos momentos da vida; Danieli Pantoja e família pela travessia ao mundo amazônico de forma amorosa e harmoniosa, Álvaro Palha pela grandiosa e leveza presença de um irmão que não tive, Jureuda Guerra e Estevam Martins de quem gosto muito pela harmonia e alegrias, a Mônica Ferreira pela amizade de toda hora, Stefany Wanzeler e família pelo companheirismo e paciência, Núbia Cruz pela força de sempre, Tia Eliana Silva e família pelo imensurável apoio nos momentos mais difíceis dessa etapa, Zureide Alves pelas apostas e créditos no meu potencial, Rafaela Freitas pela sensibilidade e confiança, Aderaldo Lima pelos compartilhamentos e troca diante da saudade de casa, Paulo Esber sem palavras, meu eterno agradecimento, Elisângela Silva pela acolhida e cuidado e ao meu amigo Marcell Santos pelas trocas de conhecimento. Por fim, a Ludmila Barros (Vida), companheira, que em pouco tempo acreditou que era possível caminhar juntos com esse e outros projetos de vida. Obrigado a todxs pela confiança!

Esse projeto, foi mais que um projeto pessoal, foi um projeto coletivo construído pelas mãos de todos que foram citados aqui ou que por ventura, indiretamente esqueci de citá-los, mas estará na memória e no coração. Um projeto coletivo transformado em patrimônio público para luta, combate e enfrentamento do racismo nesse país. Obrigado a todxs!

**CHEGADA!**

*Seu plano falhou  
Veja agora quem sou  
Menino que na vida sempre sonhou  
Saiu da estatística que sempre o marginalizou  
Olhe agora onde estou  
Ultrapassei as barreiras de um estado opressor  
Nessa batalha sair vencedor  
Sequela dessa batalha ainda ficou*

*Mas a vida é assim  
Traumas surgirão até o fim  
Tenho mais algumas batalhas para enfrentar  
Não vou parar...*

*Desse passado sempre vou lembrar  
Voltarei ao começo sempre que precisar  
Comigo os orixás sempre haverão de estar  
Em meios as dúvidas sempre estarás a me guiar  
Penso no amanhã que chegará  
Com grandes coisas por conquistar!*

**(Robenilson Barreto)**

## RESUMO

BARRETO, R. M. **Contribuições psicanalíticas para a compreensão do preconceito racial: Um estudo de caso.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará. 2017.

Esta dissertação incide em um trabalho a respeito de um estudo de caso sobre a contribuição da psicanálise para a compreensão do preconceito racial em estudantes na Universidade Federal do Pará (UFPA). Um estudo que direciona as reflexões sobre questões acerca das relações raciais entre brancos e negros no Brasil, e seus desdobramentos psíquicos nas construções subjetivas de sujeitos negros. Este trabalho está ancorado a partir do referencial teórico psicanalítico dos processos identificatórios, o narcisismo das pequenas diferenças e sobre questões ligadas à construção discursiva sobre o preconceito racial que evidencia o racismo como fenômeno social. Trata-se de uma pesquisa realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, com dois estudantes da UFPA; uma estudante de nacionalidade brasileira e um estudante de nacionalidade guineense que foram vítimas de preconceito racial. Os resultados demonstraram existir uma diferença histórica e cultural das experiências vividas pela estudante brasileira e pelo estudante Guineense, ambos em Belém do Pará, Brasil. Constatamos que a construção discursiva da história sobre a cultura dos povos e nações configura-se como um elemento fundador da construção dos ideais no processo identificatório de cada sujeito. Pontualmente evidenciamos alguns processos vividos diante do preconceito racial. Entre esses processos, encontramos uma constituição de ideal de ego branco intensificado pela negação e inferiorização da história do sujeito negro no Brasil, um intenso sofrimento psíquico na medida em que, se rompe com os construtos sociais do ideal de brancura estabelecido pelos laços sociais. Além disso, o estudo demonstrou a importância do enfrentamento do preconceito racial nos diversos âmbitos sociais por meio do resgate e da manutenção da história do povo negro no Brasil e na diáspora. Desse modo, os processos identificatórios vividos pelos estudantes em diferentes territórios foram determinantes nas relações com esse Outro diferente em sua cor, ou nacionalidade.

**Palavras-chave:** Preconceito racial. Processo identificatório. Psicanálise.

## ABSTRACT

BARRETO, R. M. **Psychoanalytic contributions to the understanding of racial prejudice: A case study.** Dissertation (Master degree) - Graduate Program in Psychology, Federal University of Pará. 2017.

This dissertation focuses on a study of a case study on the contribution of psychoanalysis to the understanding of racial prejudice among students at the Federal University of Pará (UFPA). A study that directs the reflections on questions about racial relations between whites and blacks in Brazil, and their psychic unfolding in the subjective constructions of black subjects. This work is anchored from the psychoanalytical theoretical reference of the identification processes, the narcissism of the small differences and on issues related to the discursive construction on the racial prejudice that shows the racism as a social phenomenon. This is a research carried out through semi-structured interviews, with two UFPA students; A student of Brazilian nationality and a student of Guinean nationality who were victims of racial prejudice. The results showed a historical and cultural difference between the experiences of the Brazilian student and the Guinean student, both in Belém do Pará, Brazil. We find that the discursive construction of history on the culture of peoples and nations is a founding element of the construction of ideals in the identification process of each subject. Punctually we show some processes experienced in the face of racial prejudice. Among these processes, we find a constitution of white ego ideal intensified by the negation and inferiorization of the black subject's history in Brazil, an intense psychic suffering insofar as it breaks with the social constructs of the ideal of whiteness established by social bonds. In addition, the study demonstrated the importance of confronting racial prejudice in the various social spheres through the rescue and maintenance of the history of black people in Brazil and in the diaspora. In this way, the identification processes lived by the students in different territories were determinants in the relations with that Other different in their color, or nationality.

**Keywords:** Racial prejudice, Identification process, psychoanalysis.

*Não gosto da minha cor, quero ser branco...*

Cássio, 17 anos

## AVANT-PROPOS

Cássio, um jovem de 17 anos com os dilemas típicos de sua idade, se deparava com a questão da escolha profissional. Não diferente de outros jovens, Cássio encontrava dificuldades em decidir-se entre um curso de grande prestígio social, no qual manifestava o desejo de fazê-lo, e outro curso de menos expressividade social. Até então, nada de novo. Contudo, um dos impasses de Cássio consistia em não acreditar na sua capacidade de passar no vestibular e até mesmo cursar o curso desejado por achar que iria frequentar lugares “chiques” os quais “nunca tinha visto ninguém da minha cor nesses espaços”. Ou seja, espaços de prestígios e de representatividade de poder na sociedade. Por isso, não se achava no direito de estar nesses espaços. Ao justificar a sua segunda escolha, revelou que: “posso fazer outro curso no qual existem pessoas parecidas comigo, me sinto mais à vontade”.

Segundo Cássio, seus pais tinham a “cor escura” e lembravam, a todo o momento, que para uma pessoa de pele escura ser alguém, “precisava estudar muito e ser duas vezes melhor em tudo”. Ao longo do tempo, Cássio percebeu a veracidade do discurso dos pais de forma áspera: na relação com seus amigos, a comprovação daquilo que seus pais lhe disseram se concretizara em risos e piadas tais como: “seu preto encardido”, “nego sujo”, “betume de asfalto” entre outros. Entretanto, foi a partir de uma vivência no espaço escolar que o relato de Cássio tomou proporções significativas. Diante dos discursos naturalizados que ouvia na escola tais como “é preto, mas é inteligente”, “negro de alma branca” “é preto, mas é gente boa”, um fato específico foi particularmente vivenciado por Cássio de uma forma dolorosa por trazer à tona todo o peso do discurso racista.

Dentre as garotas na escola onde Cássio estudava, ele passou a interessar-se por uma menina branca. Até aí, nada de significativo. Essa garota, não muito diferente das outras, encarnava o ideal de beleza que a mídia e outros espaços de poder e de construção de mentalidades, elegeram como padrão: branca, corpo trabalhado, cabelos lisos e olhos claros. Provavelmente, foi esse padrão que Cássio, naquele momento, elegeu inconscientemente como modelo identificatório para sustentar sua escolha de objeto. Com os olhos marejados, Cássio descreveu o quanto aquela experiência fora sofrida. Extremamente tímido, como a maioria dos jovens negros em situação de vulnerabilidade social, Cássio relatou que entre uma brincadeira e outra, driblando a sua timidez, resolveu manifestar seu desejo de namorar a garota branca que lhe despertara sentimentos afetivos. Contudo, para a sua surpresa, Cássio é novamente impactado por uma das inúmeras manifestações ideológicas de racismo na sua

vida cotidiana. Embora tenha sido mais uma manifestação do racismo como acontecia frequentemente com Cássio, esse episódio fez com que ele negasse a sua condição de existência frente a realidade que se lhe apresentava naquele momento. Ao assumir revelar e declamar seu sentimento à garota branca, ela responde negativamente argumentando: “Não quero ficar com você. Você é feio e tem cabelo duro”. Posteriormente, Cássio presencia uma cena, na qual a garota declara seu sentimento para um garoto branco e de cabelos lisos. Ao chegar em casa Cássio, em prantos, se olha no espelho e disse: “*Não gosto da minha cor, quero ser branco...*”.

\*\*\*

O relato supra-apresentado nos leva a refletir sobre as questões acerca das relações raciais no Brasil e seus desdobramentos psíquicos nas construções subjetivas de sujeitos negros.

Desse modo, evocamos questões tais como:

- ✓ Como o sujeito negro é visto no Brasil?
- ✓ Por que as idéias de superioridade de uma raça sobre a outra ainda continuam presentes na sociedade?
- ✓ Em que e sobre o que os ideais que contribuem para o preconceito se sustentam?
- ✓ De que forma, nessas relações, está embutida a noção de preconceito por falta de referenciais identificatórios?
- ✓ Que imagem esses sujeitos constroem sobre si mesmos?

A história do racismo, como construção ideológica e/ou histórica de superioridade de uma raça sobre a outra, é tributária da história da humanidade e não apresenta sinais de apaziguamento. Debruçar-se sobre essas questões trazendo o passado para o presente e tecendo considerações sobre o futuro contribuirá para a construção de um discurso que permitirá tratar estas questões mais abertamente.

Nossa proposta é trabalhar, a partir do referencial teórico da psicanálise, questões ligadas ao racismo e à construção do discurso o que sustenta, o preconceito, a discriminação, dentre outras, visando a trazer reflexões que possam contribuir para transformações sociais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1. O RACISMO COMO MARCA HISTÓRICA .....</b>	<b>25</b>
1.1. Racismo: uma construção ideológica ou histórica? .....	25
1.2. O colonialismo: uma herança psicossocial .....	28
1.3. Mídia e racismo .....	32
1.4. Representação do negro e escravidão .....	36
<b>2. PRECONCEITO RACIAL E PSICANÁLISE.....</b>	<b>39</b>
2.1. Preconceito racial: uma construção discursiva .....	39
2.2. Aspectos conceituais do preconceito racial .....	43
2.3. Psicanálise e preconceito racial .....	46
<b>3. OS RUMOS DA PESQUISA .....</b>	<b>52</b>
3.1. Pesquisa e método em psicanálise .....	52
3.2. Entrevista, escuta e análise .....	55
3.3. A transferência na pesquisa .....	57
3.4. Fonte dos dados .....	58
<b>4. REVESES DO PRECONCEITO RACIAL: UMA ANÁLISE .....</b>	<b>60</b>
4.1. Carolina Maria de Jesus Hickmann: Mulher, negra e lésbica vivendo com o preconceito racial no Pará/Brasil .....	66
4.2. Clennon King Junior: Diáspora africana; uma experiência de relações raciais no Brasil/Pará .....	80
<b>5. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO

*“Me diz que sou ridículo,  
Nos teus olhos sou mal visto,  
Diz até tenho má índole,  
Mas, no fundo tu me achas bonito, lindo...”*  
(Banda Ilê Aiyê)

Esta dissertação tem como proposição temática a contribuição da psicanálise para a compreensão do preconceito racial de que estudantes negros brasileiros e estrangeiros são vítimas, na Universidade Federal do Pará (UFPA) seguido pelo arcabouço teórico dos estudos psicanalíticos e das ciências sociais. Traz como objetivo, analisar em que medida o preconceito racial pode influenciar o cotidiano na vida acadêmica, profissional e pessoal destes estudantes. Pretendemos, pois, apresentar diante dessa análise, de que forma, as dimensões das relações raciais estão embutidas de preconceitos subjetividade do estudante negro, na UFPA.

Esta pesquisa fundamenta-se diante de inquietações e indagações da minha trajetória acadêmica e profissional, voltada para discussão de temas ligado às relações raciais nas diversas instituições voltadas para educação. Seja dentro do movimento estudantil, seja como profissional na busca de novas formas para melhoria da qualidade do ensino e na formação educacional de sujeitos. Desde então, atuei como psicólogo e dediquei meu ofício, à escuta de jovens negros, estudantes e em situações de vulnerabilidade social, interpelado a todo o momento, sobre os impactos dessa relação na vida desses jovens estudantes. Daí, o interesse e o desejo de aprofundar os conhecimentos, na medida em que essa temática ganha ampla conotação na sociedade diante da subjetividade desse sujeito negro.

Na última década, essas conotações tomam um extenso contorno com muitos avanços no combate ao racismo e às desigualdades raciais que ocorrem no Brasil. Entretanto esses avanços, ainda não são suficientes para superar as desigualdades e a violência racial sofrida pelos negros na sociedade brasileira. Avanços como as políticas públicas de naturezas diversas, adotadas em diferentes níveis, como ações afirmativas na política de educação, saúde e emprego, têm sido capazes de impulsionar a construção das bases da igualdade racial. Apesar desses avanços, a ideologia do racismo ainda continua fortemente presente nas relações sociais do sujeito negro no Brasil, manifestada no preconceito racial sob atitudes discriminatórias.

Entre os avanços nas políticas públicas temos as ações afirmativas e a conquista das cotas nas universidades do Brasil. Atualmente, tomando por base o conceito de Santos (2003), as políticas de ações afirmativas se expressam como um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate ao preconceito racial, bem como corrigir ou abrandar os efeitos presentes da discriminação praticados no passado, objetivando a concretização da efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como educação e emprego. Essas políticas de acesso ao ensino superior trouxeram a presença maciça de estudantes negros e em situação pauperizadas a cursos que historicamente e tradicionalmente não se observava. Contudo, essas ações não têm sido suficientes para diminuir o preconceito racial sofrido por estudantes negros nas universidades, por parte de professores, funcionários, ou até mesmo colegas de turma em sala de aula. Esses estudantes também encontraram inúmeras e agudas dificuldades para permanecer no curso superior, tanto em nível estrutural (recursos financeiros) quanto ao nível psicológico devido aos discursos preconceituosos proferidos, por parte de docentes ou colegas de turma.

Outra dificuldade marcante pode ser percebida nas construções históricas discursivas sobre a "democracia racial" brasileira, ser negro é, por exemplo, ser feio, sujo e ter pouca inteligência. Construções históricas carregadas de concepções negativas sobre esse sujeito negro. Esse discurso pode ser percebido em diversas atitudes discriminatórias nos espaços públicos como o travamento de portas de bancos, o olhar acintoso para pessoas negras em lojas de grife nos shoppings, revistas malévolas e invasivas, o popular "baculejo", por parte de policiais militares em lugares públicos e os sujeitos psíquicos vítimas têm, em sua grande maioria, a cor negra. Segundo Guimarães (2008), a clínica de pacientes negros tem mostrado que as repercussões psíquicas dessas vivências, em um meio ambiente nada bom, enfim, ambiente hostil são o suficiente para repercutir como humilhação social, baixa estima, timidez excessiva, irritabilidade, ansiedade intensa, estados fóbicos, hipertensão, depressão, obesidade, agressividade intra ou intersubjetiva, uso abusivo de álcool ou outras drogas, entre outras.

Para fomentar a acuidade dessa pesquisa no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP-UFGA), essas dificuldades em torno das relações raciais são acentuadas quando percebemos que a temática foi pouco investigada pela psicologia e pela psicanálise, tendo sido historicamente debatida e enfrentada pelas organizações da sociedade civil. Com destaque, aqui no Pará, para o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará – CEDENPA e mais tardiamente pelo Conselho Municipal do Negro, que foi pioneiro em formular projeto de

atendimento psicológico às pessoas vítimas de preconceito e discriminação racial no Pará, no ano de 2000. Em particular, nas universidades públicas que promoveram as cotas como ações afirmativas em seus departamentos, pouco são os programas que têm dado uma atenção especial (suporte psicológico) para estudantes negros nessas universidades federais, na UFPA, contamos com a Casa Brasil África (CBA)<sup>1</sup>. Entretanto, os estudantes negros diariamente têm sido hostilizados por parte da sociedade e de vários setores da mídia e poderes públicos com relação às cotas e a presença desses “estrangeiros negros” nas universidades.

Destarte, este trabalho estará ancorado nos estudos antropológicos sobre o conceito de racismo e preconceito racial tendo em vista os processos identificatórios envolvidos nas relações raciais no Brasil e seguidos de dois estudos de casos com estudantes negros brasileiros e estudante guineense da universidade Federal do Pará.

Ao tomar como ponto partida o conceito do racismo, essa pesquisa buscará investigar o processo de subjetivação de estudantes negros brasileiros e estudantes negros guineense na UFPA visando a ampliar o universo de compreensão a respeito dos aspectos psíquicos em torno do preconceito racial sofrido na universidade ou na vida cotidiana.

As tensões entre diferentes ênfases, concepções e práticas sociais mostram que a questão do racismo é extremamente complexa. Exige de nós um olhar cuidadoso e atento quando nos aproximamos da questão das relações raciais. O racismo apresenta-se como um campo ideológico que violenta e nega a condição de sujeito diante da relação com o outro. Atualmente suas facetas se apresentam nos fenômenos como preconceito e discriminação que remetem à complexidade da desigualdade impedindo o desenvolvimento humano integral e a ocupação de espaços sociais e de constituição de poder na sociedade brasileira.

Nesse aspecto, Munanga (2003, p.6-7) define o racismo como:

Uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas.

No Brasil, esse racismo vivenciado por sujeitos negros tem suas raízes na barbárie da escravidão e se estende ao século XXI. Às vezes, de modo sutil que reforça quotidianamente o sofrimento psíquico vivido pelo povo negro na diáspora americana. Quijano (2005), fala sobre

---

<sup>1</sup> A Casa Brasil África foi proposta pelo Grupo de Estudos Afro-Amazônico, o primeiro NEAB da UFPA, e criada através da Portaria nº 3313/2006, estando vinculada à Pró-reitora de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pará (PROINTER/UFPA). A CBP tem como um dos seus objetivos apoiar os estudantes negros e africanos em suas atividades acadêmicas e culturais na UFPA e fomentar sua participação em todos os espaços institucionais.

o processo de globalização que culminou na constituição da América e do capitalismo colonial, moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder e privilégio. Poder que tem como eixo estruturante a classificação social da população mundial de acordo com a idéia de raça, uma construção mental que expressa à experiência básica da dominação colonial e que permeia as dimensões mais importantes do poder mundial: a colonialidade do poder. Fundamentos identitários construídos para fins de dominação e exploração para manter hierarquias, lugares e papéis sociais.

No livro “Discurso sobre o colonialismo” de Cesárie (1978), o autor mobiliza a indignação e a ação política para o combate contra o processo de colonização que se exercita na violência, acomoda-se e transforma um mundo no modelo de civilização européia. O substrato que dá condições para esse treino, evidentemente, é o racismo. Amador de Deus (2012) aponta que esse racismo traz como um dos seus suportes a crença na naturalização da superioridade do colonizador. Essa naturalização aparece como um dos fundamentos da superioridade de uma cultura em relação a outras. Partindo desse ponto de vista, o colonizador estabelece uma relação embrionária com o racismo nos seus aspectos funcionais, de modo a operacionalizar estratégias para manter o poder e o privilégio diante do colonizado, além de formar um pensamento de subjugação dos valores desse que o explora e o domina.

Lamentavelmente o racismo foi legitimado pelas teorias eugênistas e naturalizantes tomando por base uma ciência positivista e determinista (SCHWARCZ, 2001). No século XIX, foram introduzidas no Brasil, idéias tais como o positivismo, o evolucionismo social e o darwinismo social que seriam utilizados como importantes aportes teóricos para a construção das teorias sobre a relação entre raça e alienação mental. Pensadores como Nina Rodrigues e Arthur Ramos tiveram idéias fundamentadas no pensamento racial europeu, instrumental, conservador e autoritário, que definia identidade nacional respaldado nas hierarquias sociais cristalizadas dentro de uma perspectiva eurocêntrica. O resultado dessas ideias e teorias corroboraram profundamente com a negação e a invisibilidade dos negros no Brasil. Essas teorias se enraizaram, profundamente no imaginário brasileiro, o que colocou o próprio negro na condição de inferioridade e desigualdade nas relações sociais, econômicas e raciais. Reis Filho (2005) revela que Gilberto Freire em sua obra “Casa Grande Senzala” na década de 1930 trouxe grande influência na cultura brasileira, defendendo a miscigenação e o grande sucesso da colonização portuguesa nos trópicos, contribuindo para a manutenção do mito da democracia racial.

Estudos de Fanon (2008), Souza (1983), Nogueira (1998), Reis Filho (2005) apontam

que o desenvolvimento do sujeito negro na sociedade brasileira é marcado por uma experiência sistemática de discriminação, preconceito e ofensa à cor da sua pele que gera um processo identificatório, nos quais esse sujeito tem dificuldade em reconhecer a si próprio. Dessa forma, o negro não se reconhece como tal e nem se identifica com seus elementos culturais; não afirma sua estética corporal e não se vê em elementos identificatórios na sociedade (mídia televisiva, propagandas, dentre outros). Nos filmes pornográficos, esses reconhecimento, inevitavelmente passa pela exposição e hipersexualização corpo negro (mulher/homem) como uma marca do preconceito racial no imaginário social. A exemplo de filmes pornô onde o homem negro é valorizado a partir do tamanho de seu órgão sexual, bem como a mulher negra “fogosa” e “boa de cama” em propagandas televisivas e programas televisivos. Dessa forma, o não reconhecimento desse lugar não os faz reconhecer a si próprio, ou se colocar como algo negativo e desvalorizado.

Moore (2007, p.22) revela que:

Com efeito, desde o seu início, na antiguidade o racismo sempre foi uma realidade social e cultural pautada exclusivamente no fenótipo, antes de ser um fenômeno político pautado na biologia. O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta a negação ou a confusão. É ele, não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social; que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações raciais.

No entanto, Moore (2007) revela que a produção ideológica do racismo no Brasil retira a sensibilidade dos seres humanos conduzindo a uma trivialização e banalização do sofrimento psíquico. De modo que, o reconhecimento desse Outro diferente se opõe ao narcisismo, nesse caso, torna-se necessário uma mudança estrutural na história e uma transformação na dinâmica psíquica de sujeitos para que ocorra essa variação. Essa barreira de incompreensão e rejeição ontológica do outro encontrou sua sustentabilidade no mito ideológico da democracia racial constituindo-se uma barreira praticamente impermeável no avanço e combate ao racismo na sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, a edificação desse discurso ideológico sobre a construção identitárias do negro na sociedade se configura num prejuízo nas relações de identidades pautadas na hegemonia de referências identificatórias de uma cultura eurocêntrica.

Desse modo, o conceito de processo identificatório será o ponto de ancoramento da dissertação e que considero importante por reunir questões cruciais: o conceito de identidade para psicanálise e o mecanismo de identificações na construção dessa identidade. Para a psicanálise, o conceito de identidade só pode ser pensado de maneira dinâmica por ser

dependente dos processos identificatórios (CECCARELLI, 2013).

Dentre os elementos presentes nesse processo, que oferecem possibilidades identificatórias às pulsões, estão os ideais sociais. Entretanto, quando esses ideais não levam em conta os mitos de origem, no caso, referências que representam a cultura negra no Brasil, o encontro entre esses ideais e os mitos de origem pode produzir efeitos traumáticos ou mesmo desorganizador. Assim reafirma Ceccarelli (2007, p. 189) que:

É neste sentido que falamos de “perda identitárias”: sendo a identidade um processo dinâmico sustentado pelas identificações constitutivas do Eu (Freud, [1923] 1976), a perda de referências identificatórias paralisa a circulação pulsional, pois o novo universo simbólico em que o sujeito se vê inserido é gerador de angústia. Este estado de coisas pode produzir efeitos devastadores no sujeito, pois afeta diretamente os conteúdos recalçados, fazendo com que a ligação afeto/representação se desfaça.

Agrupar todas estas questões que se apresentam não tem sido uma tarefa fácil. Primeiro porque o estudo do processo identificatório suscitava articulações teóricas com outras áreas do conhecimento, visto a interface com conceito de identidade, e em segundo porque foi preciso recorrer a vários outros trabalhos sobre os aspectos do preconceito racial e abstrair o que seria mais significativo para esta pesquisa.

Com isso, penso ser importante trazer para o bojo dessa pesquisa, aspectos psíquicos de sujeitos negros (um estudante da República da Guiné-Bissau e uma estudante do Brasil) que vivenciaram experiências de preconceito racial dentro e/ou fora da UFPA. Pretendo que essa pesquisa possa contribuir para uma discussão sobre a transcendência dos efeitos sociais perversos do racismo, tanto das desigualdades sociais e econômicas quanto na dinâmica psíquica que se manifestam em menor visibilidade, ou que não são vistas a olhos nus.

Essa pesquisa terá um como objeto a escuta de sujeitos negros fora do espaço clínico analítico. Analisar sujeitos negros não difere de qualquer outro sujeito. Entretanto, penso que a escuta analítica nesse contexto traz uma especificidade. A situação de preconceito e discriminação que esses sujeitos carregam ao longo da sua história ou em algum momento da sua história. Assim, no momento em que esse sujeito é hostilizado por conta da sua cor e leva essa demanda como um dado, isso se torna um conteúdo real e importante diante do contexto atual que as iniquidades e as desigualdades em torno do sujeito negro têm produzido subjetividades e novos processos identificatórios.

A obtenção dos dados desses sujeitos não se dará no consultório. Contudo usarei a regra fundamental para a escuta desses sujeitos que será a entrevista semi-estruturada. Com

isso, não há impedimentos para que a psicanálise ocorra fora do consultório. É preciso ser flexível e alterar a técnica para que se possa fazer psicanálise, tendo em vista que Freud soube escutar sujeitos durante suas férias nos Alpes e também durante caminhadas, e a psicanálise no Brasil penetrou nas Universidades e se estendeu para o Sistema Único de Saúde (SUS).

Conforme os escritos de Freud (1923), a pesquisa e a atividade clínica do psicanalista são inseparáveis. No entanto, para além da pesquisa clínica, é possível analisar fenômenos sociais, obras de arte, música, poesia e outras áreas do conhecimento. No texto “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (FREUD, 1919) revela que uma das importâncias da psicanálise na formação acadêmica é que a aplicação do seu método não está confinada ao campo dos distúrbios psicológicos ou até mesmo fenômenos psicossociais engendrado pelo racismo que atinge sujeitos de determinada cor de pele no Brasil, mas estende-se a solução de problemas da arte, filosofia e religião.

A escolha da minha pesquisa passa por motivações e inclinações vividas pelo processo de formação profissional e experiências com o fenômeno do racismo. Diante disso, Fédida (1992) ressalta que a contribuição mais legítima que podemos extrair do percurso de Freud é que o pesquisador psicanalítico é movido por sua subjetividade ao analisar um dado de pesquisa. Este sempre esteve movido por suas inclinações pessoais diante dos dados de sua pesquisa e foi graças a interferência subjetiva que a Psicanálise nasceu como uma teoria, um método e uma prática clínica. Ceccarelli (2010) ressalta ainda que o que mobiliza na pesquisa é aquilo que reativa, via transferência, complexos inconscientes recalçados. Revela ainda que o tema da pesquisa o que interpela o sujeito, e cuja origem ele desconhece; algo que o inquieta podendo provocar estranheza (*Unheimlich*), pois vindo de outro lugar ao mesmo tempo tão longe e tão familiar: o tema escolhido, sobretudo, na área das humanas e em particular na psicanálise nunca é por acaso, pois guarda relações, via sublimação, com as raízes da sexualidade infantil (FREUD, 1905).

É nesse movimento que o reencontro das produções inconscientes que o objeto dessa pesquisa foi escolhido; para um reencontro com a realidade singular e subjetivo na condição de sujeito e psicólogo negro. O instrumento de coleta de dados será a entrevista semi-estruturada, que além de ser um instrumento fundamental do método clínico é uma técnica de investigação dos fenômenos psicológicos (BLEGER, 2007). A escuta das entrevistas deve seguir os mesmos procedimentos usados na clínica psicanalítica: a associação livre, a escuta flutuante e análise da transferência.

Mezan (1994), tratando da pesquisa em psicanálise, traz uma importante contribuição

ao analisar o discurso como elemento necessário para compreensão do inconsciente em suas complexas articulações. O primeiro procedimento básico, segundo o autor, é a coleta de dados ou o que se conhece comumente enquanto pesquisa de campo. O segundo momento seria o de reflexão, sendo este o distanciamento necessário do objeto de estudo para que se possa analisá-lo com o objetivo de compreendê-lo. Pode ser comparado ao trabalho de um antropólogo que, após interagir de alguma forma com os sujeitos da pesquisa, precisa recorrer a uma reflexão, alicerçada em uma teoria, para poder elucidar ou lapidar o material coletado.

A escolha da entrevista semi-estruturada como método oportunizará aos sujeitos da pesquisa não somente sustentar o desejo da escuta, mas revelar nuance da escuta analítica sobre os impactos do preconceito racial na subjetividade desses sujeitos. A entrevista será apoiada na escuta flutuante do entrevistador e a associação livre do entrevistando.

Não se pode confundir a pesquisa em psicanálise com a pesquisa psicanalítica, mas pode-se e deve-se sustentar a atitude clínica da psicanálise na pesquisa em psicanálise: a escuta. De acordo com Freud (1912), o “rumo” da escuta está não no direcionamento, mas em manter a atenção continuamente suspensa diante de tudo o que se escuta, o que permite a perspectiva de surpreender-se diante ao conteúdo do discurso do entrevistando, pois, o conteúdo inconsciente não se apresenta na lógica temporal.

Conforme Figueiredo e Minerbo (2006), o conteúdo que a entrevista oferece ao pesquisador é descoberto e sustentado pela e na interpretação analítica, graças à transferência e contratransferência, presentes na relação analítica que se apresenta e se desenvolve entre o entrevistado e o entrevistador. Diante disso, a pesquisa em psicanálise não deseja comprovar ou validar hipóteses, mas dar sentido ao que é dito, cuja construção passa indubitavelmente pela transferência, que reedita as tramas psíquicas do entrevistado.

Para este primeiro capítulo recorrerei, a reflexões próprias do campo da sociologia e da antropologia, que me permitirão analisar as marcas do racismo na sociedade e as condições históricas e discursivas da representação do negro no Brasil.

No segundo capítulo abordarei o fenômeno do preconceito racial, numa perspectiva histórica e psicanalítica. O objetivo central é realizar uma breve análise conceitual do termo raça, a origem do preconceito racial e a compreensão da psicanálise diante desse fenômeno, bem como seus impactos no sujeito negro.

No terceiro capítulo apresentarei os fundamentos metodológicos da pesquisa em psicanálise por meio da escuta psicanalítica diante do conteúdo discursivo dos entrevistados. A escuta das entrevistas seguirá os mesmos procedimentos usados na clínica psicanalítica: a

associação livre, a escuta flutuante e análise da transferência.

O quarto capítulo estará dedicado a análise dos dados obtidos por meio de entrevista semi-estruturada, de dois estudos de casos, procurei encontrar nas vivências dos estudantes, relatos em que o preconceito racial tenha se tornado uma marca da presença do fenômeno do racismo como elementos substanciais de configurações psíquicas. Dentre os sujeitos da pesquisa escolhidos temos uma jovem estudante, negra, brasileira, no momento cursando Ciências Sociais na UFPA, moradora de Belém – PA e um jovem estudante, negro, guineense, no momento cursando Biomedicina na UFPA. Momento em que a reflexão teórica se articulará com os conteúdos trazidos pelos sujeitos da pesquisa. Aqui encontraremos um laborioso trabalho pautado nas possibilidades de criar associações, dando sentido às palavras pelo qual a se fará escuta por meio da relação transferencial.

O quinto e último capítulo será reservado às considerações provisórias, uma vez que não tenho a pretensão de esgotamento do tema, mas de abrir caminhos que, possam construir trajetórias que contribuam para uma escuta clínica capaz de buscar elementos para explicar a natureza dos processos psíquicos que constituem a realidade subjetiva comum aos sujeitos negros.

## 1. O RACISMO COMO MARCA HISTÓRICA

*“Podemos sorrir, nada mais nos impede, não dá pra fugir dessa coisa de pele, sentida por nós, desatando os nós, sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora. E a nossa canção pelas ruas e bares, nos traz a razão, lembrando palmares...”*  
(Jorge Aragão)

Esse capítulo estará dedicado à edificação de um arcabouço argumentativo na tentativa de evidenciar o discurso construído ao longo da história sobre o preconceito e a discriminação racial em sujeitos negros na sociedade brasileira. Com isso, tentarei apresentar algumas teorias de autores que contribuem de forma significativa para essa discussão.

A questão racial sempre foi alvo de um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, raça e outras características que giram em torno da existência do ser humano no mundo. Essa mesma questão racial sempre foi alvo de estudos, concepções teóricas e as diversas práticas sociais em torno do conceito do racismo é algo bastante complexo. Ao longo da história essas concepções tomaram rumos distintos de acordo com os interesses da ciência e da pauta política que determina seus destinos.

Racismo: construção ideológica ou uma construção histórica? Eis aqui uma questão a qual Moore (2007) apresenta quando discorre sobre as bases epistemológicas do racismo que trataremos com maior detalhe mais adiante. Entender a questão tornar-se-á fundamental para o entendimento de comportamentos discriminatórios e ideias preconceituosas que permeiam o imaginário social e a permanência de um discurso racista. Um discurso eminentemente patológico e perverso que produz subjetividades e sofrimento psíquico a quem lhes são proferidos.

### 1.1. Racismo: uma construção ideológica ou histórica?

Moore (2007) percorre um longo caminho por bases históricas para tentar identificar a gênese do racismo. Dentre esse caminho mostra a evidência que o racismo sempre esteve presente na humanidade e antecede a história da colonização e escravidão dos povos do continente africano. Esse discurso racial percorre e permanece na história utilizando as mídias; as instituições; a ciência e outros instrumentos de poder como instrumentos de

atualização, ressignificação e manutenção de privilégios.

Para corroborar com essa ideia autores como Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques D'Adesky (2002), afirmam que o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variadas formas, em diferentes contextos e sociedades. Segundo eles, o racismo se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional.

Na forma individual, o racismo manifesta-se por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos; podendo atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos. É o que vemos quando nos reportamos ao extinto regime do *Apartheid* na África do Sul ou os conflitos raciais nos Estados Unidos, sobretudo, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. No Brasil, esse tipo de racismo também existe, mas geralmente é camuflado pela mídia.

A forma institucional do racismo, ainda segundo os autores supracitados, implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento de minorias em determinados bairros, escolas e empregos. No que diz respeito à população negra, a situação social, quando o foco é a família e o domicílio, evoluiu nitidamente entre 2001 e 2012, e essa evolução foi mais pronunciada para a população negra. As diferenças persistem, evidenciando que os esforços de universalização das políticas públicas não se mostram suficientes quando se trata de combate às desigualdades raciais (IPEA, 2014). Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada. Questão que trataremos posteriormente de forma mais detalhada. Sem deixar de analisar o contexto atual, o cenário que hoje podemos observar de um estado intervencionista são a perseguição sistemática e o extermínio físico (genocídio, limpeza étnica e tortura), como ocorreu na Alemanha nazista com o povo judeu.

Pensar as discussões sobre raça nos remete a três episódios marcantes na história da humanidade: a escravidão dos povos africanos, a exterminação dos povos indígenas no Brasil e o genocídio dos povos judeus na Europa. Para dar seguimento às discussões sobre as relações raciais, precisamos necessariamente trazer à tona as questões e definições sobre o conceito de raça. Portanto, remeto aqui as ideias de Munanga (2004) que revela:

[...] etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada. (p.16)

Ao seguir seu texto, Munanga (2004) apresenta elementos significativos na história para demonstrar a transformação conceitual numa dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, “*ipso facto*”, possuem algumas características físicas em comum. Essas novas conotações para o uso do termo serviram posteriormente para classificação da diversidade humana, ou seja, partindo de uma concepção biológica conceitual para humana como vemos a seguir:

Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominadas raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição aos Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvesse diferenças morfológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (p. 16-17)

Nesses termos, a citação evidencia de forma consistente, a grande discussão que as ciências fazem em torno do termo raça e sua legitimidade para a implantação de políticas públicas para a população negra no país e no mundo. Nota-se que essa discussão toma conotações diferenciadas ao longo da história que precisam ser consideradas e analisadas no debate atual.

Segundo Gomes (2012), o termo raça, presente nas relações entre negros, brancos, amarelos e indígenas no Brasil não se refere ao conceito biológico de raças humanas usados em contextos de dominação, como foi o caso do nazismo de Hitler, na Alemanha. Com isso, o Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo raça, não o fazem alicerçado na ideia de raças superiores e inferiores como originalmente eram usadas no período supracitado. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e

política do referido termo.

O termo raça, atualmente ainda é usado porque o preconceito racial e o racismo que existem na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas (GOMES, 2012).

Reis Filho (2005) em sua tese apresenta uma passagem da autobiografia de Freud que revela a sua peculiaridade de ser judeu, numa época de intensa insegurança, geradora de angústia, quanto ao mundo dos judeus em que eram marginalizados na sociedade por causa de supostas diferenças biológicas e psicológicas inatas.

Em seu “Estudo autobiográfico” (1926) lemos:

Nasci a 6 de maio de 1856 em Freiberg, na Moravia onde agora é situada a Tchecoslováquia. Meus pais eram judeus e eu próprio continuei judeu. Quando em 1873 ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior ou estranho por que eu era judeu. Recusei-me de maneira absoluta a fazer a primeira dessas coisas. Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começaram a dizer da minha raça. (p.18-19)

Portanto, a categoria raça e a relação de hostilidade com esse aspecto da vida humana sempre esteve presente na vida de Freud. Talvez, inconscientemente essa seria uma das motivações para Freud desenvolver seus estudos sobre as relações humanas diante do objeto que sempre contornou sua vida.

Essa passagem de Freud em seu estudo autobiográfico deixa claro a evidencia de uma marca, não diferente do sujeito negro numa sociedade identificada por sujeitos brancos que sempre deteve o poder e o privilegio na história da humanidade. Essa marca, aos quais esses povos seguem sendo sistematicamente submetidos em um lugar de inferioridade, tem produzido desigualdades sociais e sofrimento psíquico de consequências devastadoras a uma grande parcela da população negra na sociedade.

## 1.2. O colonialismo: uma herança psicossocial

Para tratar o colonialismo como herança psicossocial, apresentaremos brevemente a releitura reflexiva de Fanon (2008). Fanon faz uma análise da obra de Octave Manonni “Psychologie de la Colonisation”, psiquiatra que trata das relações coloniais. Manonni abordou o racismo colonial como uma atitude de indivíduos ou classes específicas. Estudando

o caso da África do Sul, afirmou que o proletariado branco (que competia por trabalho com africanos diariamente) assumia uma postura muito mais racista do que a elite colonial. Defendeu assim a possibilidade de existirem diversos “graus” de racismo, dependendo do tipo de exploração e da cultura local. Em Manonni (1950), o racismo aparece numa concepção mais elástica e superficial, vinculado às atitudes discriminatórias que nascem da cultura de uma classe social ou de um povo. O tipo de exploração colonial, para ele, portanto, difere dos outros tipos de exploração. Assim como o racismo colonial não se equivale a outras formas de racismo. Posição questionada mais adiante pelo próprio Fanon.

Amador de Deus (2008), em sua tese apresenta o conceito de racismo como um fenômeno o que tem como um de seus suportes a crença na naturalização da superioridade do colonizador. E, em consequência, a naturalização da existência de grupos hierarquizados. A causa da hierarquia não é fixa. Ela adquire e adquiriu várias formas ao longo do tempo.

Reafirma ainda, que a suposta causa se fundamentou na primazia da superioridade de cultura em relação a outras culturas. Em outros momentos, a causa encontra resposta na biologia, e então, as causas, superioridade cultural e superioridade biológica se misturam se fundem e passam a constituir um fenômeno complexo capaz de englobar os aspectos físicos, moral, intelectual e cultural dos grupos em situação de subalternidade. Diante da colocação desse conceito, percebe-se o quanto essas ideias naturalizaram os discursos proferidos aos negros colonizados na África e na metrópole.

A partir das críticas às ideias de Manonni (1950), Fanon coloca-se num polo oposto. Para ele, o proletariado branco da África do Sul é racista não por uma especificidade cotidiana ou cultural, mas pelo fato do racismo existir como elemento estrutural na sociedade sul-africana. Tratar-se-ia de uma estrutura muito profunda, que envolve as esferas econômica, social e psicológica. Esfera que servem como aporte para sustentação dos ideais identificatórios dos sujeitos perante a construção dos laços sociais. Dentro dessa concepção, uma sociedade que é racista é racista por inteiro, não dependendo dos setores sociais ou culturais nos quais a discriminação emergirá com mais evidência. As atitudes de discriminação diretas são apenas sintomas de um sistema muito mais profundo. Para Fanon (2008), portanto, aqueles que assumem uma atitude discriminatória não são necessariamente mais racistas do que àqueles que assumem o papel de cúmplices passivos dessas ações. A discriminação direta seria apenas a “ponta do iceberg”.

As ideias de Fanon como contraponto a Manonni, não foram inéditas quando apresentadas. Ele recebeu influência significativa das discussões sobre o racismo feitas por

Sartre (1960), que tratou profundamente do antissemitismo europeu em “Reflexões sobre o racismo”. Afinal, Sartre já trazia, ali, a noção de racismo como fato estrutural da sociedade. Veremos que a novidade em Fanon será levar esta tese sartreana para o campo psicológico e para a sociedade colonial. O autor, após desmontar as ideias de Manonni, apresenta seu ponto de partida, bastante incisivo:

Dizíamos a pouco que a África do Sul tem uma estrutura racista. Agora vamos mais longe, dizendo que a Europa tem uma estrutura racista. Há na Martinica duzentos brancos que se julgam superiores a trezentos mil elementos de cor. Na África do Sul devem existir dois milhões de brancos para aproximadamente treze milhões de nativos, e nunca passou pela cabeça de nenhum nativo sentir-se superior a nenhum branco. (FANON, 2008, p. 90).

Através do complexo de autoridade, justifica-se a sujeição de outros grupos humanos, nascendo também à necessidade de classificação e hierarquização dos mesmos em raças ou etnias. A partir desta demanda, segundo Fanon, é criada a ideia do negro, pela dicotomia com o branco. Afirma que: “Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (p. 90).

Apesar de Fanon não tratar dessa invenção do negro na temporalidade histórica, ele parece abordá-la no contexto da colonização da era industrial. Sabemos, porém, que desde finais do século XV, nos primeiros contatos de portugueses com populações africanas na costa atlântica, os europeus já se referiam aos africanos como pretos ou negros. A questão central é que esta marca não ocupava a posição central, que ganhou a partir do século XIX. O complexo de inferioridade do colonizado começa, para Fanon, na infância, uma vez que há uma divergência profunda entre o universo infantil das referências familiares e o universo público, marcado pela dominação e tutela européia.

Para uma criança européia, que sai do ambiente doméstico para o público, há uma coerência entre as figuras do universo familiar (alicerces da psique) e os símbolos coletivos e nacionais. As referências coletivas, para o branco, falam sobre sua família, seus pais e sobre ele próprio. O mesmo não ocorre com o colonizado, como nos diz Fanon: “uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco”. (p. 94).

Há três elementos essenciais para o sistema de referências do inconsciente da coletividade que criam essa cisão. O primeiro deles é a nação, que se manifesta através de um conjunto de símbolos: heróis nacionais, a história nacional, o exército, o líder político, entre outras. Estes são, segundo Fanon, figuras associadas à paternidade. Para a criança negra

martinicana, impõem-se referências européias, incoerentes com as de seu inconsciente. Além disso, os colonos são aqueles que têm prestígio social, poder e riqueza, reproduzindo cotidianamente a superioridade do branco. Por último, Fanon aborda outro elemento decisivo no universo de referências infantis e juvenis, que em sua época eram as Revistas ilustradas. Este material ocupava o papel que hoje ocupam os programas de TV, animações e os videogames. Sobre as quais afirma:

Em toda a sociedade, em toda coletividade, existe e deve existir um canal, uma porta de saída pela qual as energias acumuladas, sob forma de agressividade, possam ser liberadas. (...) É isso que tendem os jogos para crianças (...) e de modo mais geral as revistas ilustradas para os jovens, cada tipo de sociedade exigindo, naturalmente, uma forma de catarse determinada. As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos e destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas e outras colônias os mesmos periódicos ilustrados são consumidos pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do mal, o Mal, o Selvagem são sempre representados por um preto ou um índio. E como sempre há identificação com o vencedor, o menino negro torna-se (em suas fantasias) o explorador, aventureiro, missionário que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados tanto como o menino branco. (FANON, 2008, p. 130 – 131)

Vemos, portanto, que o universo de referências de uma criança negra, num ambiente colonial não a enxerga. E, quando o faz, sua imagem é inferiorizada ou negativa. As consequências psíquicas dessa ruptura são significativas, como nos mostra Fanon. Surge, então, a necessidade de uma ação conjunta sobre o indivíduo e sobre o grupo. Fanon afirma que como psicanalista, deve ajudar o sujeito negro a conscientizar seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas sim a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais.

Com isso, Fanon (2008) sugere em suas palavras, que o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe criar dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, seu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, o objetivo será uma vez esclarecido às causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais.

### 1.3. Mídia e racismo

Trago aqui, uma questão crucial na manutenção e perpetuação de um discurso, cujo âncora principal é produzir em massa, opiniões que corroborem com o falso mito da democracia racial, ou até mesmo, mostrar a representatividade do negro diante da sociedade e suas relações entre brancos e negros no Brasil. Com isso, antes de discorrer sobre a inserção do negro na mídia brasileira é necessário apresentar aqui o conceito de mídia. De acordo com a definição de Aurélio “mídia” vem do inglês (mass) media, ‘meios de comunicação (de massa)’; o inglês media, por sua vez, advém do neutro plural do latim medium, ‘meio’, ‘centro’; é a forma substantiva do adjetivo latino medius, a um, ‘que está no meio’, inicialmente usado na acepção geral de ‘meio’, ‘meio termo’. Desse modo, Ceccarelli (2000) define Mídia como:

O conjunto dos meios de comunicação, e que inclui, indistintamente, diferentes veículos, recursos e técnicas, como, p. ex., jornal, rádio, televisão, cinema, outdoor, página impressa, propaganda, mala-direta, balão inflável, anúncio em site da Internet, etc. “Mídia” significa também “O conjunto de meios de comunicação selecionados para a veiculação de mensagem ou de campanha publicitária (p. 76)

Mídia no mundo contemporâneo também passa a significar todo o conjunto material e imaterial que compõe o universo da comunicação social e a sua dinâmica como uma necessidade existencial das sociedades modernas, e do qual as pessoas cada vez mais dependem para gerir processos individuais ou coletivos, seja na vida familiar, afetiva, social, no mundo do trabalho, etc.

A internet é sem dúvida uma das ferramentas mais eficazes na mídia. Ferramentas como o e-mail, “Facebook”, “Skype” e “WhatsApp” tornaram as pessoas mais próximas e criaram novas comunidades online. Essas novas redes sociais têm transformado a forma com que as pessoas se organizam e se identificam. Nessa relação, Wolf (2003) revela que essas novas tecnologias constituem, simultaneamente, um importantíssimo sector industrial, um universo simbólico objeto de um consumo maciço, um investimento tecnológico em contínua expansão, uma experiência individual quotidiana, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social. A constituição desse universo simbólico e de agregação cultural tem trazido novas referências identificatórias para comunidade negra diante a ausência na mídia e pela forma estereotipada com que exibem as (os) negras (os) nesses espaços.

A ausência do negro ou sua imagem inferiorizada, quando aparece nas telenovelas, séries, propagandas, programa de entretenimento e entre outros produtos produzidos pela mídia brasileira são consequências de uma desigualdade social gerado pelo preconceito racial,

sobretudo, contra a população negra do país. População que representa uma grande parcela de povos marginalizados e que apresentam os indicadores sociais mais desfavoráveis. Encontra-se aqui uma reprodução de estereótipos tradicionais como o negro que gosta de samba, mora na favela ou em bairros periféricos, atua no núcleo violento onde há criminalidade, ou ocupa cargos como porteiros, motoristas, secretários e empregadas domésticas. Além disso, as pesquisas evidenciam que as imagens dos negros produzidos nos grandes meios de comunicação da massa são estereotipadas e tais representações influenciam na compreensão que a comunidade negra tem de si mesmo. Assim como também, as imagens que outros grupos étnicos, no caso, que os brancos fazem dele. Não obstante, é a minoria de pessoas brancas, economicamente dominantes, que detém o monopólio dos meios de comunicação de massa no Brasil.

Cabecinhas (2002), revela que os meios de comunicação social de massa têm uma importante responsabilidade na formação dos estereótipos devido à maneira simplista e enviesada como determinadas minorias étnicas eram descritas, em especial a comunidade negra, que embora depare em maior quantidade no Brasil, não se apresenta em grande maioria nos espaços de poder e privilegio na sociedade. Afirma ainda que os estereótipos configuram-se como generalizações abusivas, irracionais, perigosas e suas mudanças seriam difíceis e exigindo um longo processo de educação crítica. Os estereótipos negativos sobre a comunidade negra, como tem mostrado a grande mídia, justificariam os comportamentos discriminatórios, contribuindo para a manutenção do *status quo*.

Segundo Araújo (2001) na sociedade brasileira, no início do século XXI, as (os) negras (os) continuam vivendo as mesmas experiências desagregadoras de uma autoimagem depreciativa, gerada por uma identidade racial negativa e reforçada pela indústria cultural brasileira, a qual insiste no ideal de branqueamento como referências identificatórias. O debate teórico sobre o branqueamento, no seu plano ideológico ou cultural, vem sendo amplamente discutido por Figueiredo (2002) e Bento e Carone (2002) como uma interiorização dos modelos culturais brancos pelo segmento negro, implicando a perda do seu *ethos* de matriz africana.

As recentes transformações na sociedade, sobretudo, por causa da atuação reivindicatória dos movimentos sociais negros por políticas públicas para a promoção da igualdade de oportunidades e, da equidade no acesso aos direitos humanos, têm estimulado mudanças em setores da mídia. Sobretudo, tem utilizado as conexões virtuais como ferramenta de combate ao racismo e à discriminação nos meios de comunicação e nas grandes mídias.

Contudo, o racismo e o etnocentrismo ainda persistem como fatores responsáveis pela invisibilização de temas e referências específicas sobre a população negra nos veículos de comunicação.

Segundo Bauman (2008), no século XXI, podemos dizer que estamos em uma sociedade líquida, na qual as informações são transmitidas de forma muito rápida. Conseqüentemente, com a sociedade imersa em um contexto virtual, não há como ignorar a presença das tecnologias digitais em nosso mundo contemporâneo e o quanto essas novas conexões têm possibilitado novos processos emancipatórios das culturas negras no Brasil.

A modernização tecnológica nos novos modelos de comunicação traz em si uma série de questões, que vão desde a incorporação das novas formas de comunicação até o acesso aos aparelhos digitais, infraestrutura econômica, aspectos culturais, sociais e psicológicos. Essas formas de comunicação implicam o modo de como os movimentos sociais negros têm pensado suas organizações e ações diante dessas novas possibilidades de interagirem criando novos dispositivos de relações sociais propagando informações a respeito dos interesses da comunidade negra por todo mundo.

Se por um lado, a introdução de novas tecnologias digitais, no cotidiano da comunidade negra, esteja abrindo possibilidades, por outro lado, envolve conflitos e controvérsias, especialmente, na forma como esse dispositivo digital assume uma posição de privilégio e status diante da forma com que os sujeitos negros se relacionam com o mundo. Entretanto, o acirramento das manifestações racistas, preconceituosas e discriminatórias nas redes sociais vem crescendo de forma assustadora e tornou-se um debate corriqueiro nas grandes mídias sociais e em diversos programas televisivos.

Atualmente, com frequência, pessoas de pele negra que se destaca e ganha visibilidade nos meios de comunicação de grande massa como artistas, atletas e jornalistas vêm sofrendo sistematicamente manifestações de preconceitos raciais e exposições de ideias racistas nas redes sociais.

Na rede social *Facebook*, numa página intitulada “Classificados Porto União”, alguém usando um perfil falso (*fake*) procurava negros para comprar para sua coleção. Logo após outro perfil *fake* respondia que vendia negros a R\$ 1,00 e descrevia suas possíveis utilidades. As imagens e palavras usadas são chocantes, como a montagem feita com a foto de uma criança extremamente desnutrida posta diante de um pote de ração para cachorro e, na legenda, anunciava a “venda de um *dog*”. E as postagens vão se sucedendo com apologias à política eugênica e menções associativas de negros e escravidão.

Recentemente, a primeira “garota do tempo” negra da televisão brasileira, a jornalista Maria Júlia Coutinho, virou notícia por ter corrigido o seu chefe, William Bonner, ao vivo, se tornou alvo de comentários racistas nas redes sociais. Infelizmente, a competência da jornalista não foi o bastante para livrá-la de comentários de cunho racista. Notícias a seu respeito publicadas nos portais costumam ser acompanhadas de manifestações racistas de internautas. Diante dos elogios tecidos para a jornalista um usuário retrucou com a seguinte frase; “Cabelo ruim. Tá elogiando porque é preta como você”. Em outra postagem, outro usuário disse; “Essa repercussão é só porque ela é negra. Se fosse branca, como é normalmente, não seria pauta de matéria”.

A postura da jornalista revelou uma modificação da representação social diferente da representação estigmatizada pela mídia brasileira. Nesse aspecto, a quebra de uma construção discursiva e ideológica provocou uma mudança nessa representação social fazendo revelar que a atitude preconceituosa dessas pessoas é um movimento psíquico que implicou jogar para fora o que é estranho em cada um desses usuários.

Essas manifestações, decorrentes da visibilidade de referências identificatórias que valorizam o negro na mídia (nunca visto antes de forma evidente) podem ser analisados do ponto de vista do conceito de branquitude. Segundo Schucman (2014), no Brasil, ser branco está ligado à aparência, ao status e ao fenótipo. Na mesma linha, Schucman revela que:

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam uma posição de status foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos gerados inicialmente pelo colonialismo e imperialismo e que se mantêm e são preservados pela contemporaneidade. Portanto para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder fundamentais, concretas e subjetivas em que as desigualdades sociais se ancoram. (2014, p. 84)

Esse status de privilégio, principalmente nos espaços midiáticos de grande circulação transformou-se, ao longo dos anos, em um discurso ideológico que mantém os brancos no lugar de poder diante do negro em diversos segmentos sociais. Os referências identificatórias que esse discurso apresenta como os únicos a serem seguidos transformaram-se em barreiras que impedem aos negros de se identificarem com os ideais da cultura negra no Brasil. Desse modo a branquitude se coloca no lugar de identidade racial branca de privilégios simbólicos e subjetivos, isto é, um lugar que colabora para construção social e reprodução do preconceito racial na sociedade.

#### 1.4. Representação do negro e escravidão

A dimensão histórica e ideológica do racismo que coloca o negro na condição de inferioridade compõe diversos aspectos ao longo da história na sociedade brasileira. Dimensões sociais, econômicas, políticas e psíquicas no cotidiano do negro perante o tráfico e à escravidão na diáspora ocidental. Discorreremos aqui, uma breve revisão histórica a partir da dimensão do trabalho escravo, a fim de compreender a representação do lugar do negro na sociedade brasileira. Assim como aspectos nas relações sociais que mantêm uma superioridade cultural que se misturam e fundem a construção de um fenômeno complexo capaz de englobar os aspectos físicos, moral, intelectual, cultural e psicológico dos povos negros em situação de vulnerabilidade. Antes de apresentar a perspectiva do trabalho escravo no Brasil, apontaremos de forma breve as múltiplas dimensões encontradas pelos colonizadores na África negra.

No século XV, os colonizadores europeus ao invadirem o território africano se deram conta de que estavam diante de modos de vida bem distintos dos seus (ALBUQUERQUE; FILHO, 2000). Entre os africanos a organização social e econômica girava em torno de vínculos de parentesco em famílias extensas, da coabitação de vários povos num mesmo território, da exploração tributária de um povo por outro. A vinculação por parentesco a um grupo era uma das mais recorrentes formas de se definir a identidade de alguém. Isto quer dizer que o lugar social das pessoas era dado pelo seu grau de parentesco em relação ao patriarca ou à matriarca da linhagem familiar. Nessas sociedades a coesão dependia, em grande parte, da preservação da memória dos antepassados, da reverência e privilégios reservados aos mais velhos e da partilha da mesma fé religiosa.

Ainda segundo Albuquerque & Filho (2000) os colonizadores, tomados pela ideia de superioridade cultural e diante de uma hierarquização dada como natural, e da relação exploratória de metrópole e colônia, fundamentaram as condições de opressão pelo discurso racista de dominação. Assim, a retirada violenta dos povos africanos de suas terras conduzidos para trabalhar como escravo na diáspora foi à solução encontrada pelas potências coloniais européias para povoar e explorar as riquezas tropicais e minerais das colônias no Novo Mundo.

Desse modo, o trabalho escravo contribuiu de forma significativa para construção de um “lugar” para o negro na sociedade. Não basta, apenas, saber que numa época remota

sujeitos de pele negra foram arrancados de suas terras, escravizados como objetos, torturados e mortos por brancos em favor do imperialismo econômico europeu. Mas, igualmente, compreender como a escravidão de pessoas negras no Brasil produziu, no imaginário social, um discurso sobre a hierarquia social que estes sujeitos ocupavam. O mito da democracia racial, assim como o pacto narcisista dos brancos (branquitude), se mantém silencioso e duradouro na conservação dessa estrutura racista em termos de representações nos espaços de privilégios sociais. De acordo com Bento e Carone (2002), esse pacto se dá a partir de uma espécie de acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem, como parte privilegiada pela estrutura e reorganização do racismo, assim sendo, permanecem na tentativa de neutralização de tal identidade sob a zona de conforto simbólico, subjetivo e concreto.

A história nos mostra como o Estado, as instituições religiosas e os senhores de engenho empunharam ao negro à condição de subalternidade por meio de trabalhos que se tornaram um imperativo no discurso e no imaginário social. Bentes (2013) mostra que quando o Estado precisava de escravos, alugava-os de particulares para realizar serviços de limpeza urbana, calçamento de rua, mercados, agricultura, lavoura ou trabalho doméstico e matadouros públicos. Para propriedade do Estado passavam a serem os escravos criminosos, condenados à prisão perpetua. Instituições beneficentes, como a Santa Casa da Misericórdia em 1787, utilizava escravos como cozinheiros, serventes e zeladores em cemitérios. Como podemos observar, todo trabalho produtivo era realizado pelos negros como forma de exploração e subserviência. Lugar socialmente legitimado pelo imaginário social como forma de estratificação social e de ocupação nas relações sociais e econômicas brasileiras.

A libertação da escravatura não representou para o negro a inclusão numa sociedade democrática e de direitos, mas uma apartheid diante das relações sociais, econômicas e geográficas ao longo do Brasil. O momento pós-abolição representou a renúncia total do estado, transformando sujeitos negros em sujeitos marginalizados numa estrutura social. Diante dessa conjuntura, Nogueira (1998) aponta dois aspectos importantes; a dificuldade do negro para construir sua identidade social diante desse contexto, e por outro o mesmo tipo de dificuldade de se constituir como indivíduo no interior do corpo social pela identificação com seus semelhantes sociais.

Esse tipo de relação imposta sob a égide da mão de obra escrava nos dá subsídio para pensar esse lugar estereotipado do negro na sociedade. Em função desse passado histórico, marcado pela desumanização que, como consequência, constitui um obstáculo à construção da sua subjetividade. O negro tem o seu processo de tornar-se indivíduo comprometido. Embora

haja um processo efetivo em o negro buscar constituir-se como tal, esse processo é conturbado, esbarrando em inúmeras dificuldades; esse passado histórico é constitutivo desse processo (NOGUEIRA, 1998).

Nesse processo, pelo qual passou o negro nesse percurso histórico, teve como consequência cercear constituições subjetivas respaldadas em relações sociais em ressonância com o contexto político da época. A única esfera de identificação possível seria com os outros negros, todos identificados entre si e pela exterioridade social como não indivíduos sociais porque “coisas”, “peças”, “mercadorias”, “propriedades” possuídas por aqueles que eram considerados indivíduos na sociedade.

No entanto, nessa perspectiva, os negros travam uma infinita luta na tentativa de obterem reconhecimento como sujeitos sociais. Essa experiência, portanto, irá determinar formas particulares na constituição da dimensão psíquica, envolvendo certas configurações de sentido que caracterizam, para o negro, a condição subjetiva.

## 2. PRECONCEITO RACIAL E PSICANÁLISE

*“Não desejo suscitar convicções,  
o que desejo é estimular o pensamento e derrubar preconceitos.”  
(Freud)*

Neste item abordaremos o fenômeno do preconceito racial, numa perspectiva histórica e psicanalítica. O objetivo central é realizar uma breve análise conceitual do termo raça, a origem do preconceito racial e a contribuição da psicanálise para a compreensão desse fenômeno, bem como seus impactos no sujeito negro. Tomarei essa discussão com base nos estudos de Guimarães (2012) em seu livro “Preconceito racial: modos, temas e tempos” e no artigo “Sexualidade e Preconceito” de Ceccarelli (2000) que trará uma análise da diante da teoria psicanalítica. Nesse estudo das relações raciais, os autores demonstram de que maneira as cores e raças das pessoas, o modo como elas organizam as suas experiências de vida diante das relações sociais, as suas percepções e valores apóiam-se na categoria do preconceito, sobretudo, como o recalçamento e os ideais são pensados como noções básicas introduzidas pela psicanálise para tratar do tema.

### 2.1. Preconceito racial: uma construção discursiva

O entendimento dos termos raça e cor parte do pólo dualístico primário existente entre preto/branco, escuro/claro, noite/dia: que em toda parte do mundo, de tempo em tempos o branco sempre representou e simbolizou no imaginário social as virtudes e o bem, enquanto o negro significou o seu contrário, o mal, o defeito, o ruim e outros adjetivos negativados. É nesse cenário, que o preconceito de cor ou de raça tem como alvo o negro, o preto, o amarelo, o pardo, o vermelho, o indígena, o asiático e dificilmente o branco, pelo menos, nas culturas marcadas pelo imaginário europeu. Mas por que o preconceito racial calcado nessas crenças permanece até os dias atuais? Em que elas se sustentam?

Segundo Guimarães (2012), a palavra negra entre os povos europeus, era originalmente utilizada para se referir à cor de pele escura de alguns povos africanos e do mediterrâneo. Para o grande número de europeus o contato com os negros africanos se deu apenas depois das conquistas do século XVI. A partir disso, podemos pensar numa ideia de visão de mundo; o eurocentrismo. Desse modo, o eurocentrismo é definido como perspectiva

hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e dos seus dois principais mitos fundacionais; a ideia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa (QUIJANO, 2005).

Diante dessa ideia, a reverberação dos relatos desses primeiros encontros com os negros subsaarianos foi o que mais chamou a atenção dos grandes exploradores. Nesse momento surge a primeira fonte de sentimento negativo, ou preconceito, pois o simbolismo das cores no Ocidente cristão, o negro significava a derrota, a morte, o pecado, enquanto o branco significava o sucesso e a sabedoria. Bastide (1996) nos mostra a herança da polaridade cristã ao longo dos tempos, o branco e o preto como expressões da pureza e do demoníaco, respectivamente. E então relata: “Lembramos o véu negro de Teseu, quando retornou de Creta, como símbolo da derrota, e o seu véu branco como símbolo de vitória. Os eleitos no cristianismo vestem túnicas brancas e os diabos são negros. (...) Sem nos darmos conta, essa ligação da negrura com o inferno, morte, as trevas da noite o pecado não deixa de exercer influência sobre nossa visão dos povos africanos negros, como se uma maldição estivesse colada a sua pele”. Na etimologia da palavra negro do grego *necro* - *nigrum* significa morto. Nesse momento, aparece o primeiro indicativo da origem do preconceito racial.

Ainda voltado para os aspectos tradicionais das implicações mais rígidas da cultura judaica cristã, os filósofos religiosos de referência como São Jerônimo e Santo Agostinho pretenderam explicar a subordinação de alguns povos a partir da passagem bíblica no livro de “*Gêneses*” da maldição de Cã.

Cã, filho de Noé, ao ver o pai embriagado e nu, zomba de sua nudez. O pai, ao saber do acontecido, amaldiçoa-o dizendo que ele e seus descendentes seriam os serventes dos serventes de seus irmãos. Guimarães (2012) revela que essa história, que justifica a servidão de alguns povos, mas não a cor dos escravizados se altera no século XVI e XVII para incluir passagens talmúdicadas que se referem aos negros como descendentes de Cã. Com isso, São Jerônimo e Santo Agostinho aceitaram a presunção de que os africanos seriam filhos de Cã, suposição que se tornou universal na cristandade. Sabiam também que o termo Cã, significava quente e/ou escuro. Ainda de acordo com as fontes talmúdicadas, Cã foi marcado em sua carne, e que Noé dissera a Cã que sua semente será feia e escura e que Cã era pai de Canã que trouxe a maldição ao homem e que escureceu a face da humanidade.

Temos aqui uma explicação de inferiorização de alguns povos como decorrência de sua descendência diante da atribuição na falha de um comportamento original que se institui a cor como marca de maldição. Assim, o cristianismo tornava o status social e moral dos

oprimidos de forma rígida e irreduzível.

O segundo momento em que percebemos a fonte de sentimento negativo, ou preconceito contra os negros fora decorrente da hierarquização dos seres humanos pelo clima e pela cultura. Ainda segundo Guimarães (2012), a Europa, ao se deparar com os negros da África, já era uma sociedade hierarquizada praticando por muitos séculos a escravidão e servidão de povos conquistados. Ainda diante das guerras, os europeus teorizavam sobre a inferioridade dos povos escravizados e conquistado. Aparece aqui um elemento importante no conceito de escravidão como elemento de subordinação e dominação.

De acordo com Colas (2004 apud GUIMARÃES, 2012, p. 127), os negros africanos habitados nas porções meridionais da terra, assim como os povos nórdicos, eram considerados por eles quase bestais:

Ademais, seu caráter (akhlâq) tem algo de bestial. Diz-se mesmo que os negros (Sûdân) da II parte do mundo, em sua maioria, vivem em cavernas ou na floresta, comem ervas, vivem em estado selvagem e não em sociedade, e são antropófagos: o mesmo acontece com os eslavos (Saquâiba). A razão para tal é seu distanciamento da zona temperada, que lhe faz aproximar-se, pelo caráter, dos animais estúpidos e se afastar em igual medida, da humanidade (insâniyya).

Ainda segundo Guimarães (2012) pensadores que fundaram o pensamento da humanidade como Aristóteles classificava os povos humanos a partir de sua origem geográfica, a leste ou a oeste de Atenas, para explicar pelo clima, a natureza mais valente, mais submissa ou inteligente dos ocidentais e orientais. Assim como os mercadores árabes hierarquizavam os diferentes povos em termos de suas virtudes e defeitos desenvolvidos a partir do clima em que viviam, ou seja, esta hierarquização passa pelo narcisismo, pela diferença.

Diante disso, temos até o momento, um conjunto de elementos e fatos que nos remete a construção discursiva de um preconceito originário da raça/cor entre os povos baseado na manutenção de poder e dominação nas relações. Com isso, apresentamos aqui, por fim, mais um momento, diante da história em que se funda uma das origens do preconceito.

Um desses momentos cruciais foi já o final do século XVIII e início do século XIX, a partir da utilização da ciência moderna para determinar a causa das diferenças físicas entre os seres humanos como objeto de estudo. Dentre os estudos que fundamentaram a construção do pensamento brasileiro estão à mediação do formato e do tamanho da caixa craniana, posteriormente, no começo do século abandonou-se a classificação baseada em traços fenótipos e passou-se a concentrar no retorno dos estudos da hereditariedade e dos Genes. Explicação que ganhou um status irreversível para os negros e pessoas de cor. Trata-se das

teorias raciais que ganharam notoriedade no mundo e no Brasil que supunham a existência da raça humana por meio das explicações biológicas das origens, capacidades e habilidades, bem como a religião, psicologia, moral, inteligência e sociabilidade entre pesquisadores como François Bernier, Nina Rodrigues, Césaire Lombroso, Carlos Lineu, Francis Galton dentre outros. (SCHWARCZ, 2002).

Não me deterei no aprofundamento das análises de teorias raciais, mas podemos identificar que essas teorias acopladas a esses equívocos, nada mais eram que duvidosos apontamentos condutores à produção de um discurso preconceituoso reproduzido por esses ideais na busca de uma justificação pseudo-científica para o controle político de dominação econômica e dos sentimentos etnocêntricos e classistas. Esse pensamento permaneceu na Europa e na sociedade americana e no imaginário popular de múltiplas raças, designadas pelas cores.

Podemos evidenciar até então, algumas produções discursivas equivocadas diante do preconceito racial de sujeitos negros no continente africano e na diáspora; uma delas está na premissa da culpa e maldição histórica estigmatizada pela ideologia judaico-cristã sobre os povos africanos, a posição estruturada de variação das capacidades e habilidades humanas de ordem coletiva e não individual, sobretudo, na justificativa da derivação da biologia a explicação das sociedades e das culturas humanas assim como a disposição biológica e, em última análise, as teorias raciais como uma justificativa pseudocientífica para dominação e exploração econômica em África e na diáspora.

Diante das pontuações citadas até o momento, sobre a construção histórica discursiva do preconceito racial diante dos povos e raças ao longo do mundo, nos traz evidências contundentes sobre os impactos nos destinos particulares dos sujeitos negros. Discurso que causam impactos também, numa esfera mais profunda da sociedade construída por meio de processos que mantêm o privilégio dos sujeitos brancos na sustentação de seu poder, seja diante das instituições, seja diante do estado. Tal fenômeno, mais tarde, será denominado pelo movimento negro de racismo institucional. Ainda sobre o discurso de dominação, Foucault (1999) revela que o discurso racista foi apenas um dos episódios na história, no final do século XIX como uma retomada do discurso secular, em termos social e biológico, com finalidades essencialmente de conservadorismo social e de dominação colonial. Discurso engendrado no domínio de uma suposta supremacia de uma raça sobre a outra.

Chimamanda Adichie (2009), uma escritora nigeriana em seu discurso, “O perigo da história única” proferido no evento *Technology, Entertainment and Design* (TED) alerta para

uma construção distorcida de identidade e estereótipo de pessoas e/ou lugares, numa perspectiva de construção cultural baseada no discurso e do lugar em que se conta a história de um grupo. A nigeriana Chimamanda (2009) trata do risco de uma única fonte de influência, de uma única forma de se contar histórias, de se considerar como verdadeira a primeira e única informação sobre algum aspecto referente a um grupo, como sendo a única verdade. No seu discurso, a autora abrange aspectos significativos para a compreensão da diferença no tratamento do africano e de seu continente pelo olhar ocidental homogeneizador e da imersão na estereotipização contínua e discriminação das identidades culturais, inclusive sobre o discurso construído, de uma história contada como forma de dominação.

O discurso “O perigo da história única” evidencia de forma explícita, a forma com que a história dos povos africanos foi sendo contada e construída ao longo do tempo pelo mundo branco ocidental. Essas construções afetaram e afetam o modo como a sociedade constrói de forma subjetiva os seus (pre) conceitos diante das relações sociais entre povos e nações. Uma narrativa com aspectos manifestos como forma de controle e dominação. Essa perspectiva da história única se estende também para outras culturas que não apenas para a cultura ocidental, mas é importante lembrar que ao longo da história, os aspectos de construção discursiva como forma de dominação e exploração ocorreu sobre a cultura dos povos africanos, judeus, entre outros, diante da supremacia branca racial eurocêntrica, o que será definido, mais tarde, pelos estudiosos, como racismo.

## 2.2. Aspectos conceituais do preconceito racial

O conjunto de fatores históricos trazidos até aqui, neste trabalho, nos permite refletir em torno de alguns conceitos sobre o fenômeno do preconceito sobre diversas perspectivas teóricas. Acredito que os fatos apresentados como um construto discursivo sobre os povos de cor pelo mundo ajudou a definir alguns conceitos os quais apresentaremos adiante. Ademais, os conceitos psicológicos e sociológicos contrastarão com os conceitos psicanalíticos a respeito do preconceito.

Cashmore (2000, p. 438) revela que a palavra preconceito vem do latim “prae”, antes, e “conceptu”, conceito, que pode ser definido como o conjunto de crenças e valores aprendidos, que levam o indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de um determinado grupo antes de uma efetiva experiência com estes.

Nas relações étnicas e raciais, o termo costuma a referir-se ao aspecto negativo de

um grupo herdar ou gerar visões hostis a respeito do outro, distinguível com base em generalizações. Essas generalizações derivam invariavelmente da informação incorreta ou incompleta a respeito de um grupo. Desse modo, o preconceito pode não apenas se restringir a grupos étnicos, mas podem ser aplicados praticamente a qualquer grupo, aos quais se possa atribuir características generalizadas. Assim é negado aos membros de tais grupos, o direito de ser reconhecidos e tratados como pessoas com características individuais, posição que retira do sujeito toda sua condição de subjetividade e individualidade, elemento que o diferencia diante das relações estabelecidas nos grupos.

Em linhas gerais, Gomes (2005) define preconceito como:

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. (p. 54)

Gomes (2005) afirma ainda que o preconceito como atitude não é inato é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa, aprende a sê-lo. A introdução do discurso preconceituoso é vivenciada pela criança em uma longa trajetória de socialização (como apresentado no item anterior) que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e se prolonga até a inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos.

Sendo assim, podemos considerar que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo. As atitudes raciais de caráter negativo podem, ainda, ganhar mais força na medida em que a criança vai convivendo em um mundo que a coloca constantemente diante do trato negativo dos negros, dos índios, das mulheres, dos homossexuais, dos idosos e das pessoas de baixa renda. Com isso, a perpetuação do preconceito racial em nosso país revela a existência de um sistema social racista que possui mecanismos para operar as desigualdades raciais dentro da sociedade.

Segundo Guimarães (2012), para a sociologia, o preconceito racial decorre de um modo específico de construir as fronteiras de um grupo social a partir de marcas que são entendidas como raciais (o pertencimento a tal grupo deriva de origem biológica comum, transmitida hereditariamente e demarcada por características fenotípica, cognitivas e morais). Portanto, trata-se de explicar a construção e reprodução de certos grupos sociais referidos

como raça, cores, imigrantes ou etnias que utilizam tais marcadores para identificar quem pertence ou não a um grupo.

Ainda segundo Guimarães (2012), a perspectiva teórica do objeto muda para a psicologia social, ao contrário, a constituição do grupo não é objeto de investigação, mas a questão recai sobre por que, em um mesmo grupo certos indivíduos e não outros desenvolvem atitudes e comportamentos negativos em relação a membros de outros grupos raciais.

Cashmore (2000) e Guimarães (2012) apontam dois importantes estudos clássicos introdutórios na psicologia ao longo da história para refletir sobre o preconceito. O primeiro deles surgiu após a segunda guerra mundial com Theodor Adorno *et al.*, publicado no ano de 1950, “The Authoritarian Personality”. Esses estudos interpretaram o autoritarismo como resultado de experiência de disciplinamento rígido e ásperos vividos na primeira infância, em que a personalidade autoritária seria o prenunciador mais importante do preconceito racial e de suas manifestações de comportamentos racistas. Ademais concluíram também que certas pessoas são preconceituosas porque seus preconceitos vão ao encontro de certas necessidades associadas à personalidade, bem como grandes probabilidades de apresentar personalidade autoritária; tendiam ser submissos a autoridades e a rejeitar “grupos externos” de modo punitivo.

Em consequência disso, a teoria revelou que se o preconceito tivesse ligado a um tipo fundamental de personalidade, essas pessoas seriam preconceituosas não apenas contra algum grupo em particular, mas contra todas as pessoas e grupos considerados como diferente.

Cashmore (2000) revela que Adorno e seus coautores vincularam o desenvolvimento dessa complexa personalidade e do preconceito as primeiras experiências do início da infância em famílias de tendências severamente disciplinadoras. A exemplo, quando criança, o indivíduo de personalidade autoritária era inseguro, dependente, medroso e inconscientemente hostil com seus pais, já adulto, represava grande parte de sua ira que, em razão de sua insegurança, se manifestava por meio de agressividade deslocada contra grupos sem poder.

Outro estudo importante trazido por Gordon Allport (1954) *apud* Guimarães (2010) sobre “The Nature of Prejudice” em que sistematizou os fatores socioculturais e psicológicos envolvidos na aquisição de preconceitos e na sua dinâmica. Procurou explicar também, por que e o modo como os indivíduos deixam-se fascinar e envolver por ideologias de ódio e de intolerância raciais. Guimarães (2010) revela ainda que para Allport, os preconceitos deveriam ser distinguidos de prejulgamentos, pois seria algo natural no ser humano e fundamental para organizar a vida social. Pois, esses últimos se modificam diante dos fatos e

dos seus esclarecimentos, enquanto os primeiros são irreversíveis e mantêm-se ainda quando confrontados com o conhecimento correto dos fatos. Allport (1954) *apud* Guimarães (2010) define o preconceito racial como “uma antipatia baseada em uma generalização errônea e inflexível. Pode ser sentida ou expressa; dirigida a um grupo como um todo ou a indivíduo como fato dele ser parte desse grupo” (p. 9).

Allport (1954) também define uma tipologia do acirramento das manifestações do preconceito, ou seja, de passagem de atitudes de preconceito para ações discriminatórias. As tipologias foram definidas como;

**Linguagem insultuosa.** Pessoas que tem preconceito falam dele com amigos em que confiam ou ocasionalmente com estranhos podem expressar seu livre antagonismo livremente. (...). **Evitação.** Preconceito mais intenso leva o indivíduo a evitar membros de grupos indesejáveis, mesmo ao custo de inconveniências consideráveis. (...). **Discriminação.** Nesse caso o preconceituoso age de modo ativo em detrimento de seu desafeto. Seu comportamento procura impedir os membros de um determinado grupo de usufruírem certos tipos de empregos, áreas residenciais, direitos políticos, oportunidades educacionais ou recreativas, igrejas, hospitais, ou algum tipo de privilégio social. (...). **Ataque físico.** Sob certas condições de fortes emoções o preconceito pode levar a atos de violência ou quase violência. (...). **Extermínio.** Linchamentos, massacres e o programa de nazismo de genocídio marcam o último estágio da expressão violenta do preconceito. (p. 14 e15)

A tipologia apresentada por Allport deixa claro que, para a psicologia social, o preconceito racial envolve atitudes, crenças e comportamentos construídos socialmente. Trata-se de um conjunto de julgamentos negativos sem fundamentos reais a respeito de um determinado grupo social, capaz de gerar um gradiente de intolerância crescente, cujas causas devem ser buscadas no indivíduo e no grupo por meio de sua história ou da história dos povos.

Trouxemos até então uma tradição teórica na psicologia social em que aparecem o insulto, a discriminação, a segregação e violência física e o extermínio como decorrentes do preconceito, ou seja, de valores e atitudes que funcionam como predisposições. As características pessoais, situação social ou coerção de grupo de referências podem explicar porque certos indivíduos são atraídos por discursos de ódio e preconceito.

### 2.3. Psicanálise e preconceito

Temos até então, um esboço reflexivo sobre como a cultura ocidental e eurocêntrica, com o sistema de valores que lhe é próprio, criou o discurso sobre o sujeito negro no mundo e algumas teorias psicológicas e sociológicas sobre o preconceito racial. Mais adiante,

discorrerei a forma com que a teoria psicanalítica freudiana trata das construções subjetivas a partir desse referencial de história única contada a partir de um sistema de valor culturalmente dominante. Desse modo, buscaremos entender em que medida, o destino desses sujeitos negros e suas relações são afetados subjetivamente diante do construto social enraizado de preconceitos se apresenta como aspectos de coalizão nas relações raciais circunscritas no Brasil.

Indagações já apontadas neste trabalho me fazem refletir sobre o preconceito racial no Brasil e pelo mundo em todas as suas artimanhas. Mesmo diante das lutas pautas por ativistas e militantes movimentos sociais, no que se refere ao avanço de políticas públicas voltada para a diminuição da desigualdade racial no país (Ações Afirmativas e Estatuto da Igualdade Racial), de campanhas publicitárias em diversas políticas públicas, do reconhecimento pelo Estado brasileiro em admitir que o Brasil seja sim, de fato, um país racista e até mesmo diante dos estudos científicos a respeito do preconceito racial, por que ainda encontramos intensas resistências e dificuldades para acabar com preconceito racial, na sociedade brasileira dentro do Estado brasileiro e de sujeitos?

Teremos como fator principal de análise, as manifestações do inconsciente como aporte principal, a saber, que atitudes são despertadas no sujeito, perante o processo de subjetivação acarretada da manutenção dos ideais de preconceito racial sobre sujeitos negros. Ceccarelli (2000), no seu texto “Sexualidade e preconceito” apresenta uma indagação que me parece pertinente diante das proposições discursivas trazias até o momento nesse trabalho de pesquisa; seria o preconceito parte constitutiva do psiquismo, inerente à condição humana ou deve ser entendido como resultado de uma atitude moralista e redutora? Se constitutivo dessa condição, qual a leitura psicanalítica para a compreensão dessas questões?

O mundo atualmente tem apresentado mudanças significativas na sua relação com a cultura e os indivíduos, sobretudo, mudanças significativas que recaem sob forma de sintoma na clínica psicanalítica. Essas mudanças necessitam de uma reflexão constante perante o surgimento de novos sintomas sociais como a questão do racismo. Portanto, é nessa dinâmica relacional entre cultura e sujeito que os conceitos de ideal do eu, supereu e identificação podem ser elementos consistentes para pensar essa dialética nas relações.

Segundo Ceccarelli (2010), a questão dos ideais na obra freudiana é tratada em diversos textos. Em “Psicologia de grupo e análise do ego”, os ideais são apresentados como formados por identificações segundo os modelos mais diversos. Fazem parte destes modelos as prescrições educativas da civilização que representam um “desenvolvimento” subjetivo

necessário para o recalque do gozo. Laplanche e Pontalis (2001) definem os ideais (teoria do aparelho psíquico) como;

Uma instancia da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instancia diferenciada, o ideal de ego constitui um modelo a que o sujeito procura conforma-se. (p. 222)

Obviamente este conceito proposto pelo autor em seu vocabulário de psicanálise é uma compilação de algumas obras de Freud ao longo do tempo. Contudo, não podemos tão pouco delimitar um sentido unívoco do termo, uma vez que, em cada texto apresentado os conceitos foram tomando novos direcionamentos nos textos que se segue como; “Totem e tabu” (1913); “Psicologia das massas e análise do eu” (1921) e “O mal-estar na civilização” (1930). Essas, são obras em que Freud dedicou-se a discorrer sobre a relação da cultura com o indivíduo, são os textos chamados ‘culturais’ nos estudos da psicanálise.

Em seu artigo sobre “sexualidade e preconceito” Ceccarelli (2000) aponta três textos de Freud publicado entre os anos de 1927 e 1933, “O futuro de uma ilusão” (1927), “O mal-estar na cultura” (1929) e “Por que a guerra?” (1933), que representam o estudo do homem por meio do estudo das comunidades humanas. Fala que nesses textos, Freud sustenta que os processos presentes no desenvolvimento da civilização (registro da filogênese) se assemelham aos da gênese do eu (registro da ontogênese); cabe à civilização dominar as forças da natureza (ao eu cabe dominar as excitações externas), assim como regular as tensões internas entre seus membros (para o eu as excitações internas), próprias à sua organização. Mas o processo de resgate da filogênese na ontogênese que não é, em absoluto, fácil, pode ser gerador de neurose. A grande dificuldade reside no fato de que a criança deverá, em pouco tempo, Freud (1928, p. 72). “Assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos” para adaptar suas pulsões à cultura.

Segundo Freud, os impulsos sexuais do ser humano, a história do desenvolvimento da libido, repetem em parte, uma filogênese que é bem mais antiga que os impulsos do eu. Desse modo, Ceccarelli (2000) marca a seguinte reflexão:

No primeiro caso – impulsos sexuais –, haveria uma repetição das condições dos animais vertebrados; no segundo caso – impulsos do eu –, o que estaria em jogo seria a história da espécie humana, pois, evidentemente, só se pode falar em “eu” após o recalque. Isto significa que os desenvolvimentos destas classes de impulsos seguem linhas diferentes e ocorrem em tempos diferentes, gerando conflito. Por outro lado, os impulsos sexuais podem ao menos por certo tempo, ser satisfeitos auto-eroticamente, enquanto os impulsos do eu, desde o começo, não podem prescindir do objeto. Além disso, a certa altura do desenvolvimento da espécie

humana, o homem primitivo, diante das ameaças à sua existência em virtude das mudanças do mundo externo, viu-se diante do conflito entre a auto-preservação e a procriação. (p. 30)

Com isso, os conflitos sempre existirão quando os impulsos sexuais, que nos vertebrados atuam sem censura, devem submeter-se às exigências da realidade (culturalização), ao superego, aos ideais. Nessa perspectiva que o autor acredita ser exatamente a base deste conflito – mais precisamente do conflito entre as exigências pulsionais e os ideais constitutivos da cultura – que devemos procurar as origens do preconceito.

No texto “Por que a guerra?” Freud (1932), diz que o longo processo civilizatório, talvez “... esteja levando à extinção da raça humana, pois em mais de um sentido ele prejudica a função sexual” (p, 285), levou a inúmeras e notórias modificações psíquicas que limitaram as moções pulsionais. “Sensações que para os nossos ancestrais eram agradáveis, tornaram-se indiferentes ou até mesmo intoleráveis para nós; há motivos orgânicos para as modificações em nossos ideais éticos e estéticos”. Com isso, a guerra seria “a mais óbvia oposição” a estas modificações que o processo civilizatório tanto demorou a nos inculcar. (CECCARELLI, 2000)

Nesse momento Ceccarelli (2000), distingue para o funcionamento e entrada dos ideais no sujeito, como processo de recalque onde teremos dois movimentos simultâneos:

O primeiro, presente na origem mesmo da história da espécie humana, diz respeito à renúncia do gozo narcísico em detrimento dos valores culturalizados, o que levou a grandes modificações psíquicas para que das moções pulsionais fossem recalçadas; o segundo movimento, em razão da pouca eficácia deste primeiro expediente, lança mão dos ideais para reforçar o recalque. (p, 31)

As construções culturais formadoras dos ideais identificatórios se apresentam numa posição inflexiva diante da possibilidade do perigo eminente a posição desse outro, desse diferente. Contudo, o sexual infantil apresenta em suas diversas formas inconsciente (sonhos, atos falhos, sintomas...), o resgate das frustrações e o fracasso do recalque diante de um ensaio constitutivo de uma sexualidade ideal voltado para “natureza humana”. Desse modo, se temos uma falha nesse recurso, quando essa expressão da sexualidade esquiva ao recalque ou não satisfaz ao ideal temos o preconceito (CECCARELLI, 2000).

O desprazer em virtude da ameaça de retorno das excitações recalçadas pode ser vivido pelo sujeito como um objeto estrangeiro a si mesmo, gerador de ódio. Este “estrangeiro-interno” pode ser reativado a partir de excitações do mundo externo e ser vivenciado pelo sujeito como uma ameaça. A fantasia subjacente seria a de que sem a norma,

sem a regra que viesse fazer barreira ao pulsional, correria o risco de perdermos o controle, de sermos invadido pelo retorno do recalçado. Daí as restrições, os princípios ético-morais, e as punições, que variam, tanto quanto os ideais, segundo as diferentes culturas (CECCARELLI, 2000).

Nesta linha de raciocínio, ainda segundo o autor alerta que uma primeira expressão do preconceito pode ser impetrada de forma que:

Ele seria, por assim dizer, o outro lado do recalque, uma espécie de mecanismo de defesa inerente à construção do psiquismo, portanto universal. Isto significa que o preconceito funcionaria como um alerta, uma forma mais sofisticada da angústia, sinal contra moções pulsionais recalçadas que ameaçam os padrões estéticos. (p. 39)

Mas há também manifestações de atitudes segregadoras às quais damos igualmente o nome de preconceito. Esta outra forma de preconceito, que pode ser expresso como “aquele não pensa como eu, que é diferente, é meu inimigo”, aparece quando o referencial de valores do outro difere do meu, o que, sem dúvida, evoca igualmente moções recalçadas, mas, desta feita, ligadas aos ideais. Entretanto, os movimentos psíquicos, cuja falha gera o preconceito, têm pouca eficácia defensiva pelo paradoxo que criam: se, por um lado, as perversões sexuais são sentidas não apenas como algo repulsivo, mas, igualmente, como alguma coisa monstruosa e perigosa, por outro lado, as pessoas as sentem como sedutoras e, no fundo, têm de “sufocar uma secreta inveja daqueles que as experimentam”. (FREUD, 1917. p. 376)

Ainda segundo Ceccarelli (2010);

O sentimento de culpa, ele aparece quando existe uma tensão entre o eu e o ideal; quando o sujeito não corresponde àquilo que dele se espera. Por isto pode ocorrer, às vezes, que o sujeito que é vítima do preconceito, experimenta este mesmo preconceito e, ao mesmo tempo, tem culpa. O preconceito gerado pelas diferenças dos ideais pode ser mais claramente apreciado nas diversidades culturais. (p. 33)

Desse modo, as fontes históricas a respeito dos povos de cor espalhados pelo mundo nos oferecem uma dimensão importante do ponto de vista do preconceito diante da teoria psicanalítica que é a possibilidade de mostrar que os ideais são construções dependentes das formas culturais dentro das quais eles emergem: cada sociedade construirá seus ideais, que ditarão (no caso das relações raciais) quem é bom, quem é ruim, quem é superior e quem é inferior. Essa construção histórica “criadas para “ler o mundo”, e a conseqüente criação dos ideais, refletem o sistema simbólico da sociedade em questão, e estão sujeitas ao universo imaginário e fantasmático desta mesma sociedade”. (CECCARELLI, 2000. p. 32). Ainda segundo o autor, cada sociedade cria, a partir do sistema representativo que lhe é próprio, as representações dos ideais, e falar de natureza no homem é tão absurdo quanto falar de

obsceno no animal: a verdadeira natureza do homem é a cultura e é na proibição do incesto – regulação da qual o conceito lacaniano de Lei tira toda a sua força – que encontramos aquilo que é universalmente específico a todos os homens.

Em sua conclusão, Ceccarelli (2000) diz que;

(...) os ideais traduzem tentativas de criar uma norma – a “natureza humana” – para enquadrar, para controlar, para direcionar as pulsões; o preconceito, em suas diversas expressões, demonstra a insuficiência deste recurso e denuncia a falência da barreira criada para manter afastada da consciência aquilo que ameaça de dentro e que abala os valores estéticos e morais: o retorno das moções pulsionais – anárquicas plurais e parciais – em busca de satisfação. O sentimento de culpa apareceria toda vez que houvesse uma tensão – negativa – entre o eu e o ideal. (p. 34)

Os apontamentos culturais<sup>2</sup> trazidos por Freud nos trazem uma dimensão da importância em aprofundar a discussão do preconceito racial sofrido cotidianamente por jovens negros nessa sociedade. A partir das construções discursivas sobre o negro no Brasil apontadas anteriormente, nos sinaliza que a interiorização desses ideais de forma constante e sistemática pode ter diversas consequências nesses sujeitos ao longo da sua vida. Souza (1983) nos indica que entre as consequências apresentadas; um cotidiano afetado pela alienação e pela negação de uma natureza humana ou até mesmo, de uma identidade negra. Uma das saídas de sobrevivência apontadas pela autora é de conviver com esse sofrimento e viver o ideal de brancura introduzido pela sociedade brasileira na forma de embranquecimento físico, ideológico e cultural.

---

<sup>2</sup> Os estudos culturais demarcam um campo de estudos que chegou nas academias com os autores pós-coloniais tais como Geertz (1989) que assim, define cultura como uma teia de significados, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

### 3. OS RUMOS DA PESQUISA...

*“Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo.  
Se a boca se cala, falam as pontas dos dedos”  
(Freud).*

#### 3.1 Pesquisa e método em psicanálise

Nessa pesquisa, a obtenção dos dados, bem como a análise dos dados, na pesquisa psicanalítica que deve ser orientada pela escuta e transferência desses sujeitos, não se dará no consultório. Contudo, usarei a regra fundamental para a escuta desse sujeito que será a associação livre e para o analista a atenção flutuante. Penso que, com isso, não há impedimentos para que a psicanálise ocorra fora do consultório. É preciso ser flexível e alterar a técnica para que se possa fazer psicanálise, tendo em vista que Freud atendeu seus pacientes durante suas férias nos Alpes e também durante caminhadas.

Assim como a escolha do método de pesquisa, ou seja, o que especifica, que esclarece, os procedimentos que o pesquisador utilizará para alcançar seus objetivos é de fundamental importância a implicação do pesquisador, bem como a relação com seu objeto de pesquisa. O que alguns autores (ROSA, 2004; ROSA; DOMINGUES, 2010; CECCARELLI, 2010) apresentam como relação transferencial, relação analítica de pressuposto teórico básico da psicanálise.

Conforme os escritos de Freud (1923), a pesquisa e a atividade clínica do psicanalista são inseparáveis. No entanto, para além da pesquisa clínica, é possível analisar fenômenos sociais, obras de arte, música, poesia e outras áreas do conhecimento. No seu texto “sobre o ensino da psicanálise nas universidades” revela que uma das importâncias da psicanálise na formação acadêmica é que a aplicação do seu método não está confinada ao campo dos distúrbios psicológicos, mas estende-se a solução de problemas da arte, filosofia e religião (FREUD, 1919).

Podemos acrescentar aqui que, a pesar de Freud se restringir demasiadamente à clínica individual, desde o seu início a psicanálise nos convida a pensar o nosso lugar na cultura e nossa responsabilidade face a ela (ASSOUN, 1993). Ao escrever grandes textos como “Totem e tabu” (1913/1993), “Mal-Estar na Civilização” (1930/2002), “O Futuro de uma ilusão” (1927/2001) e “Moisés e o Monoteísmo” (1939/1986), Freud tinha o desejo de descobrir uma “clínica da cultura” para além dos estudos de casos e destacou ao longo de sua vida que estes lhes eram seus mais caros trabalhos (ASSOUN, 1993).

A partir desses trabalhos desenvolvidos por Freud sobre cultura e a minha escolha

pelo objeto de pesquisa, se constituiu uma relação transferencial importante na construção desse projeto. Uma vez que minha história pessoal está intrinsecamente ligada com o objeto. Primeiro por ser um sujeito negro e segundo por ter uma trajetória profissional e acadêmica ligada à educação. Sobre essa relação, Fédida (1992) ressalta que a contribuição mais legítima que podemos extrair do percurso de Freud é que o pesquisador psicanalítico é movido por sua subjetividade ao analisar um dado de pesquisa. Implicação fundamental que deve estar, sempre movido pelas inclinações do pesquisador diante dos dados de sua pesquisa. Sem essa relação transferencial e subjetiva, não teríamos uma ciência psicanalítica como uma teoria, um método e uma técnica de tratamento.

Freud introduziu a psicanálise como procedimento e/ou método de investigação de processos mentais, ou seja, o método terapêutico como um conjunto de informações psicológicas que constituem uma nova concepção de disciplina científica. Para Freud, o trabalho com seus pacientes era, ao mesmo tempo, terapêutico e investigação científica: "Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa" (Freud, 1926, 291).

Não se pode confundir a pesquisa em psicanálise com a pesquisa psicanalítica, mas pode-se e deve-se sustentar a atitude clínica da psicanálise na pesquisa em psicanálise: a escuta. Ainda de acordo com Freud (1912), o "rumo" da escuta está não no direcionamento, mas em manter a atenção continuamente suspensa diante de tudo o que se escuta, o que permite a perspectiva de surpreender-se diante ao conteúdo do discurso do entrevistando, pois, o conteúdo inconsciente não se apresenta na lógica temporal.

As descobertas clínicas, feitas a partir da fala do cliente no divã, poderiam ser integradas a uma concepção geral da alma humana. Nesse contexto estão fincados três aspectos psicanalíticos; tratamento, pesquisa e teoria psicológica, como forma de pensar a pesquisa psicanalítica fora do contexto analítico. A travessia desse método de investigação como método de tratamento psicanalítico é a fala do sujeito com base na associação livre, seja numa pesquisa psicanalítica teórica ou clínica existe uma implicação desde a coleta de dados até a análise desses dados transformada em escrita.

Um das questões que envolvem a metodologia da pesquisa em psicanálise vão desde a idéia de considerar a psicanálise como ciência até mesmo as diferenças fundamentais entre uma pesquisa teórica e pesquisa clínica. Incluindo nesse contexto, intervenções e pesquisas fora do *setting* terapêutico. Rosa (2004) define este tipo de pesquisa em psicanálise como extramuros ou em extensão, que diz respeito a uma abordagem que aborda o sujeito e

sua relação com os fenômenos sociocultural e político.

Os contextos socioculturais envolvido no projeto de pesquisa estão relacionados com o racismo, preconceito, discriminação e as desigualdades raciais que ocorreram no Brasil como forma de violência sofrida pelos estudantes negros brasileiros e estudantes negros de países africanos na UFPA.

Rosa (2004), ainda sobre a pesquisa em psicanálise extramuros apresenta dois pontos de enfrentamento e críticas sobre essa prática:

A primeira refere-se à prática da aplicação de concepções teóricas e metodológicas a objetos externos ao campo em que foram criados: o campo das descobertas freudianas. A segunda dificuldade é levantada pelo próprio método, uma vez que a psicanálise freudiana não propõe um método a que todos os casos poderiam ser submetidos. (p. 331)

Assim, de acordo com a autora, as problemáticas de aplicação é a generalização, que projeta uma identidade indevida entre o individual e o coletivo. Nesse tipo de pesquisa, a preocupação é incorrer seja na descaracterização e abrangência imprópria dos conceitos que acarretaria uma psicopatologização dos fenômenos. Por outro lado, quando entramos no campo do método, outro grupo de questões se põe em cena: a interpretação seria aplicada a material que não provém do inconsciente, visto que não resulta da associação livre, o próprio método de investigação da psicanálise.

Contudo, Rosa (2004) entende que a escuta psicanalítica é possível também em outros contextos que não a clínica, pois "o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende" (Rosa, 2004, p. 341-342). Logo, é possível a escuta psicanalítica a partir do diálogo comum, de entrevistas e depoimentos, desde que se guardem os requisitos básicos da psicanálise.

Assim, os princípios norteadores da pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos, a psicanálise extramuros, aplicada ou em extensão, põem em jogo a "constituição de um campo de experiência no qual os fundamentos epistêmicos e, por derivação, metodológicos - são os mesmos que sustentam a prática de uma ética, a ética da psicanálise" (Rosa, 2004 *apud* Poli, 2005, p. 43).

Com isso, a regra fundamental para o paciente é a associação livre e para o analista a atenção flutuante, com isso, não há impedimentos para que a psicanálise ocorra fora do consultório. Importante lembrar que o que ocorre fora do consultório é uma escuta baseada na teoria psicanalítica, o que não é exatamente a psicanálise. Esse será um estudo onde será

aplicada a teoria psicanalítica na pesquisa. Quanto a isso, vale lembrar que a pesquisa em psicanálise se confunde com a própria psicanálise na medida em que o psicanalista deve sempre fazer o trabalho de um pesquisador.

### 3.2 Entrevista, escuta e análise

Toda pesquisa científica necessita definir seu objeto de estudo e a partir daí, construir um processo de investigação, delimitando o universo que será estudado. Essa regra não é diferente para psicanálise como apresentamos acima. Observando-se os casos extremos, numa ponta identificam-se os estudos agregados, quando a intenção é examinar o próprio universo, e na outra, os estudos de caso, quando se estuda uma unidade ou parte desse todo (VENTURA, 2007).

Na pesquisa, quando utilizamos entrevistas, Costa e Poli (2006) destacam a necessidade de se preservar a experiência psicanalítica também nos contextos exteriores à clínica. As autoras dão especial destaque à transferência, uma vez que o sujeito do inconsciente é resultante de um laço discursivo, que vai ser reproduzido na transferência. Assim, uma pré-condição para a realização da pesquisa em psicanálise é que a entrevista esteja pautada nesse pressuposto.

Para Costa e Poli (2006), quando a entrevista é realizada fora do contexto da clínica, uma dificuldade que aparece é que a demanda é do pesquisador, e não do entrevistado. Já nos contextos exteriores à clínica, há uma inversão do modelo, pois é o pesquisador quem supõe que o entrevistado saiba algo. A demanda do pesquisador deve ser suficientemente ampla para propiciar ao entrevistado formular sua própria questão e responder a ela, na transferência, de forma singular, sem pressões prévias.

A escolha da entrevista como método oportunizará aos sujeitos da pesquisa não somente sustentar o desejo da escuta, mas revelar nuance da escuta analítica sobre a os impactos do preconceito racial na subjetividade desses sujeitos. Não obstante, ao serem convidados para participar da pesquisa, com todas as normativas vigentes e estabelecidas pelo (TLCE), os sujeitos de pesquisa aceitaram de forma imediata. Ao planejar esta pesquisa, parti para a investigação de um sintoma individual para um sintoma social enquanto manifestações ideológicas capazes de subjugar uma raça como superior a outra, numa dimensão cultural.

Conforme Figueiredo e Minerbo (2006), o conteúdo que a entrevista oferece ao pesquisador é descoberto e sustentado pela e na interpretação analítica, graças à transferência

e contratransferência, presentes na relação analítica que se apresenta e se desenvolve entre o entrevistado e o entrevistador. Diante disso, a pesquisa em psicanálise não deseja comprovar ou validar hipóteses, mas dar sentido ao que é dito, cuja construção passa indubitavelmente pela transferência, que reedita as tramas psíquicas do entrevistado.

Para analisar, é importante compreender a entrevista no seu aspecto polifônico, ou seja, trazer para a análise justamente as “outras vozes”, a pluralidade discursiva que atravessa a narrativa da entrevistada; sem deixar de mencionar que a própria presença de quem investiga é parte dessa pluralidade discursiva, ou seja, sempre há uma interferência, mesmo que mínima e não intencionada (SILVA, 2013). É importante então compreender, durante a entrevista e na análise, que o indivíduo é sujeito de uma série de discursos (ditos e não ditos) e que o mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições de sujeito.

A análise dos dados, na pesquisa psicanalítica, deve ser orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto. A escuta, na clínica, tem como base a teoria e a atenção à fala do analisando. Na pesquisa o processo é semelhante, só que, ao invés da fala, trabalha-se com o texto escrito e busca-se "identificar significantes cujo sentido assume o caráter de uma contribuição original para o problema de pesquisa norteador da investigação" (IRIBARRY, 2003, p. 129).

A experiência com os dados é transformada em texto que identifica e realça marcas no discurso, posições, efeitos de sentido. A escrita do caso vai além de uma apreensão circunstancial e momentânea do observado, pois envolve uma construção, a construção do caso metodológico, que transforma os registros daquilo que se apresenta como enigma em um relato, uma narrativa, uma experimentação e teorização de um campo. O caso revela não só o pesquisado, mas também aquele que escuta e as sinuosidades do campo que transita (ROSA; DOMINGOS, 2010).

Mezan (1994), tratando da pesquisa em psicanálise, traz uma importante contribuição ao analisar o discurso como elemento necessário para compreensão do inconsciente em suas complexas articulações. O primeiro procedimento básico, segundo o autor, é a coleta de dados ou o que se conhece comumente enquanto pesquisa de campo. O segundo momento seria o de reflexão, sendo este o distanciamento necessário do objeto de estudo para que se possa analisá-lo com o objetivo de compreendê-lo. Pode ser comparado ao trabalho de um antropólogo que, após interagir de alguma forma com os sujeitos da pesquisa, precisa recorrer a uma reflexão, alicerçada em uma teoria, para poder elucidar ou lapidar o material coletado.

A análise dos dados será desenvolvida com base no conteúdo das entrevistas

realizadas, bem como as observações feitas durante o processo de pesquisa. O conteúdo das falas dos participantes será sistematizado e articulado junto com a teoria que temos como suporte. Para a publicação dos resultados da pesquisa, será necessário submeter ao comitê de ética com as devidas autorizações dos sujeitos escolhidos através do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TLCE). Importante salientar que esta pesquisa foi submetida à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

### 3.3 A transferência na pesquisa

Embora o fenômeno da transferência sempre tenha existido, pois tributários dos processos identificatórios, foi com a psicanálise que a transferência passou a ser trabalhada, tornando-se um dos postulados básicos da teoria psicanalítica, e qualquer elaboração teórica que se defina como psicanálise deve leva-a em conta. A transferência não é um fenômeno exclusivo dessa relação e aparece, em maior ou menor intensidade, em todas as relações interpessoais. Na situação de entrevista não é diferente, e a transferência deve ser utilizada como instrumento técnico de observação e compreensão (Bleger, 1980 *Apud* Rosa, 2010).

Um impacto significativo que a pesquisa demanda sobre o pesquisador, nos quais apresenta Ceccarelli (2012) é justamente as perguntas que sustentam a transferência ao tema da pesquisa no qual representa as atualizações das tentativas infantis de busca de respostas frente às questões das origens. Contudo, segundo o autor, essa seria uma tentativa de lidar com questões internas, uma maneira de resolver teoricamente conflitos psíquicos não simbolizados, ela corre o risco de não acontecer, ou acontecer à custa de um grande sofrimento no pesquisador, a ponto de, em certos casos, um processo analítico ser recomendável.

Porém, essas implicações direcionadas diante da relação pesquisa e pesquisador, não devem ser motivos para um recuo frente à empreitada por vir. Assim, justifica o autor, como um elemento fundamental e transferencial para originalidade da pesquisa:

(...) é a reunião de todos estes elementos que marca a originalidade da pesquisa, pois por mais que temas semelhantes sejam pesquisados, cada pesquisador o tratará a partir de seus elementos inconscientes que, sabemos, variam de um indivíduo a outro, posto que dependentes dos movimentos identificatórios constitutivos do Eu. (CECCARELLI, 2012, p.142)

Portanto, do ponto de vista da produção de um material que está diretamente ligado com o ponto de transferência do objeto de pesquisa, a angústia é sempre grande, sobretudo,

pelas expectativas narcísicas, e fantasias de castração, que se expressam como sentimento de impotência e de incapacidade de criação provocados pela exposição em público da produção interna. Desse modo, os elementos conscientes e inconscientes que é escolhido como tema da pesquisa e levado para o espaço acadêmico como moldes de uma pesquisa universitária.

Esse (re) encontro com a realidade na produção da pesquisa na academia é revelado diante do lugar da escrita psicanalítica. Essa escrita abordada na primeira pessoa do singular reflete como uma inscrição junto a outros aspectos, uma construção pautada em novos roteiros diante do caminho trazido pelo inconsciente do pesquisador.

#### 3.4 Fonte dos dados

Essa pesquisa tem como objeto, a análise da escuta de estudantes negros fora do espaço clínico analítico. Contudo, essa escuta se dará no espaço isoladamente fechado entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa. A análise da escuta de sujeitos negros não difere de qualquer outro sujeito. Entretanto, penso que a escuta baseada na teoria psicanalítica nesse contexto traz uma especificidade; a situação de preconceito e discriminação que esses sujeitos carregam ao logo da sua história ou em algum momento da sua história.

Apesar da pesquisa está engendrada no campo da psicologia social, a teoria psicanalítica apresenta-se como base fundamental no inconsciente e no psiquismo. Este que, muitos psicanalistas dizem não ter cor. Esse discurso acaba por inviabiliza as pesquisas psicanalíticas em torno das relações raciais. Nogueira (2012) diz que “psicanaliticamente, não existe o inconsciente negro, mas existe o inconsciente atravessado pela negritude”. Frase que nos aponta para um olhar, ou melhor, uma escuta que acolhe e que toma contornos subjetivos para a questão das relações raciais entre brancos e negros numa clínica psicanalítica.

Um dos critérios para escolha dos sujeitos de pesquisa entrevistados era que fossem estudantes da UFPA, que se auto declarassem negros e que tivessem vivenciado alguma experiência com o preconceito racial dentro ou fora da UFPA, que entre os entrevistados tivesse uma perspectiva de gênero (um entrevistado feminino e outro masculino) e, sobretudo, um estudante de nacionalidade estrangeira e outro estudante de nacionalidade brasileira. A escolha por dois estudantes entrevistados (um brasileiro e um estrangeiro) e a análise das suas respectivas entrevistas nos norteou para tentativa de compreender o preconceito racial sob uma roupagem no campo psicanalítico como um dos objetos da pesquisa. Essa compreensão não me permitirá tecer conclusões, mas me possibilitará tecer conjecturas para outros

momentos.

No caso específico desta pesquisa, foram entrevistados dois estudantes negros da UFPA; uma estudante brasileira e um estudante oriundo de um país do continente africano (Guiné-Bissau) que sofreram algum tipo de preconceito racial. Devo dizer que a análise será feita com os aportes metodológicos da pesquisa em psicanálise.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário (anexo) com perguntas iniciais semi-estruturada, contudo obedeceu aos rigores da psicanálise da associação livre. Antes de iniciarmos as entrevistas foi realizado o contato por telefone e logo depois pessoalmente quando me apresentei e falei em linhas gerais sobre o projeto de pesquisa e o meu desejo de realizá-lo no campo da Psicologia. De pronto, os dois sujeitos aceitaram de forma a contribuir com a pesquisa, mais ainda, apresentaram certa surpresa de ser uma pesquisa que versava sobre as questões raciais oriundo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA. As entrevistas foram coletadas em dias diferentes para cada estudante, uma entrevista em cada dia, numa sala fechada e gravadas para posterior transcrição e análise em toda sua extensão. No momento da transcrição, os nomes verdadeiros dos (as) entrevistados (as) foram devidamente preservados garantindo, assim, o sigilo e o tratamento ético, fundamentais nas pesquisas psicanalíticas. Foi respeitada aqui, a escolha dos nomes fictícios dados pelos entrevistados. Cada um deu o nome de pessoas cuja representação mais se identificava.

As entrevistas duraram cerca de 50 minutos com exaustivos esforços mobilizados por afetos no que diz respeito às suas intimidades, conflitos, emoções e a vida. Procurei deixar os entrevistados livres para falar das suas experiências vividas com o preconceito racial da forma que sentissem mais à vontade. As interferências eram no sentido de elucidar alguma questão que me escapava ou me interpelava ou até mesmo de direcionar as perguntas que norteavam a entrevista.

Por muitas vezes, a escuta de estudantes negros da UFPA não toma eco, tornando-os surdos e silenciados pelo racismo institucional. Aqui, a escuta desses estudantes pretende atender para os manejos de uma escuta inconsciente a partir da linguagem, entonações, sensações vividas ao longo do tempo e por relações identificatórias marcadas pelas culturas. Cientes de que não será possível abarcar todo o campo de estudantes negros brasileiros e estrangeiros da UFPA é que escolhemos particularizar esse recorte do universo acadêmico do Pará.

#### 4. REVESES DO PRECONCEITO RACIAL: UMA ANÁLISE

*“Negro Drama, entre o sucesso, e a lama,  
Dinheiro, problemas, Invejas, luxo, fama,  
Negro Drama, cabelo crespo e a pele escura,  
A ferida, a chaga, à procura da cura...”  
(Racionais MC’s)*

O eixo teórico central que norteou a análise das entrevistas foi o conceito de identificação em Freud (1921). A identificação é definida como um processo pelo qual o sujeito se constitui e se diferencia. O modelo ao qual se identifica é colocado no lugar de ideal, tornando-se como referência para a constituição do sujeito. A partir daí, partimos da hipótese de que o sujeito negro vivencia e se constitui a partir do modelo de identificação nas relações com sua cultura, com a família e nas suas relações sociais.

Segundo Freud (1921), o Eu constitui-se e se diferencia através de uma série de identificações. Processos psicológicos pelo qual um aspecto, uma propriedade ou um atributo do outro é assimilado e se transforma, total ou parcialmente segundo o modelo dessa pessoa. A identificação assim é definida como “a mais remota de uma expressão de um laço emocional com outra pessoa” (1921: 133). Sob esse conceito de identificação de Freud (1921) que a pesquisa tomará corpo para a compreensão da discriminação racial em sujeitos negros. Diante disso, faremos uso dos aspectos conceituais trazidos pelas ciências sociais que definem identidade racial, processo que se diferencia do conceito psicanalítico, em que trabalharemos com o conceito de processos identificatórios nessa relação com o outro.

Conforme Ceccarelli no seu livro intitulado “Transexualidades” (2008), o conceito de identidade é uma expressão complexa, pois recobre, ao mesmo tempo, o particular e o geral: o que define o sujeito na sua mais absoluta diferença e que o assemelha a outro qualquer, graças a certo número de traços em comum. Afirma ainda que a concepção de “identidade de um povo” em que guerras étnicas são declaradas no intuito de preservar o que é próprio a uma nação, a uma raça e somente a ela, aquilo que faz sua particularidade, e constitui sua identidade. Revela ainda que o insuportável da diferença pode ser a tal ponto ameaçador que o sujeito pode preferir morrer a perder sua identidade.

Para corroborar com a perspectiva de construção de identidade como troca de coletividade utilizamos a ideia de Kuper (2002) que afirma:

(...) identidade não é apenas um assunto pessoal. Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com outros. Segundo os construcionistas, é nesse diálogo que a identidade é formada. Mas, não é dessa maneira que ela é vivenciada. De um ponto de vista subjetivo, a identidade é descoberta dentro da própria pessoa, e implica identidade com outros. O eu interior descobre seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade. (p. 298)

Segundo Helms (1990) identidade racial é “um sentimento de identidade coletiva ou grupal baseado sobre uma percepção de estar compartilhando uma herança racial comum com um grupo racial particular. Um sistema de crenças que se desenvolve em reação a diferenciais percebidos no pertencimento a grupos raciais”. Dessa forma, a relação de pertencimento grupal racial no Brasil ocorrerá de alguma forma com qualquer pessoa cuja situação de desigualdade estabeleça uma hierarquia entre brancos e negros nesta sociedade.

Podemos perceber tal concepção diante da convenção do IBGE de que o sujeito que é negro é quem se autodeclara preto ou pardo. Embora a ancestralidade determine a condição biológica com a qual nascemos, há toda uma produção social, cultural e política da identidade racial no Brasil, ou seja, uma identificação com o discurso voltado para um grupo de sujeitos que se assemelha um ao outro. No caso das (os) negras (os) na diáspora, essa semelhança encontra-se vinculada ao grupo de negras (os) escravizados vindo do continente africano.

Para a psicanálise, o conceito de identidade só pode ser pensado de maneira dinâmica por ser dependente dos processos identificatórios. Dentre os elementos presentes nesse processo, que oferecem possibilidades identificatórias às pulsões, estão os ideais sociais. Entretanto, quando esses ideais não levam em conta os mitos de origem, no caso, referências que representam a cultura negra no Brasil, o encontro entre esses ideais e os mitos de origem podem produzir efeitos traumáticos ou mesmo desorganizador. É neste sentido que falamos de “perda identitárias”: A identidade constitutiva de um processo vivo e ativo mantido pelas características do Eu como aponta Freud (1923), adormece a circulação pulsional diante a perda de referências identificatórias, pois é nesse novo mundo simbólico em que o sujeito se coloca se torna um causador de angústia. Nesse sentido, os conteúdos recalçados produzem efeitos psíquicos perturbadores, com efeito, a ruptura da ligação de afeto desse sujeito nessa relação. Este estado de coisas pode produzir efeitos devastadores no sujeito, pois afeta diretamente os conteúdos recalçados, fazendo com que a ligação afeto/representação se desfaça (Ceccarelli, 2007).

Assim, os ideais sociais refletidos pela mídia brasileira com relação ao negro brasileiro apresentam uma ruptura de referências identificatórias nos valores culturais

assimilados diante dessa não representação nos espaços midiáticos acarretando uma internalização de um modelo simbólico de cultura branca e eurocêntrica que impossibilita as perceptivas de alteridade na sociedade. Ao mesmo tempo em que essa cultura branca e eurocêntrica é assimilada pelo sujeito, isso pode ser geradora de sofrimentos diante do corte com as bases mitológicas que estruturam o psiquismo do sujeito negro.

O racismo é um fenômeno histórico e ideológico que possui em seus derivados o preconceito e a discriminação racial. Um fenômeno violento que gera desigualdades, sofrimento e dor a sujeitos de cor. A tolerância e o respeito às diferenças tem marcado profundamente a sociedade brasileira. É justamente na perspectiva das diferenças que outro eixo teórico psicanalítico toma corpo nessa pesquisa; o narcisismo das pequenas diferenças. O narcisismo das pequenas diferenças foi termo usado por Freud (1914) para refletir sobre o par de opostos, tolerância/intolerância no plano individual e coletivo.

O mito narcísico apresentado por Brandão (1987) nos traz uma metáfora sobre arrogância, vaidade e egoísmo diante de si e da sua beleza. Narciso despertava amor tanto em homens e mulheres, mas era muito orgulhoso e ninguém conseguia quebrar a sua arrogância. Até as ninfas se apaixonaram por ele, incluindo uma ninfa chamada Eco que o amava incondicionalmente, mas o rapaz a menosprezava. A beleza de Narciso levava seus pais, a sua mãe Liríope, que, percebendo o mal-estar diante da beleza do filho, procurou o adivinho Tirésias, interessada sobre o tempo de vida que este teria. Então Tirésias revelou que Narciso viveria enquanto não se visse.

Ainda segundo Brandão (1987), as moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las. Para dar uma lição ao rapaz frívolo, a deusa Némesis, o condenou a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo na lagoa de Eco. Encantado pela sua própria beleza, Narciso deitou-se no banco do rio e definhou, olhando-se na água e se embelezando. Depois da sua morte, Afrodite o transformou numa flor, narciso.

Esse suposto amor a si mesmo – narcisismo – é de tal modo rígido e conservador que qualquer desvio trazido pelo outro é visto como uma afronta e o faz entrar em guerra contra qualquer sombra de divergência. Como se dissesse: tudo que de mim difere me ameaça. O reconhecimento do diferente se opõe ao narcisismo, e para que o outro seja reconhecido como tal, há de ocorrer necessariamente uma mudança psíquica. Nunca há um acesso à alteridade que não passe por alterações no psiquismo.

No texto de “Totem e Tabu”, Freud (1912) encontrou subsídios para pensar a onipotência narcísica através da concepção de um tirano, ponto de referência da horda

primitiva. Mas é no texto “Introdução ao narcisismo” que Freud (1914), pela primeira vez costura o conceito trazendo não mais o narcisismo conquistado pela força bruta das “tribos primitivas”, mas na concepção de civilização humana como elemento constitutivo de cultura.

Totem e tabu inova por descentrar o pensamento freudiano de uma construção teórica em que o trabalho do aparelho psíquico é ditado pela pulsão. Uma construção teórica a partir da articulação da dinâmica psíquica e os laços sociais culturais. Elementos teóricos que nos fundamentam a refletir sob a relação do Eu com o Outro. Ainda em “Totem Tabu” as análises de Freud voltam-se para as imposições ao aparelho psíquico exercidas pela sociedade. Lançando o olhar para os imperativos da cultura, Freud teve que se haver com o recalque como sendo um longo e complexo processo de assimilação.

Ao contrário de Narciso, que remete ao egoísmo, o Supraeu remete aos ideais sociais, o conteúdo filogenético transgeracional, nossas heranças mais arcaicas as quais nos fazem lembrar não apenas do Totem, mas principalmente do tabu, das interdições e proibições que a alteridade preserva, valoriza e enaltece.

O narcisismo está envolvido na estruturação do eu, unificando as pulsões parciais e auto-eróticas. O que permite essa relativa unificação da fragmentação pulsional é o investimento libidinal na representação psíquica que o sujeito constrói. O investimento libidinal do eu é fundamental para a sua preservação. Desta maneira, segundo Freud (1913) existiria um momento mítico, posterior ao auto-erotismo, que precederia o investimento do objeto como diferente do sujeito, que seria o narcisismo:

Embora ainda não nos seja possível traçar com exatidão suficiente uma característica deste estágio narcisista, na qual as pulsões sexuais, até então dissociadas, se reúnem numa unidade investindo o eu como objeto, vislumbramos desde agora que a organização narcisista nunca é totalmente abandonada. Um ser humano permanece narcisista em certa medida mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido (p. 92).

A onipotência do Eu Ideal como investimento libidinal não se sustenta na medida em que é agredida constantemente pela realidade, cedendo espaço ao Ideal do Eu, pelo qual ele se mede e será medido. A ameaça de castração contra o Eu Ideal inicia-se a partir do Ideal do Eu, que exige a renúncia dessa onipotência infantil.

Os arranjos narcísicos, ainda que confrontados e cerceados, não são de todo desprezados e, mesmo após o estabelecimento da escolha objetal definitiva, as escolhas objetais narcísicas são possíveis de coincidir, amando alguém que lhe recorde algo de familiar: “Procuram abertamente a si mesmo como objeto de amor...” (FREUD, 1914, p. 107).

Os investimentos narcísicos se fazem em momentos distintos: o narcisismo, que possibilita a constituição do Eu, é o narcisismo primário, e quando o Eu, já capaz de desejar, retira a libido dos objetos e a reinveste em si, outra vez, há o narcisismo secundário. O Eu faz o investimento no narcisismo secundário, e no narcisismo primário, o Eu está em elaboração, logo: o Eu nunca deseja sair da posição de objeto amado (FREUD, 1914).

Segundo Barreto (2013), o amor de perdição narcísico está em concentrar todo o investimento libidinal em si, causando um represamento, que em casos mais extremados, aliena e compromete o contato com a realidade, observados com frequência nas psicoses ou neuroses narcísicas. O “egoísmo” que o narcisismo desvelou é necessário à organização, constituição e sobrevivência psíquica, a sua ausência, ao contrário, causará um adoecimento, contudo, o excesso impede e compromete o contato com a alteridade, levando a um adoecimento tão severo quanto.

Miguel (2007) toma em sua análise o raciocínio desenvolvido em “O futuro de uma ilusão”, “Mal-estar na civilização” e “Por que a guerra?”, que elabora em conjunto com noções de outros autores.

Entretanto, embora a religião seja uma construção cultural assentada no que o ser humano tem de mais potente, seus desejos, ela fracassa na realização de seus objetivos. O pessimismo pode ser atribuído em relação aos textos ora citados. A Introdução ao narcisismo conceitua formalmente aspectos para uma interpretação na formação de um Ideal do Eu, quer dizer, um conjunto de normas e valores que orienta as ações de um sujeito, dependia da existência de um eu ideal narcisista. (p. 41-42)

Ainda segundo Miguel (2007) o narcisismo está para além de um conceito, é uma articulação conceitual de vários termos preciosos à psicanálise, como pulsão, objeto pulsional, libido, Eu, autoerotismo, ideal do Eu e Eu Ideal.

Segundo Fuks (2007) o narcisismo das pequenas diferenças está na base da constituição do “eu”, do “nós” e do outro, na fronteira que tem por função resguardar o narcisismo da unidade. Quando levado ao paroxismo, desemboca na segregação e no racismo, expressões máximas da intolerância ao outro e tolerância ao mesmo. A unidade expressada na composição do narcisismo encontra-se na condição eurocêntrica e de superioridade branca com relação aos povos negros africanos. Apesar de Freud trabalhar o conceito do narcisismo das pequenas diferenças a partir da sua história com o judaísmo, o elemento de análise para o racismo nesse contexto é o da escravização e exploração de sujeitos negros. Contudo, foi com esta ferramenta conceitual que a psicanálise, diante do fenômeno de manipulação do sentimento de estranheza à diferença do outro que explodiu no interior das grandes massas

modernas, se voltou para o campo da política.

Fuks (2007) revela que a hipótese sobre a origem estrangeira do monoteísmo judaico serve de base para que Freud desenvolva suas reflexões sobre a intolerância à alteridade como expressão da vontade de assegurar a coesão do idêntico a Si, destruidor de tudo o que se opõe à proeminência absoluta do outro. Compreender este ódio ao outro através da metáfora do Judeu, o ancestral *unheimlich* das massas, exigiu de Freud o uso do conceito de narcisismo das pequenas diferenças. Explorar as diferenças entre alguns povos e o povo errante, encontra que a intolerância das massas se exterioriza com muito mais intensidade frente às pequenas diferenças que caracterizam os judeus do que às fundamentais, Freud (1939). A segregação e o racismo situam-se, portanto, na dimensão agressiva do sujeito frente a uma pequena diferença, que provoca angústia. Diferença ex-tima: o horror ao que é mais íntimo e que, tomado pelo eu como um objeto externo, constitui-se em objeto do ódio na segregação e no extermínio (FUKS, 2007).

O narcisismo enquanto representação unificada de si mesmo, para o sujeito implica a sua imagem corporal. Para Freud (1923) O Eu é antes de tudo, um eu corporal, não é tão só um ser de superfície, mas é, em si mesmo, a projeção de uma superfície (...). Pode ser considerada uma projeção mental de uma superfície corporal. Reafirma-se aqui que é no corpo, é nessa “projeção mental de uma superfície corporal” que o racismo incide. Um corpo marcado pela sua história e que esse ‘Outro’ se sente no direito de violentar e de julgar negativamente.

Nesse contexto pensamos como se daria as relações raciais entre brancos e negros nesse processo identificatório entre as diferentes culturas, no caso em específico da pesquisa entre o Brasil e o país de Guiné-Bissau.

A partir desse ponto de partida, a análise das entrevistas dos sujeitos de pesquisas foi composta em dois momentos, por meio de cenas da vivências desses sujeitos durante algum momento de suas vidas e, sobretudo na UFPA como espaço potencializador de enfrentamento do preconceito, mas também como lugar que guarda todo privilégio expressado pelo racismo institucional por parte de funcionários, professores, estudantes e da própria estrutura da universidade.

#### 4.1. Carolina Maria de Jesus Hickmann<sup>3</sup>: Mulher, negra e lésbica vivendo com o preconceito racial no Pará/Brasil

*“Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade.  
Nós, os pobres, somos os trastes velhos...”  
(Carolina Maria de Jesus)*

### **Cena 1. Construção identitária: reconhecendo sua origem em meio ao preconceito**

A origem do sobrenome de Carolina Maria de Jesus Hickmann é da família de sua mãe que descende de alemães. Aqui começa a trajetória de construção do processo identificatório de Carolina Maria que começou a ser descoberto por meio de um trabalho escolar para que descubra sua árvore genealógica. Eis que se insta um conflito como revela Carolina: “Era difícil explicar dentro da escola (...) de onde é que vinha o meu nome. Como eu ia explicar como negra, que eu tenho um sobrenome alemão?”

Como vimos segundo Freud (1921), o Eu constitui-se e se diferencia através de uma série de identificações. Processos psicológicos pelo qual um aspecto, uma propriedade ou um atributo do outro é assimilado e se transforma, total ou parcialmente segundo o modelo dessa pessoa. Com isso, a identificação assim é definida como “a mais remota de uma expressão de um laço emocional com outra pessoa” (1921: 133). Mais adiante, Carolina aponta uma desordem psíquica na relação com sua mãe diante do seu fenótipo manifestado pelas interpelações dos colegas de sala:

Além disso, ser difícil, eu ficava com uma coisa na minha cabeça (...) minha mãe é branca, é completamente diferente de mim. (...) eu tinha receio de andar com minha mãe na rua e pensarem que eu era adotada porque quando eu falei disso na escola pela primeira vez (...). Uma encarnação dos coleguinhas que riram quando eu disse ‘olha, esse nome é um nome alemão, eu descendo de alemães também’. Meus colegas riram da minha cara, disseram que era mentira, a professora, eu lembro vagamente... Não lembro direito se ela soube lidar mas acredito que não, porque eu lembro que as risadas foram constantes quando eu falei sobre isso.

---

<sup>3</sup> Nome fictício escolhido pela entrevistada. Carolina Maria de Jesus (1914-1977), nascida em Sacramento (MG), mudou-se para a capital paulista em 1947, momento em que surgiam as primeiras favelas na cidade, moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo, ela trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. Ela é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil. Apesar do pouco estudo, tendo cursado apenas as séries iniciais do primário, ela reuniu em casa mais de 20 cadernos com testemunhos sobre o cotidiano da favela, um dos quais deu origem ao livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960.

Dahia (2008) nos apresenta em seu artigo; “A mediação do riso na expressão e consolidação racismo no Brasil”, a possibilidade de uma reflexão diante de uma das realidades brasileiras diante do racismo em que o riso desempenha um importante papel mediador inscrito na fronteira entre realidades distintas; o psíquico e o social, o consciente e o inconsciente, o jocoso e o sério. O riso é capaz de articulá-las de forma a contribuir para o encobrimento e a consolidação do racismo colado no mito da democracia racial. A autora revela ainda que o riso derivado da piada racista é portador de uma ambiguidade que, dificultando uma definição precisa de sua natureza, permite a ele transitar entre distintas realidades.

O discurso jocoso parece ser uma das possibilidades peculiares ao brasileiro de resolver conflitos identitários na vivência de suas relações raciais. Para Freud (1905), o chiste e seu efeito humorístico são os mesmos mecanismos da condensação e deslocamento, pelos quais o inconsciente se apresenta como nos sonhos, atos falhos e sintomas. Se o chiste está estruturado como uma formação do inconsciente, é por isto mesmo um trânsito para que alguma coisa da ordem do recalcado abra passagem e se mostre. O humor atua como álibi de alguma verdade do sujeito que, até então, não fora capaz de ser dita. Assim, Freud (1905) enuncia no seu texto a frase: “Numa brincadeira pode-se até dizer a verdade”. Essa verdade ainda não elaborada por crianças, mas já manifestadas pelos ideais identificatórios de uma sociedade preconceituosa e da cultura mostram sua relação com o inconsciente. A partir dessa cena, do qual marcou toda sua infância e adolescência começou a gerar inquietações na Carolina:

E daí, desde então, eu comecei a sentir um pouco de incomodo na minha infância quando eu era vista do lado da minha mãe, de falarem assim ‘ah, deve ser adotada’, e tudo mais. (...). Ficou durante muito tempo mesmo na minha cabeça ‘ai, será que é filha, num seio que? É da família e tal?.

Ao seguir contando a história da sua família, Carolina vai resgatando as memórias e as lembranças de sua árvore genealógica. Até que conta a história do seu pai, então revela:

Não convivia com meu pai. Ele se negou durante muitos anos a assumir paternidade, era negro, tinta forte, família dele toda é uma família de negros que vem do Acará<sup>4</sup> (...). Tudo que eu sabia do meu pai a minha mãe que me dizia porque eu perguntava pra ela (...) O meu pai também tinha o problema de aceitação de identidade muito

---

<sup>4</sup> No município de Acará, localizado no nordeste do Estado do Pará localiza-se duas comunidades de remanescentes de quilombo chamadas, respectivamente, Comunidade remanescente de quilombo Santa Maria de Itacoã-Miri e Comunidade remanescente de quilombo Guajará-Miri. Os remanescentes de quilombo são um grupo social que tem sua identidade arraigada em um território, na sua história, de seus descendentes, cultura e sentimento de pertencimento e interdependência.

grande. Porque, ele, por exemplo, não gostava de estar no lugar onde tinham pessoas negras. Ele não se sentia bem como negro.

Ao falar sobre seu pai, Carolina nos traz de imediato, duas construções teóricas para pensar; sobre sua relação com o pai e o que chama de problema de aceitação de identidade de seu pai. Freud (1919) em seu texto “Bate-se em uma criança” mostra que a introdução do pai na vida da criança vai marcar significativamente e de forma determinante na sua estrutura psíquica. O pai, para a psicanálise, é percebido como o terceiro elemento que corta o vínculo simbiótico entre a mãe e seu bebê, tão necessário num primeiro tempo de uma estruturação psíquica. O pai é o representante da lei que convoca ao desejo, à singularidade, à apropriação do campo simbólico (campo da palavra e dos significantes), lei que instaura o espaço criador, espaço facilitador das operações simbólicas. Não obstante, a representação e o lugar do pai na vida de Carolina “coincidentalmente” recaem sobre a segunda questão posta; o problema da aceitação sinalizado teoricamente no processo identificatório do sujeito, que assim como a Carolina ambos incorreram na mesma questão. Desse modo, percebe-se aqui que o sofrimento diante do racismo violenta a Carolina e seu pai de forma constante e sistemática por uma dupla determinação: a de encarnar o corpo e os ideais de ego de um sujeito branco e, sobretudo, a de recusar, anular e negar a presença do seu corpo negro (SOUZA, 1983).

## **Cena 2. Ser, sendo... Introspectiva e violenta: impacto de um discurso racial**

Cabe lembrar que um dos objetivos da pesquisa é analisar em que medida o preconceito racial impacta na vida de estudantes negros e africanos na UFPA. O termo impacto no ‘dicionário Aurélio’ dentre algumas definições na nossa língua, significa: Impressão muito forte, muito profunda causada por motivos diversos. Essas impressões causam angústias e sofrimentos quando refletimos sobre os discursos de cunho racistas e preconceituosos proferidos a pessoas negras. Assim, Carolina fala da sua dificuldade e de relatos que ouviu durante a sua infância e adolescência por conta da cor e do seu cabelo, em medida, tornando-a uma pessoa introspectiva e agressiva.

Eu senti algumas dificuldades, que vem por conta do preconceito. (...). Teve a questão da minha cor, uma vez uma menina disse que eu tinha cor de merda, eu me lembro. (...). Nunca aceitava o meu cabelo. Até os vinte anos eu posso te dizer que eu não aceitei o meu cabelo. Na escola e na infância era pior. Na adolescência continuou... eu me tornei uma pessoa introspectiva. E eu sofri vários tipos de preconceito. E eu não enxergava isso como preconceito por quê? Porque eu não fui criada pra ser vista como uma menina negra, uma mulher negra. Eu fui criada pra ser vista como uma menina morena.

Ceccarelli (2000), como já vimos, no texto “Sexualidade e preconceito” revela que a expressão do preconceito pode ser postulada como um recalque, uma espécie de mecanismo de defesa inerente à construção do psiquismo, portanto universal. Isto significa que o preconceito funcionaria como um alerta, uma forma mais sofisticada da angústia, sinal contra moções pulsionais recalçadas que ameaçam os padrões estéticos. Esse recalque pulsional que ameaça os padrões estéticos aponta para uma construção de referencial estético branco e a recusa do corpo negro na forma de não aceitação do cabelo crespo por ser negra.

Carolina, assim como outras mulheres e homens negros são “vítimas cotidiana, sistemática e constante, sem pausa e sem repouso do racismo” (Costa, 2008. p. 156) que a leva e que os levam a manter-se numa posição introspectiva, reflexiva e passiva diante da construção discursiva sobre o preconceito racial. Com isso, possivelmente teremos resíduos de experiências angustiantes e traumáticas que acarretará em sintomas psíquicos carregados por toda sua história. Segundo Fanon (2008), as escolas psicanalíticas estudaram as reações neuróticas que nascem em certos meios, em certos setores da civilização. E quando se trata de uma neurose vivida por um adulto, a tarefa do analista é reencontrar, na nova estrutura psíquica, uma analogia com certos elementos infantis, uma repetição, uma cópia de conflitos surgidos no seio da constelação familiar.

Nesse ponto Carolina nos aponta diversos elementos para análise da sua dinâmica psíquica. Mais adiante, revela a sua forma de lidar com todo esse sofrimento que a comete; risos como fonte de sublimação e a prática de *bullying* como forma de defesa frente à dramática impossibilidade de realizar o ideal fenotipicamente branco, Carolina conjectura sucumbir as punições do Superego e/ou devolver, por meio da violência, buscar novas saídas para o sofrimento vivido nas suas relações sociais.

Na ordem discursiva da palavra *bullying*, encontramos uma ideia que nos remete desde o espancamento de um jovem pelos colegas de sala, danos ao patrimônio físico da escola, ofensas entre alunos e professores, fofocas em redes sociais, até mordidas entre crianças no maternal como forma de conduta entre estudantes que causam humilhação dor e sofrimento. Contudo, o termo não nos exime de pensar na sua complexidade e particularidade para cada caso, sobretudo de refletir sobre o desafio prático que sua singularidade nas suas relações nos propõe, inclusive no nível do preconceito racial.

Ah, aquela questão de quando você está na escola, você está entrando no ensino fundamental, no ensino médio, é aquela pessoa que pega pra cristo mesmo, sabe? Aquela pessoa que sofre encarnação e tudo mais e a minha forma de lidar com isso durante todo esse tempo foi rindo, foi rebatendo e me igualando a essas pessoas opressoras de que forma, eu também fazia muito bullying. Chegou no nível que eu

entrava na questão de encarnar pra me sentir e tudo mais, só que eu sofria direto preconceito, eu era perseguida na escola e tal.

Ainda segundo Fanon (2008) o jovem negro identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco. Há identificação, isto é, o jovem negro se identifica subjetivamente com uma atitude de branco. Nesse momento Carolina adota o ideal identificatório com marca de sadismo carregada com toda sua agressividade quando reproduz a violência em forma de bullying com outras colegas. No texto de Freud (1929) “O mal-estar na civilização” mostra que o narcisismo das pequenas diferenças é uma maneira de dar vazão à agressão, assim, podemos pensar a violência sofrida e cometida por Carolina perante a sua cor. Sentimos o ódio do outro, para mantermos a coesão do grupo. Assim demonstra Freud (1929) na sua passagem:

Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses, por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses, e assim por diante. Dei a esse fenômeno o nome de ‘narcisismo das pequenas diferenças’, denominação que não ajuda muito a explicá-lo. Agora podemos ver que se trata de uma satisfação conveniente e relativamente inócua da inclinação para a agressão, através da qual a coesão entre os membros da comunidade é tornada mais fácil (p.136).

Apesar do sofrimento relatado pela Carolina diante da sua vivência na escola, assinala o espaço da universidade como espaço de reconhecimento.

Isso só veio mudar quando eu entrei na universidade, que eu conheci outro mundo, que eu tive contato com outras idéias, que eu passei a me ver assim, dentro de um contexto totalmente diferente daquilo que eu estava, e reconhecer dentro das lembranças dos episódios que eu passei o que foi preconceito. Foi quando eu comecei a me dar conta de que ‘ah, isso aqui que eu sofri aquilo foi um preconceito em relação a mim’. E aí eu consegui passar, com o tempo, a me reconhecer como mulher negra.

A universidade com seus métodos educativos, na sua condição de espaço de poder e privilégio não reconhecem a lei 10.639/03 (que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana") como forma de ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas. Por outro lado, a universidade também se coloca como espaço

potencializador de reconhecimento social inseparável da idéia de democracia e de democratização do saber: seja para realizar essa idéia, seja para opor-se a ela como um lugar reconhecidamente de diversidade. Assim, Carolina se reconhece como mulher negra e reconhece, na sua vivência a violência sofrida e o reconhecimento do preconceito racial.

### **Cena 3. Vergonha: uma imagem negada**

Carolina nos fala do incomodo a respeito do preconceito racial vivido durante sua vida. Um preconceito que nega sua condição de existência em relação às pessoas brancas. O não reconhecimento do lugar de sujeito com suas histórias e suas ancestralidades. Nesse momento é necessário reconhecer o preconceito como um campo fértil e abissal em que se deposita a negação do outro como diferente, a inexistência do lugar de sujeito, o lugar da invisibilidade, sobretudo, um campo fecundo, submerso e propicio para produção de traumas<sup>5</sup> cotidianos. Esse outro diferente tem uma relação íntima com o histórico das relações raciais já apontadas anteriormente.

Essa diferença evidencia a forma como se dará os aspectos das desigualdades de raça, gênero e classe na sociedade brasileira. Assim, Carolina revela o teor do seu incomodo lançando luz sobre o sentimento de vergonha como uma negação de sua imagem.

Eu tinha o sentimento de vergonha, de vergonha do que eu era, entendeu? (...) eu sentia vergonha, de mim, porque eu sempre ficava com aquela neura na cabeça, era de alguém algum dia ainda vai perguntar pra minha mãe se eu sou adotada. Um dia desses eu entrei no salão, (...) minha prima estava fazendo unha, ela é branca, bem branca, ai eu estava com meu primo, com o filho dela, né (...) ai eu entrei com meu sobrinho no salão pra eu deixar ele lá, ele é uma criança pequena, branco também, e ai (...) a cliente que estava do lado que perguntou assim 'ela é babá dele? ai a minha prima disse 'não, ela é minha prima'. Ai eu só fiquei olhando assim, ai eu tipo não acreditei, sabe? Eu não acreditei, eu não acreditei quando aquela mulher falou aquilo, não acreditei. E desde ai eu peguei uma coisa assim... Eu ando com meu sobrinho mas eu não me sinto à vontade de andar com ele e com a mãe dele.(...) Porque eu tenho essa sensação de que as pessoas estão me olhando e estão dizendo que eu sou a babá da criança. (...) Tanto é que quando a gente sai junto, eu faço o máximo para... Assim, eu digo 'segura ele', as vezes ele pode até precisar da minha ajuda, tipo 'corre que ele vai fazer alguma coisa, mas assim, eu vou, mas... Todo tempo 'toma, fica com ele, fica com ele, a gente tá junto mas fica com ele, fica com ele!', sabe? Porque isso me incomoda.

A vergonha colocada por Carolina nos remete a um sofrimento narcísico perante as relações sociais e ao ideal de ego ligado ao pertencimento de uma nação. Mas que nação é essa que Carolina tem vergonha? Bilenky (2013) em seu texto 'A vergonha e os sofrimentos

---

<sup>5</sup> O conceito de trauma, proposto por Ferenczi (1931), trabalhado nessa análise está pautado em situações traumáticas perturbadoras que colocam em risco todo projeto identificador do sujeito, por não serem metabolizados e, assim, integradas ao psiquismo, desorganizando-o.

narcísicos' nos revelam que ao tomar a vergonha como emoção ética de regulação dos laços sociais, a função exercida pela culpa é deslocada. Assim, a vergonha como um regulador ético da vida social em culturas retira do sujeito o valor soberano. Valor que é dimensionado para valores e ideais relacionados à honra como lugar de pertencimento de uma nação.

A passagem desta cena nos mostra a cisão, a ruptura entre o Eu de Carolina e os valores sociais atribuídos e relacionados a uma idéia das diferenças raciais no Brasil. Assim, Carolina traz no relato de seu sofrimento vivido nesta cena um duplo preconceito; O fato de ser negra remete ao lugar de babá perante as diferenças de cor. Eis que nos remete mais uma questão; quem o branco e quem é o negro no Brasil? Qual o lugar do branco e qual o lugar do negro no Brasil? Ainda segundo Bileny (2013) o receio do envergonhado refere-se a sua imagem diante do outro revelando sua face narcísica.

A vergonha aponta para uma inadequação diante de um ideal personalizado na figura do outro e do seu meio social. Conforme Bileny (2013, p. 202): “A vergonha surge como um dos reguladores da inserção da comunidade. E do ponto de vista do envergonhado, seu sofrimento se liga ao sentimento de que seu aspecto destoa do ideal supostamente partilhado pelo grupo.” Ainda segundo a autora, o destino da ferida causado pela vergonha, como todo traumatismo sem recalamento é conservar-se engessada com camadas construídas que culmina em estratégias de evitação próximos com sintomas fóbicos. Paralisante e com efeito de corte, a vergonha, assim como o medo expõe a intimidade do sujeito e esse deixa de se sentir digno do amor do grupo e se retrai.

Carolina é posta a prova, tem sua intimidade invadida e seu corpo negado pela (des) configuração na sua identificação como mulher negra, antes reafirmada e reconhecida. Deslocada para o ‘lugar comum’ que é dado a sujeitos negros na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo em que Carolina reconhece a profissão de babá como um lugar comum, reconhece também, pela sua historia, o lugar de babá como o lugar de inferioridade cotidianamente dados aos negros na sociedade. “Nossa, às vezes eu fico até mal de me sentir assim porque eu tenho uma segurança da minha identidade, eu tenho uma segurança do que eu sou, e ser babá não é uma coisa ruim. Mas, eu não me sinto bem!”

Ceccarelli (2008) aponta que as referencias simbólicas e os papeis sociais são sustentados pelas diferenças. Com isso, revela que o sentimento de pertencer ao gênero masculino ou ao feminino está intrinsecamente ligado à questão identitária: quando alguém diz (Eu), encontra-se aí implícito o sexo e o gênero ao qual o sujeito se sente pertencer. Na cena que vive a Carolina, pertencer ao a uma cultura de referencia étnica é se identificar com

sua cor, mas não como babá. Existem aqui dois elementos de pertencimento dos ideais; o social (Lugar de cliente) de que toda mulher negra com uma criança branca seria sua babá e a individual (Carolina) de que ser babá é um lugar de inferioridade.

Aqui se expõe mais uma cena dramática, cotidiana e rotineira que vive as mulheres negras. Sofrimento marcado pela injunção das desigualdades de gênero, raça e classe como se segue em seu relato.

Não é por ser babá, é por ser uma mulher negra próxima de uma pessoa branca. Porque em relação à pessoa branca sempre vão pensar que eu estou na condição de babá. Porque eu sou uma mulher negra, entendeu? Essa é a percepção que eu tenho. (...) A sociedade quer me colocar nesse lugar, e por mais que eu procure não me importar, eu sei o que a sociedade está tentando fazer igual, e eu tento muito evitar que esse pensamento me domine, mas é um processo muito difícil porque as pessoas não têm idéia do lugar onde eu estou e é um lugar que eu me orgulho de fazer parte.

#### **Cena 4. Marcas de um discurso: Sofrimento psíquico e preconceito racial**

Na passagem dessa cena, Carolina relata suas vivências diante do sofrimento psíquico manifestado em decorrência do discurso do preconceito racial. “Até hoje desde que eu entrei na universidade até aqui, sofri episódios de preconceito que tem me abalado de alguma forma, e olha que eu fico muito atenta a isso”.

O discurso do sofrimento psíquico na contemporaneidade aparece diante das manifestações diante das relações do sujeito com o seu objeto transferencial. Nesse ponto, o racismo que tem como um de seus desdobramentos o preconceito racial se coloca como algumas formas de subjetivação do mal-estar na história do Brasil. O conceito etiológico de psicopatologia nos traz a dimensão da relação dinâmica do acometimento vivido por sujeito que sofre diante do seu objeto. Ceccarelli (2005) define

A palavra "Psico-pato-logia" é composta de três palavras gregas: "psychê", que produziu "psique", "psiquismo", "psíquico", "alma"; "pathos", que resultou em "paixão", "excesso", "passagem", "passividade", "sofrimento", "assujeitamento", "patológico" e "logos", que resultou em "lógica", "discurso", "narrativa", "conhecimento". Psicopatologia seria, então, um discurso, um saber, (logos) sobre a paixão, (pathos) da mente, da alma (psiquê). Ou seja, um discurso representativo a respeito do pathos psíquico; um discurso sobre o sofrimento psíquico; sobre o padecer psíquico. (...) O acometido pela paixão, o paciente, o passivo, o portador de sofrimento psíquico, é aquele que padece de algo cuja origem ele desconhece e que o leva a reagir, na maioria das vezes, de forma imprevista. As paixões atestam nossa permanente dependência ao Outro. (p. 471)

Entre as manifestações do pathos que gerou um intenso sofrimento para Carolina foi uma cena ocorrida na universidade com um dos seus professores. “Um professor aqui alemão, estava fazendo a chamada e perguntou de onde eu consegui meu nome. Onde eu consegui o

Hickmann. (...) ‘Como se apropriou? Você pegou o Hickmann e botou porque você acha bonito?’”

Encontramos aqui um discurso historicamente calcado numa perspectiva colonialista e preconceituosa. Um discurso que nega e anula a existência histórica de Carolina e de sua família. Percebe-se que nitidamente o discurso proferido pelo professor está impregnado do discurso científico do século XIX que baseado nas ciências naturais, em especial na biologia buscou justificar sua posição de homem, branco, europeu e de descendência alemã sobre Carolina, mulher, negra, latino-americana e de descendência alemã atribuindo-lhe um discurso de sádico e de inferioridade, numa relação lógica de cor e sobrenome (REIS FILHO, 2000).

Importante ressaltar que a posição desse discurso científico gerou grandes iniquidades desigualdades entre as relações raciais no Brasil e pelo mundo. Isso mostra o quão às relações permanecem, ainda hoje, apoiadas na crença de que alguns seres humanos são superiores a outros. Carolina é marcada cotidianamente por sua história na dimensão das relações raciais. Essa marca histórica a tem levado ao sofrimento diante das suas relações, seja na família, na escola ou em qualquer outro espaço com toda sua diversidade.

Notamos que os sofrimentos psíquicos vivido por Carolina diante dos discursos racistas têm gerado sentimentos de culpa e inferioridade além da insegurança e os abalos emocionais cujo ego caiu em desalinho diante do Superego. A distância entre o ideal e o possível cria um abismo vivido com efeito da autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade (SOUZA, 1983). Experiências vividas por Carolina como humilhação e intimidação e decepção consigo mesma por não corresponderem às expectativas de um ideal branco que se impõe a si mesma.

### **Cena 5. Medo: O perigo de ser mulher, negra e lésbica no Brasil/Pará**

Nessa cena, Carolina nos fala de um lugar de pertencimento. Nos fala também que esse lugar de pertencimento causa dor, angústia, sofrimento e medo. Anteriormente pontuamos que as manifestações do sofrimento psíquico foram reveladas por meio do seu relato na forma de afetos e emoções perante o discurso do preconceito racial. Contudo, sinalizaremos aqui, que o lugar de pertencimento que se coloca Carolina, a faz com que seja humilhada e discriminada triplamente na sociedade brasileira diante do machismo, racismo e sexismo.

Fenômenos que historicamente tem afetado de modo estrutural a vida de mulheres negras em suas diversas dimensões. Entre algumas manifestações do sofrimento psíquico diante do preconceito vivido pela Carolina, evidencia-se o medo de ser mulher, negra e lésbica na cidade de Belém do Pará. Carolina nos relata suas angustias de modo enfático.

Eu até hoje tenho vivido com muito medo. Eu passei a viver com medo quando eu me reconheci como negra, como lésbica, eu passei a ter medo do que poderia vir a acontecer, né? Agressão viva [física]<sup>6</sup>, agressão psicológica, sabe? (...) eu acho que ser negro no Brasil é perigoso, é perigoso ser negro no Pará e ser uma pessoa negra que não está para atender as demandas do sistema, nossa! é dez vezes mais perigoso. É perigoso, você se expõe demais. (...) porque eu sou negra, eu sou lésbica e eu acho que é perigoso. (...) A minha mãe tem medo por mim.

Esse mal-estar psíquico que acomete Carolina insere-se também na esfera do corpo na condição de mulher negra. Podemos pensar a incursão da produção do medo na Carolina como uma condição social e histórica de toda uma parcela da população negra no Estado do Pará e no Brasil pela negação e anulação da sua condição de mulher e negra. O relato da Carolina traz à baila, por um lado, uma realidade de intenso confronto e enfrentamento para responder a condição de sobrevivência como mulher negra.

É evidentemente confuso e desorganizador o processo psicológico da ordem das identificações e dos ideais, com o qual Carolina convive todos os dias. Por outro lado, esse enfrentamento traz em si, o perigo de continuar a existir nesse confronto carregado de angustias e medo desse Outro (o discurso heteronormativo, sexista e de branquitude). A incursão pelo tema do medo, sobre o ponto de vista da psicanálise é central. Freud deu à angústia um estatuto novo, ao descrever a ‘neurose de angústia’ (FREUD, 1895). Ele desenvolve sucessivamente uma divisão teórica da angústia, assim como um recorte desse abundante vocabulário do medo, como exemplo os efeitos clínicos da primeira guerra mundial (FREUD, 1916-1917; 1920).

Não obstante, à realidade de um contexto estratosférico da guerra mundial, o sequestro de sujeitos negros trazidos da África sob condições subumanas para fins de escravidão, por meio de um discurso de superioridade racial (racismo), tem provocados efeitos maléficos, iniquidades e desigualdades ao longo da história e atualmente como evidenciadas no relato de Carolina. Essa ínfima historiografia apresentada aponta para efeitos clínicos nefastos a despeito de uma teoria da angustia proposta por Freud. Segundo Vanier (2006), Freud realiza três distinções categóricas em função do perigo. Inicialmente sinaliza a

---

<sup>6</sup> Grifo do autor

*angústia* que se refere a um estado e “abstrai do objeto”. O perigo pode ser desconhecido e provoca um estado de espera e de preparação.

No segundo momento, o *medo* exige um objeto determinado e dirige sua atenção para este. Por fim, o terceiro termo, *pavor*, ou preferencialmente susto, porque pavor deve sua forma e seu sentido atual a uma aproximação com assustar, nesse caso a etimologia é distinta. O pavor é efeito de um perigo que não é preparado por alguma forma de alerta. Não é preparado pela angústia, é marcado pela surpresa. Isso faz Freud (1895) dizer que o ser humano se protege do pavor por meio da angústia (VANIER, 2006). Nesses termos, o perigo relatado por Caroline tem sua origem na sua condição de existir e o medo tem como objeto, o machismo, o racismo e o sexismo como espécie de fenômenos triplamente discursivos de superioridade e ódio.

Ainda segundo Vainer (2006), se a angústia sobrevém inicialmente diante de um perigo extremo e ameaçador, Freud vai denominá-la como *Realangst*, que em francês foi traduzida por *angoisse réaliste* [angústia ante um perigo real], ou melhor, [em francês] por *angoisse* de ou *du Réel*. Conceito que Laplanche e Pontalis (2001) definem como uma angústia perante um perigo exterior que constitui para o sujeito uma ameaça real. Diante dessa conjectura teórica psicanalítica estaria Caroline sob uma ameaça psíquica constate e sistemática pela sua condição de existência? Estaria Carolina e muitas mulheres negras no Brasil em alerta permanente diante do machismo, racismo e sexismo? Mais adiante, Carolina introduz um relato para descrever a cena 5 na qual me chama a atenção. “Tenho uma amiga que ela só é lésbica: ela é branca.”

Seria um ato falho de Carolina dizer que uma mulher branca só é lésbica ou Carolina nos chama a atenção para a condição de privilégio de uma mulher (ainda que lésbica) munida na sua branquitude? A escuta de um psicanalista precisa estar atenta às inflexões contemporâneas perante o discurso do paciente no *setting* terapêutico. Existem aqui, alguns apontamentos a serem postos para uma análise mais aprofundada da questão.

Por exemplo, a condição universal de sofrimento como ser humano proposto pela concepção de Direitos Humanos, contudo são elementos de análise para outro momento. Pois, trato aqui da condição de sofrimento de uma mulher negra, obviamente historicamente diferente do sofrimento de uma mulher branca. Não proponho aqui uma posição de valor no sofrimento, mas uma diferença do ponto de vista histórico e social das diferentes populações. Após a frase que me remeteu a essas inflexões, Carolina segue com seu relato na cena 5.

Um homem jogou um copo nela dentro do 'meu garoto'<sup>7</sup>, ela estava saindo do bar e o cara passou de carro, não satisfeito, porque ela estava com a namorada. (...). Ela não fez absolutamente nada, ela não reagiu, ela não discutiu com ele. E ele jogou um copo e rachou a cabeça dela. Ela, branca lésbica. Agora, eu, negra lésbica?

Carolina me mostra um fato que ratifica sua posição diante do medo e do perigo de ser mulher negra em Belém do Pará. Esse fato nos alerta para duas condições: o aumento da violência em jovens negros e uma predisposição da substituição do medo para fobia. Segundo Werneck (2017), o Brasil é o país “campeão” de assassinatos no mundo: em números absolutos, mais de 58 mil pessoas morrem assassinadas por ano.

A maioria das vítimas são jovens entre 15 e 29 anos. O Mapa da Violência (2014) mostra que enquanto o homicídio de mulheres negras experimentou um crescimento de 54,2% entre 2003 e 2013, no mesmo período, o homicídio de mulheres brancas caiu 9,8%. Não bastasse a violência contra si, a mulher negra também experimenta com maior intensidade a violência contra seus filhos, irmãos e companheiros.

De acordo com o Mapa da Violência de 2012, dos cerca de 30 mil jovens entre 15 e 29 anos assassinados por ano no Brasil, 93% são homens e 77% são negros. A situação alarmante da violência e sua intensa relação com o sujeito pode dar lugar a produção do medo. O lugar da angústia para Carolina vai substituir o medo pela produção de uma fobia. A exposição frequente e cotidiana dessa violência crescente em jovens, mulheres negras na cidade de Belém do Pará podem produzir um medo em excesso. Esse medo, diferentemente da angústia, tem a vantagem de estar focalizado num objeto; de algum modo é um posto avançado da angústia (VANIÉR, 2006). Se na fobia como tal descrita por Freud, o sujeito teme ver o objeto, na fobia social ele teme ser visto.

O isolamento social serve para evitar o transbordamento da angústia, que surge de modo difuso e inconveniente quando o sujeito está vivendo uma situação social temida (BILENY, 2013). Ao longo da sua vida, Carolina passou por angústias em torno dos seus processos identificatórios; crises de pânico, ansiedade e depressão. Lembrar que, ter vivido ‘escondida’ e ‘desconhecida’ em si, lhe causou sofrimentos intensos. Relata ainda da sua revolta e da dor que ainda sente quando entra em contato com a violência sofrida durante toda sua infância/adolescência.

---

<sup>7</sup> ‘Meu Garoto’ é um bar de conceito alternativo na cidade de Belém, PA. Mesmo freqüentando bares e ambientes freqüentados por pessoas “alternativas” Carolina não está livre de sofrer violências e humilhação por parte de seus freqüentadores na condição de mulher, negra e lésbica.

O medo é uma coisa que eu odeio pensar que eu já senti bastante. Eu odeio pensar que eu já senti vergonha de ser quem eu sou, que eu já escondi por muito tempo, eu tenho esse medo. Eu não gosto de pensar, eu não gosto de lembrar disso muito.... Porque pra mim é uma situação chata. Eu demorei muito tempo pra me reconhecer, eu acho que se eu tivesse me reconhecido na infância, minha vida seria muito mais fácil, eu não teria passado por processos, assim, de traumas, de ter que reviver traumas pra poder curá-los.

Carolina fala de um reconhecimento, um reconhecimento de pertencimento identitário que marcou e que marca sua vida. O relato de Carolina nos remete a reflexão sobre a construção da sua identidade como mulher, negra e lésbica e não pode prescindir da discussão sobre a os ideais identificatórios como processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões psicológicas, afetivas e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social, ou seja, a constituição do seu Eu como sujeito cultural.

De acordo com Gomes (2005), a partir do âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade e de classe, etc.) como evidenciados no relato de Carolina. Essas múltiplas e distintas identidades a constituíram na medida em que estes foram interpelados a partir de diferentes situações. O reconhecimento de Carolina responde afirmativamente a uma interpelação e estabelece um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Assim, Carolina se apresenta como alguém de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais, transitórias e contingentes que tem o caráter fragmentado, instável, histórico e plural. (LOURO, 1999).

Quando eu passei no meu processo de identidade, de assumir a minha identidade, eu entrei em depressão. Eu comecei a ter crise de pânico, primeiro vieram às crises de pânico, os ataques de ansiedade, e aí eu desenvolvi um quadro de depressão porque eu não conseguia mais sair de casa. Quando eu comecei a pensar no que eu estava sentindo e porque eu estava sentindo, primeiro veio a questão de ser lésbica. Eu já estava tendo debates. Estava em contato na universidade com questões de negritude e depois veio a questão. Eu simplesmente não queria mais alisar meu cabelo, falei 'sabe de uma coisa, vou deixar meu cabelo crescer', quando eu deixei meu cabelo crescer que eu tirei todo o alisamento, aí pronto!

Fanon (2008, p. 104) evidencia o relato de Carolina em uma de suas passagens:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de

negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas.

A consternação trazida por Carolina aponta para um longo tempo em sua vida vivendo sob um ideal de brancura, um ideal de ego vivenciado pela cisão entre sua negrura – ruptura construto cultural – e a brancura como modelo de ideal da sociedade brasileira. O imaginário social construído por Carolina a fez anular-se diante da sua história como mulher, negra e lésbica. Percebe-se aqui como elemento central que o processo de desconstrução dos ideais vividos por Carolina ocorreu em meio a uma gama de afetos e sofrimento psíquico.

### **Cena 6. Falar, ensinar e ocupar: Formas de enfrentamento**

Na cena 6, Carolina nos fala sobre seu reconhecimento como mulher, negra e lésbica e seu enfrentamento do preconceito racial a partir desse lugar já na Universidade. Espaço de diversidade que a ajudou em novas (des) construções dos seus ideais.

Os processos de enfrentamento começaram a partir dos meus 20 anos que foi quando eu entrei na universidade. (...). Foi o período de reconhecimento, 20 anos. Pode-se dizer que eu nasci há três anos, tenho 23 anos. (...). Isso me deu forças, isso me dá forças. Isso me tornou uma pessoa mais combativa, uma pessoa que tá mais atenta para o reconhecimento desse tipo de atitude. Uma pessoa que tá mais atenta, não porque eu quero brigar, mas eu estou atenta pra fazer o enfrentamento da maneira que eu acho que eu devo fazer. (...). Eu posso fazer uma pessoa aprender tornando a questão do preconceito racial uma coisa didática. Vamos para as escolas, vamos implementar política pública educacional pra isso. Quando isso não funciona vamos para as leis, quando as leis não funcionam a gente tem que ser mais enérgico, a gente tem que ir pra rua, a gente tem que enfrentar, gritar, mesmo que a gente corra riscos de ser agredido. A fala, pra mim, é o que mais atinge o ser humano. Eu me proponho a ir em escolas pra gente falar sobre preconceito, pra gente falar sobre discriminação.

Em seguida, Carolina fala como esse processo de (des) construção de identidade favoreceu para que se tornasse uma mulher combativa diante a produção dos discursos sobre o preconceito e as relações raciais no Brasil.

É parte disso. Porque pensa quando você... Imagina quando você não consegue se encaixar, você passa uma vida sem conseguir se encaixar em nada e você não sabe por quê. Até que chega um momento que você descobre. Ai eu olho pra mim e digo 'eu tenho como não me juntar a isso e fazer parte?' ' não, porque eu não tenho como. Eu Carolina Maria não tenho como. Eu vou me engajar e vou fazer parte disso sim, vou lutar porque durante toda a minha vida eu fui jogada pra escanteio, porque eu não sabia quem eu era e eles achavam que sabiam. Então hoje em dia eu sei qual é o meu par. Eu posso te afirmar que tudo isso que me aconteceu me trouxe até aqui.

Ao final da entrevista, Carolina retoma o seu lugar de existência e de lugar no mundo como possibilidade de (re) construção dos processos identificatórios. Retoma seu

reconhecimento a partir das diferenças. Segundo Ceccarelli (2013, p. 106)

Constituir-se como sujeito, no sentido laciano do termo, a aquisição do sentimento de individualidade e, conseqüentemente, a possibilidade de reconhecer o outro distinto de si, a alteridade (experiência ausente em algumas formas de psicose, situação possível na neurose), é talvez o sentimento menos compartilhável e mais irredutível que o ser humano é capaz de viver: o sentimento de ser, de existir.

Não podemos assegurar o momento exato do processo de retomada do inconsciente que fez com que Carolina assumisse esse lugar. Mas, temos alguns indícios e apontamentos que ajudaram Carolina no processo de desconstruções dos ideais por meio dos laços sociais e mudanças de referenciais.

4.2. Clennon King Junior<sup>8</sup>: Diáspora africana; uma experiência de relações raciais no Brasil/Pará

*“Qual a relação entre a cor da melanina de minha pele e a minha sanidade mental? ”*  
(Clennon King Jr.)

### **Cena 1. História, mito e identidade: A importância da construção discursiva para o sujeito**

Clennon introduz em seu relato, as primeiras impressões ao começar a estudar, na busca de entender a história dos negros no Brasil. Aponta para as primeiras contradições sobre a história de um povo. A construção e o reconhecimento da história de um povo são fundamentais para formação cultural de sua nação. Aqui, Clennon nos mostra que existe alguns aspectos que alicerçam essa posição contraditória; o discurso de superioridade e de raça inferior como vimos anteriormente na construção discursiva do preconceito racial, uma justificativa para dominação e exploração de povos e principalmente, a negação da história de povo cujo elemento se funda uma cultura.

Esse último aspecto nos remete novamente aos processos identificatórios já apontados nessa pesquisa. Qual objeto identificatório terá a (o) brasileira (o) diante de uma

---

<sup>8</sup> Nome fictício escolhido pelo entrevistado. Clennon Washington King Jr. (18 de julho de 1920 - 12 de fevereiro de 2000) foi o primeiro homem afro-americano a concorrer ao cargo de presidente dos Estados Unidos e cujas tentativas de ações de direitos civis e concorrendo como candidato perene fez com que ele fosse apelidado de "O Don Quixote Negro".

historia negada ou diante do ideal de ego branco sustentado pela sociedade, mas, também reproduzido pelos próprios sujeitos negros na medida em que repetem o imaginário do branco? Do ponto de vista da formação cultural, Clennon nos alerta que a história contada pelos brancos nos remonta para uma ruptura dos aspectos mitológicos de uma origem ancestral, uma história de uma África que não é contada. Assim Clennon nos conta:

Acabei tendo oportunidade de estudar história aqui do Brasil, em geral, de um modo que eles apresentam os africanos e afrodescendentes começa na escravidão, eles associam o negro com escravo, de que os negros são a raça inferior. Claro que é uma pregação que foi implantada no século XV, mas antes disso a África tinha muitos impérios, muitos reinos que nós conhecemos. Mas infelizmente essa história é escondida, que eles estão simplesmente em querer mostrar uma hegemonia medíocre, uma hegemonia sem fundamentos, né?

Clennon King Fona Gomes é guineense. Chamou-me a atenção o significado do seu sobrenome como uma possível relação com sua identidade e sua história no país de Guiné-Bissau. Trarei a história do seu nome como um dado importante e significativo para compreendermos como a história de um povo pode assumir um lugar de enfrentamento e resistência em meio aos discursos de preconceito racial no Brasil. O sobrenome *Fona* e *Gomes* têm significados e história diferentes na construção subjetiva de Clennon como sujeito estrangeiro e negro vivendo no Brasil.

Eu sou descendente dos Mandingas. Do Império Mandinga, de Saraculês, então a minha etnia surgiu através da degradação do império de Mandinga. É um grupo de guerreiros que saíram e formaram um grupo e começaram a viver de uma forma anarquista, entendeu? (...) na região de Guiné Bissau, Gâmbia e Senegal. (...) Era um reino, que era o reino de Mali dominado pelos Mandingas, então depois da desintegração desse Império, que acabou sucedendo o Império de Gana, não estou lembrando, esses guerreiros formaram um grupo e começaram a viver de forma anarquista, rejeitando qualquer forma de submissão, de domínio de qualquer natureza. Então com a chegada dos portugueses, é uma etnia que deu resistência, e, aliás, essa etnia de nome Balanta significa os que resistem à única etnia que os portugueses não conseguiram dominar. E na luta pela independência era a etnia que fazia parte de 90% de todos os soldados, ou seja, uma espécie de luta de portugueses contra Balanta, que é da minha etnia. Só que depois da independência criou aquela estigmatização, e começou um sistema montado onde as pessoas daquelas etnias não ganhavam mais bolsas de estudos, uma coisa bem estrutural e hostil, porque eles de certa forma queriam... Vandalizar essa etnia de todo custo. (...) E eles acabaram estigmatizando essa etnia. Só que acabei não tendo o sobrenome da minha etnia porque se eu tivesse, como aconteceu com meu pai, ele tem o sobrenome da minha etnia, ele foi cortado de bolsa de estudos pela união soviética. Então ele pensou nisso e falou 'não vou colocar nos meus filhos esse sobrenome pra poder dar mais abertura e não criar aquela resistência,' Gomes... Ele só botou Gomes. (...) Fona já é o nome da minha etnia que é o nome do meu pai. Porque lá tem muito esse negócio de colocar nome referindo a alguma situação, alguma coisa e tudo mais. Aí Fona significa 'eu sou melhor que você'. Quando a minha avó separou do meu avô, e o meu pai nasceu a minha avó colocou o nome dele assim, pra dizer pro meu avô que ela é melhor que ele. ”

E acrescenta:

Cada homem ele tem o poder na sua casa, na sua família, na rua vocês são iguais, então eu acho que essa ideologia acabou sucedendo até os dias de hoje, o que de certa forma impossibilita assim a convivência com suposta democracia quando outra etnia manda. Se o presidente for da minha etnia está tranquilo, tipo: ‘vamos razoar, vamos deixar’, mas se já é outra já é visto com hostilidade.

Temos aqui, um relato importante para pensarmos a questão do preconceito étnico. Não se observa no relato de Clennon, uma relação histórica de preconceito de cor no país de Guiné-Bissau, mas um fundamento histórico de conflitos étnicos gerador de preconceitos. Obviamente nosso objeto de pesquisa é o preconceito racial, contudo não poderíamos deixar de ‘escutar’ as manifestações do inconsciente a respeito da produção do discurso sobre as relações étnicas em África sob o ponto de vista dos afetos.

Nesse contexto, Clennon é constituído dos ideais de fundam uma instância da personalidade resultante da convergência do seu narcisismo (idealização do ego) e das identificações com seus pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Como instancia diferenciada, o ideal de ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001). No relato apontado por Clennon encontramos, de forma evidente, as instancias convergentes e conflitantes para constituição do ego do sujeito nascido em determinada cultura.

Nesse caso, a relação com seu pai e seus avôs, e com os ideais culturais de sua etnia em divergência com a história e os ideais de cultura de outra etnia. Portanto, o relato de Clennon afirma a posição anteriormente sinalizada por Ceccarelli (2000), nos termos da origem do preconceito como parte constitutiva do psiquismo, inerente a condição humana. No decorrer da entrevista, Clennon nos aponta em diversas passagens, a relação do preconceito étnico com mais frequência e de forma mais evidente. Clennon segue nos alertando a importância da história como aspecto mitológico importante para constituição dos ideais na sociedade Guineense, na diáspora ou na relação com esse Outro.

O que se vê aqui é que a história é contada de forma distorcida, parece um filme cortado numa determinada cena, a gente não sabe o início nem como é que finalizou. E infelizmente os negros brasileiros, nossos irmãos, eles acabam, de certa forma, sendo vítimas dessa história. Porque você sendo negro brasileiro, entrando na sala de aula e escutando a única coisa que falam sobre você, da escravidão, da humilhação, e hoje da miséria, não é uma coisa bacana. Isso de certa forma não cria nenhuma auto-estima. (...). Mas claro, é uma construção de um país que ainda é dominada pela população negra, e essa história é renegada, ninguém conhece, que deveria ser patrimônio mundial, pra mostrar o avanço, o conhecimento do povo africano. (...). Lá (Guiné-Bissau) nós somos os donos da nossa história, nós escrevemos a nossa história, nós não submetemos mais àquelas histórias que de certa forma não são

totalmente verídicas, ou verdades absolutas, porque nós temos a nossa história, nós escrevemos e nós somos ensinados essa história. (...). Inclusive a gente sai da África com uma mentalidade de enxergar uma pessoa branca, caucasiano, com o mesmo olhar que eu enxergaria o negro Iorubá. Porque pra nós não existe nenhum 'oh!', não existem, olhos azuis e os caralho... Não existe isso. É isso que eu acho interessante. (...). Nós temos um olhar totalmente diferente, um olhar totalmente que eu diria... Divergente da forma que é ensinada aqui, porque nós sabemos que a dignidade de uma pessoa não tem que está atrelada na produção pouca ou em grande quantidade de melanina. Porque quando a gente faz esse julgamento, é um julgamento infame, é um julgamento injusto. É um julgamento de uma sociedade doentia, de uma sociedade desequilibrada. (...). Porque, aliás, a nossa independência não foi um mero ato político, foi onze anos de luta armada, expulsamos eles, essa história que nós contamos. Então jamais... Nós derrotamos de certa forma, entrou no nosso continente de forma sutil, querendo negócio, aí plantaram e disseminaram raiz, uma espécie de câncer silencioso.

Clennon Segundo Freud (1932), os mitos são analogias à compreensão do mundo externo e, a partir da identificação, repercutem no conteúdo sintagmático individual, interferindo nas representações identitárias de cada um, e assim como o mito de origem explicam a criação do mundo, as histórias ancestrais dos povos africanos mantêm um lugar no imaginário social dos povos na diáspora e dos seus descendentes brasileiros. Segundo Ceccarelli (2012, p. 32),

Os mitos, cujas origens se confundem com a dos homens, representam o capital fantasmático de uma cultura. Graças à cosmogonia que sustentam, cria-se um ponto de partida que permite fundar historicamente a origem do homem, dos animais e das coisas, assegurando a passagem do caos à ordem (...). Os mitos têm os mesmos estatutos que o da realidade psíquica: são relatos que oferecem representações às pulsões (...) cumprem uma importante função ideológica: a de representar a ordem simbólica, que sustenta a social, como sagrada, universal e imutável.

Para Barreto (2015) os relatos míticos não são apenas narrativas metafóricas, mas atendem a anseios mais primários que, por sua vez, acabam emprenhando o imaginário social quando produzem arranjos ideológicos e subjetivos da respectiva cultura e de seu respectivo capital cultural. A civilização repousa em uma base mítica, articulando moralidades e repressões próprias para a manutenção de sua sobrevivência; entretanto, o grau de exigência e a imposição da renúncia do pulsional incidem em forte sofrimento e adoecimento psíquico de seus membros como as instituições, a família e a sociedade deixam de contar a verdadeira história de um povo, o povo africano como fonte de origem mitológica.

Para Lindenmeyer & Ceccarelli (2012), os ideais culturais servem de suporte às traduções que darão sentido aos movimentos internos, oferecendo suporte identificatório à criança, cujas fronteiras narcísicas estão balizadas pela alteridade e atravessadas pelo

desamparo originário e fundamental de todos nós, recursos úteis àquilo que o homem mais almeja saber: “quem eu sou?”. O “quem eu sou” passa certamente por aquilo que a civilização (o Outro) deseja que sejamos. Afinal, nossa onipotência narcísica sofre agravos constantes, a alteridade vem de encontro à individualidade ao interditar nossos desejos egoístas, desempenhando uma imposição normatizadora.

Portanto, a ausência do laço emocional entre o Eu e o outro é cara ao indivíduo, recordando a severa perda de contato com a realidade observada na psicose, pois o desamparo psíquico, condição antropológica fundamental do ser humano, é insuperável, o que constitui e mantém ideais intersubjetivos que serão tomados para si como se fossem originalmente seus. A cultura elabora suas construções sintagmáticas, um capital fantasmático, a partir da valorização de ideais introjetados devidos à identificação entre o Eu e estes, de forma semelhante à ontogênese.

“Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha posição a existência de uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo (...)” (FREUD, 1912, p. 159). Atualmente, as religiões de matriz africana compõem um exemplo vivo de como a cultura e os mitos fundadores dos povos Iorubás no território africano elaboram suas construções sintagmáticas a partir do processo de identificação.

## **Cena 2. Agressão, revolta e constrangimento: aproximações/impressões iniciais**

Nesta cena, Clennon nos mostra como o choque cultural pode transformar os afetos e as relações em sofrimento psíquico. Clennon nos sinaliza para alguns afetos como agressão, revolta e constrangimento diante do atravessamento cultural vivido como um homem negro estrangeiro no Brasil. A divergência do imaginário simbólico construído em África diferentemente do construído no Brasil perde significado na medida em que as histórias da realidade cultural se confundem, apesar do reconhecimento como negro. O relato de Clennon não nos oferece uma conotação de desorganização psíquica, mas de um conflito identificatório que gerou estranhamento no sistema cultural na diáspora brasileira.

Isso é uma coisa muito agressiva, é uma coisa que no início pra nós parece cômico, quando você acaba de chegar você repara que você começa a ser perseguido no shopping. Começa a ser perseguido nos estabelecimentos. No início é cômico “nossa, que coisa louca”, existe isso? (...). Aqui, exemplo, você encontra uma pessoa na rua deserta e já o coração já acelera a mil. Quando você caminha numa rua deserta você torce pra não se encontrar com ninguém. E lá não, lá a gente torce pra encontrar com as pessoas na rua. Então são valores totalmente divergentes. (...). As revoltas são constantes. (...). Aliás, nós descobrimos que somos negros aqui. Nós crescemos, nascemos, numa sociedade onde desde o presidente da república até o

sujeito que realiza o trabalho mais modesto, todos são negros. Ligamos a televisão na pra manhã, as crianças que dão o programa de televisão é negro, aonde? Negro. Médico cirurgião, os caramba.... Então, nunca, nunca isso passa na nossa cabeça, claro, quando você chega aqui e depara com essa situação que de certa forma é muito agressiva. É muito, é uma situação muito agressiva.

Importante salientarmos a dolorosa travessia que passa o sujeito que vive no continente africano que se desloca para América ou qualquer outro lugar do mundo. Fanon (2008) já tratou dessa travessia em seu livro ‘pele negra, mascaras branca’, que aborda a realidade sujeitos martinicanos que vivem no país Frances. Podemos pensar essa dolosa travessia em sob diversos contextos, mas trataremos de um lugar de pertencimento de (re) construção identitária como processo dinâmico. As consequências históricas da escravidão pelo qual passou o continente africano durante séculos deixaram marcas no continente em todo o mundo.

Marcas no imaginário social em que o continente africano seria um imenso país onde vivem pessoas de pele negra. Essa é a primeira contradição histórica e social, mas também um conflito identitário de quem se desloca para outro território. Podemos identificar no caso de Clennon, que ao sair de seu território, existe um laço social identificatório com sua etnia (Mandinga) e seu país (Guiné-Bissau). Ao chegar a outro território (Brasil), primeiramente é identificado na sua condição racial (por ter a pele escura), posteriormente em sua nacionalidade como (imigrante estrangeiro africano) como enfatiza: “Aliás, nós descobrimos que somos negros aqui”.

Esse conflito identitário fundado das relações sociais diante do choque cultural de ‘homem negro, estrangeiro e africano’ recoloca Clennon de volta para suas bases mitológicas de sustentação psíquica relatada anteriormente. Ceccarelli (2007), em seu texto “Mitologia e processos identificatórios” pontua a importância da mitologia de origem de uma cultura como organizadora do mundo simbólico constitutivo do sujeito, que lhe permite situar-se no espaço, no tempo e na cultura. A relação que a sociedade brasileira, sobretudo no estado do Pará tem com esse estrangeiro não europeu não é nada amistosa como relata Clennon.

Primeiro, ele vê uma pessoa negra africana, a primeira coisa, o primeiro discurso que deparamos é que estamos roubando as vagas e tudo mais, claro que eles falam de forma brincando, mas realmente não é, e isso acaba refletindo que na verdade a nossa presença que incomoda. A presença dos africanos, da população negra. Porque se fossemos europeus talvez fossemos aplaudidos e tudo mais.

Para Guibernau (1997) o caráter controverso do nacionalismo é empregado por minorias que procuram as suas autodeterminações. Contudo, o nacionalismo é usado também

como em associações com varia formas de discriminações que implicam a categorização do sujeito que depende de sua identidade nacional, no caso do Brasil, uma identidade calcada no mito da democracia racial e numa idéia de mestiçagem. Nesse contexto, o nacionalismo empregado nesses discursos apresentado por Clennon foi utilizado como atitudes preconceituosas racistas, xenofóbicas e fascistas envolvendo frequentemente o uso de diversas formas de violência.

Pra nós os valores não estão atrelados no fenótipo da pessoa, os valores não estão atrelados na melanina, é uma coisa bem interessante, razão pela qual eu classifico infelizmente a sociedade brasileira como uma sociedade doentia, porque você prejulga a pessoa pela produção de melanina. Melanina não é sinônimo de marginal e tudo mais.

Clennon classifica a sociedade brasileira como uma sociedade doentia. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades. O vocábulo da palavra doença no dicionário Aurélio é de origem latina, em que “*dolentia*” significa “dor, padecimento”. Um conjunto de sinais e sintomas específicos que afetam o sujeito alterando seu estado normal de saúde. Cabe-nos dizer que a sociedade brasileira padece de sintomas causados pelo racismo?

A relevância da condição de saúde psíquica cresce, na medida em que, a sociedade produz efeitos perversos como o preconceito e a discriminação racial como derivados de um fenômeno das relações raciais. Esse trabalho de pesquisa, corroborado por outros trabalhos vem mostrando, até o momento, que o racismo no Brasil humilha, inferioriza, atormenta e consequentemente adocece sujeitos negros causando dor e sofrimento. Dessa forma, Clennon percebe uma relação ilógica, diante da experiência que traz de Guiné-Bissau, em que as pessoas são prejudicadas pela sua cor da sua pele.

### **Cena 3. (Re) descoberta: Ser/sendo negro e/ou estrangeiro no Brasil**

No Brasil, Clennon descobre nas suas vivencias, que a história do mito da democracia racial como ilustrada no livro “Casa grande, Senzala” permanece viva e atualizada. Ao mesmo tempo em que se depara com uma realidade bem adversa. Uma relação recheada de conflitos, insegurança e medo com um sujeito que é diferente em sua cor.

Você descobre claro! Você descobre, primeiro. A idéia que tínhamos sobre o Brasil é um país de Ronaldinho, futebol, Pelé e tudo mais. “Ah! lá no Brasil é bacana, lá no Brasil negros, brancos e índios todos dançam juntos, distribuindo papoulas e tulipas, felizes para sempre”, com mesmos privilégios, uma espécie de paraíso na terra.

Então completa:

Você chega aqui e depara com uma situação totalmente adversa. (...). Hoje enxergar uma pessoa que encontra você na rua e atravessar, enxergar ele com um olhar de pena, ‘nossa, que falta de conhecimento. Que mentalidade fechada. Que sociedade mais insegura. Que sociedade que vive numa situação tenebrosa, de medo constante’.

Nesse momento, Clennon se (re) descobre negro no Brasil. Então percebe o quanto a cor da pele interfere significativamente nas relações sociais entre os sujeitos de cor de forma diferenciada. Além de perceber que a cor da sua pele, a cor negra é a cor do medo e da insegurança ameaçada em qualquer lugar ou ocasião. Um mito construído a partir da vivência e da construção da história do negro no Brasil. A travessia de Clennon para diáspora Americana desconstruiu os ideais identificatórios fundados em seu território com a chegada no Brasil. As relações estabelecidas aqui, o fez se reconstruir como homem, negro e estrangeiro em situações adversas como relata em sua entrevista.

(...) A outra coisa também é que quando descobrem que você não é daqui a forma de tratamento já é diferente. Aí, já começam a te convidar pra comer no Rock’s Bar - Roda pizza<sup>9</sup> e tudo mais, pra ter você como troféu: ‘não somos racistas’. Claro, isso é uma coisa que é muito presente, principalmente através das colegas de universidade e tudo mais. (...) Quando descobrem que você já não é brasileiro aí a forma de tratamento começa a diferenciar um pouquinho. (...) Isso de certa forma acaba criando um pouquinho de resistência em relação ao comportamento, é que a mentalidade que eles têm é que o africano é aquele cara que saiu da selva e tudo mais, tem leão em casa de estimação. É uma coisa bem, uma imagem deturpada, uma imagem sem nexos, uma imagem que não faz sentido.

Fica evidente no relato de Clennon, como acontece a mudança de comportamento diante desse outro negro e estrangeiro. É notório, o esforço das pessoas em demonstrar publicamente que não são racistas, ou que não somos um país racista, na medida em que se relaciona com um estrangeiro negro. A ideia do mito da democracia racial reaparece no imaginário social diante da contradição dos discursos e das relações sociais. Diante dessa cena, Silva (2015), afirma que as representações que temos dos diferentes grupos sociais, amparados pelos nossos comportamentos estão baseadas em informações nem sempre acessíveis ou passíveis de ser codificado pelo senso comum, porém presentes em nossas sensações, sentimentos e impressões.

Clennon aponta para uma imagem deturpada e desumanizada do seu Eu materializada pelo sistemático e constante processo de violação dos seus bens materiais e imateriais traduzidos e significados na história cultural do seu povo. Na medida em que essas

---

<sup>9</sup> Lugares públicos bem conceituados e considerados “alternativos” pelos seus frequentadores na cidade de Belém, PA.

relações o causam estranheza, também podem causar um tipo de resistência e aversão quando em contato cotidianamente com essa realidade.

#### **Cena 4. Resistência e aversão: o lugar de aproximação**

Clennon fala sobre um tipo de revolta e sua sensação de está sendo agredido constantemente em meio aos preconceitos vividos no Brasil. Clennon nomeia o sentimento vivido pelo preconceito como resistência e aversão na sua tentativa de se aproximar com essa realidade.

A gente chega com mentalidade de que, ‘vou chegar e vou fazer amizade tanto com branco quanto com tudo mais’, mas depois que começa a deparar essa situação cria uma resistência. Não só física quanto psicológica, de uma determinada aversão “não, não vou aproximar pra não criar aquele desconforto que possa suceder uma determinada situação constrangedora a qual eu não me submeterei”, então a gente acaba se retraindo um pouco em relação a isso. (...). Mas chegando aqui no Brasil, no início a gente faz isso sem problemas, tu chega ‘e ai, posso ficar aqui, posso ficar aqui com vocês’, sabe? Mas com o tempo você acaba desenvolvendo uma determinada aversão também, a uma situação, porque você não vai querer se submeter a uma situação dessa natureza.”

Segundo Kotai (2000), a grande descoberta de Freud foi, justamente, a de que o homem é instigado por algo que lhe é estrangeiro, que ele não é integrado em si mesmo e que no interior de seu aparelho psíquico vive, com inquietação, o sofrimento daquilo que lhe é estrangeiro, significante que aparece ao longo de toda a obra freudiana, tanto nos textos clínicos como nos culturais. Sob essa égide de intolerância que a sociedade reproduz uma relação de negação desse Outro ‘estrangeiro’.

Ainda segundo a autora, o estrangeiro provoca, sempre, movimentos de alma: amor, ódio, temor, “amódio”, e, em nossos dias, oscilamos entre o fascínio que ele exerce e o horror que provoca em nós é o caso do racismo. Essa aversão apontada por Clennon é fruto do horror provocado pelos ideais de brancura estruturados no Brasil que procuram submeter o negro numa condição inferior. Esses processos buscam tornar invisíveis mulheres, homens e grupos sociais em nossa sociedade como se esses não merecessem atenção, como se conformassem em uma classe secundaria inconscientemente no ato de negação e, por conseguinte, a reiteração e aprofundamento da discriminação e do preconceito racial evidenciando cada vez mais o aprofundamento do mal-estar que regula nossas relações intersubjetivas e de modo inconsciente.

### **Cena 5. Preconceito racial no Brasil: um câncer em metástase**

Clennon mais uma vez evidencia um sintoma social instalado no Brasil e nas relações sociais entre os sujeitos. Clennon associa o preconceito racial no Brasil a um câncer em metástase. Uma doença degenerativa cuja medicina ainda não encontro a sua cura. Estaria o Brasil fadado a uma estrutura racista na qual jamais sairemos? Estudos apontados ainda nesse texto nos apresentam indícios que o racismo se constituiu como um fenômeno histórico e ideológico.

Um fenômeno estruturante que se modifica na medida em que encontramos estratégias para seu enfrentamento. Discorremos aqui, sobre alguns elementos que favorece a manutenção desse lugar que adoce psiquicamente os sujeitos negros na sociedade; o mito da democracia racial, a branquitude, o racismo institucional, os estudos eugênicos, a negação da verdadeira história do povo negro no Brasil o a manutenção do discurso racial de negação como desdobramentos para manutenção do privilégio e da desigualdade de raça, classe e gênero na sociedade brasileira. Essa associação nos parece muito representativa diante de todo o relato que nos trouxe durante a entrevista. Essa foi à forma, que de algum modo, ‘escolheu’ para falar de sua angústia e revolta vivida no Brasil na atualidade.

O Brasil em relação a isso é uma sociedade que precisa de quimioterapia, é uma sociedade desequilibrada, é uma sociedade doentia, é uma sociedade mergulhada nos mais fundos túmulos de ignorância, é uma sociedade agressiva, é uma sociedade intolerante, é uma sociedade que não dá a pessoa, a oportunidade de defesa. É uma sociedade que precisa de uma quimioterapia. Que preconceito disseminam hoje na sociedade brasileira é uma espécie de câncer em metástase, pega e entrelaça em tudo quanto é sociedade, inclusive o Estado. Hoje, a união que é o poder federal criou uma política de ações afirmativas, ela chamou essa política de cota, não é cota, cota é quando você dá alguma vantagem a alguma pessoa.

E continua, mas dessa vez sugere uma forma de tratamento:

É uma sociedade que precisa de tratamento. É uma sociedade que hoje eu enxergo não com olhar de revolta constante, mas com pena de eu encontrar com uma pessoa e não saber quem eu sou e atravessar a rua achando que eu vou roubar. De eu entrar em um estabelecimento e ser perseguido pela segurança, achando que eu vou roubar. (...) [Uma sociedade]<sup>10</sup> que precisa de quimioterapia. Quimioterapia dói, cabelo cai você emagrece, mas depois você cresce e continua uma vida-longa. Que só assim, não é fácil, não vai ser fácil, claro, de hoje eu começar a encarar uma pessoa negra, não, através dos debates, ensinamento, seminários, pra poder levar essas informações às pessoas lúcidas, ao ponto de discernir que o julgamento onde o juiz escuta só uma fala é um julgamento infame, um julgamento injusto, que os negros e a África ainda sofrem no Brasil, que o negro é associado a uma coisa, a África e tudo mais. Existe outra face, existe outro olhar, existe outra perspectiva na qual podemos mergulhar também e enxergar, ter outra visão.

---

<sup>10</sup> Grifo do autor

Mas o que a psicanálise tem a dizer sobre isso? Pode a psicanálise encontrar caminhos possíveis para um tratamento profundo desse sintoma social? Essa foi uma das minhas inquietações ao longo da pesquisa. A escuta do psicanalista no contexto atual redefine o lugar do analista e do analisando no processo de transferência e contra-transferência atravessados pelo contexto histórico do sujeito e da experiência do analista no percurso clínico. A construção desse arcabouço teórico sustentado pela escuta o pesquisador, o auxílio dos textos teórico e a supervisão coloca a psicanálise no lugar de manutenção do papel transformador de sujeitos na sociedade.

## 5. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Não buscaremos aqui uma verdade ou confirmação de hipóteses, mas considerações provisórias que contribuam para o aprofundamento do conhecimento entre as relações raciais e a psicanálise diante do preconceito racial e seus processos identificatórios. O percurso desse trabalho nos mostrou alguns pontos de reflexões importantes para a compreensão do preconceito racial vivido por estudantes brasileiros e estrangeiros no Brasil, em particular em Belém do Pará.

A partir do reconhecimento da sua condição de sujeitos, os estudantes nos trouxeram relatos de como é viver e relacionar-se com o mundo diante desse lugar. Se reconhecer como negro no Brasil é conviver diariamente com discursos que subjagam a condição de existência do sujeito negro a diversas iniquidades. Como já dissemos ser negro não é uma condição dada, mas sim um vir a ser. Constatamos que a construção discursiva da história sobre a cultura dos povos e nações configura-se como um elemento fundador da construção dos ideais no processo identificatório de cada sujeito. Os estudantes entrevistados nesse trabalho tiveram suas vidas marcadas por histórias distintas com relação à cultura e suas construções identitárias. Esse é o primeiro ponto de reflexão que para pensarmos o processo identificatório em diferentes realidades.

Verificamos que a história vivida pela estudante brasileira foi marcada por uma série de cenas que negava, inferiorizava e invisibilizava a verdadeira história de seus ancestrais, sobretudo a história do seu pai, homem negro de antecedentes familiares que moravam em território quilombola. Além disso, as cenas vividas pela estudante brasileira na escola e na família nos remetem a inflexão sobre uma história silenciada sobre da diáspora dos negros no Brasil. Diante das evidências históricas e relatos da vivência da estudante brasileira percebemos que o imaginário social construído foi um imaginário social do Outro branco, obviamente que a diferenciava do ideal negro que seu corpo lhe apresentava. Perante a vivência relatada pela estudante observamos que em várias cenas, com efeito, sentimentos de culpa e inferioridade, humilhação e vergonha, violência e depressão. Afetos presentes no processo de ruptura do construto cultural de ideal de brancura imposto pela sociedade brasileira legitimando o mito da democracia racial como fenômeno estrutural não reconhecendo o lugar do negro nesse país.

Sendo a identidade um processo dinâmico sustentado pelas identificações constitutivas do Eu, a ausência de referências identificatórias paralisa a circulação pulsional,

pois o novo universo simbólico onde o sujeito se vê inserido é gerador de angústia como apresentado pela estudante nas cenas vividas. Como já dissemos, este estado de coisas pode produzir efeitos devastadores no sujeito, pois afeta diretamente os conteúdos recalçados, fazendo com que a ligação afeto/representação se desfça.

A história vivenciada pelo estudante guineense, diferentemente da história vivida pela estudante brasileira apresenta, conforme seu relato, uma construção identitárias consolidada nos elementos históricos e mitológicos de seu povo e de sua etnia. O objeto de referencia é a reafirmação de uma história de lutas e vitórias de seus ancestrais que correspondem a valores e significados voltados para a cultura de seus reinos e povos como um olhar para dignidade da pessoa como ser humano. Por um lado, essa relação estabelecida com sua história e cultura fizeram com que os sujeitos de determinada etnia não conseguissem assimilar a submissão vivendo de forma anarquista tendo o poder na sua casa e na sua família. Por outro lado, existe um discurso de preconceito étnico que recai, especialmente sobre a etnia do estudante guineense.

Pontualmente evidenciamos alguns processos vividos diante do preconceito racial com o estudante guineense na cidade de Belém do Pará, Brasil. Entre esses processos encontramos uma diferença nas relações estabelecidas com os brasileiros diante da narrativa trazida do continente africano como homem, negro, estrangeiro guineense vindo do continente africano. Cotidianamente, esse discurso narrativo causa um estranhamento para ambas as partes. Como vimos, é nesse contexto que os ideais sociais, que pertencem ao mundo externo (cultura) e oferecem possibilidades identificatórias às pulsões, guardam relações com os mitos de origem, o encontro entre mitologias pode ser traumático ou mesmo desorganizador. Apesar de perceber como um estranhamento e de forma cômica o preconceito de cor no Brasil, o estudante guineense não perde a referencia de sua ancestralidade, pois revela que: “Lá nós somos os donos da nossa história, nós escrevemos a nossa história, nós não nos submetemos mais àquelas histórias que de certa forma não são totalmente verídicas, ou verdades absolutas, porque nós temos a nossa história, nós escrevemos e nós somos ensinados essa história.” (Clennon King).

Esse é um dos pontos centrais dessa pesquisa, um dos pontos que nos ajuda a entender que a história da cultura de um povo pode se configurar como um aspecto importante para construções dos processos identitários de sujeitos. Um elemento importante para solidificar as relações sociais e construir um imaginário a partir do discurso de resistência e antagonismo contra cultural. Esse não deve se opor a outras culturas, mas sim de preservar

sua história para, mas, adiante preservar um conflito mitológico que venha a gerar sofrimento para si e para esse Outro.

Diante disso, percebemos que tanto a estudante brasileira, quanto o estudante guineense sofreram preconceitos raciais com modos operantes distintos. Ambos sofreram impactos de forma diferenciada, contudo, compreendemos também que a negação, o silenciamento e a invisibilidade com que a sociedade brasileira trata a história e a cultura do negro no Brasil tem um relevante significado na construção do imaginário social desses sujeitos. Os ideais identificatórios construídos pela sociedade brasileira são ideais de ego branco como única possibilidade de um encontro com sua realidade.

Além disso, o estudo demonstrou a importância do enfrentamento do preconceito racial nos diversos âmbitos sociais por meio do resgate e da manutenção da história do povo negro no Brasil e na diáspora. Tanto a estudante brasileira, quanto o estudante guineense apontaram formas para enfrentar o preconceito racial vivido no Brasil, bem como possibilidades de enfrentamento por meio de debates, encontros, ações com a sociedade como forma de levar conhecimento e construir um novo discurso acerca da história das relações raciais, da cultura dos povos e da igualdade entre as pessoas. Desse modo, os processos identificatórios vividos pelos estudantes em diferentes territórios foram determinantes nas relações com esse Outro diferente de cada um em sua cor, ou nacionalidade.

Além de demonstrar os impactos vividos por estudantes na UFPA, esse trabalho me possibilitou, como psicólogo, refletir e debruçar-me sobre uma escuta clínica. Uma escuta mobilizadora para que os sujeitos negros que estejam no consultório, ou em qualquer outro espaço resgatem suas narrativas e desenvolvam suas singularidades, tornando-se protagonistas de sua própria história e adquirindo, com isso, uma consciência crítica capaz de possibilitar que esses corpos negros possam se inserir como sujeitos desejantes e transformadores de uma realidade, que apesar de ser antiga, ainda reverbera de forma sistemática e rotineira na contemporaneidade. Nesse sentido espero que uma escuta psicanalítica possa ser reelaborada em cada espaço, em cada encontro respeitando a singularidade histórica de cada sujeito.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, W. R.; FILHO. W. F. **Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.**
- ALLPORT, G. *The nature of prejudice.* Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- ALVES, Iulo Almeida; ALVES, Tainá Almeida. **O perigo da história única: diálogos com Chimamanda Adichie.** Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/alves-alves-o-perigo-dahistoria-unica.pdf>>. Acessado em 30/04/16.
- AMADOR DE DEUS, Zélia. **Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade.** Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Pará, no Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, em Belém, 2008.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil.** São Paulo: SENAC, 2001.
- ASSOUN, P. L. **Freud e as ciências sociais.** Paris: Armand Colin, 1993.
- AYRES, J.R; et al. **Vulnerabilidade s prevenção em tempo de AIDS** In: PARKER, R. et al. *Sexualidade pelo avesso: Direitos, Identidades e Poder.* São Paulo: Editora 34, 1999.
- BARRETO, Ocilene Fernandes. **Constituição do Eu e a transmissão do HIV: um estudo psicanalítico com adolescentes soropositivos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2013.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil.** São Paulo: Livraria Pioneira/USP, 1996.
- BASTIDE R. & FERNANDES, Florestan. **Branços e Negros em São Paulo** (2ª ed.). São Paulo, Ed. Nacional, 1959.
- BAUMAN, zigmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Ed. zahar, 2008.
- BENTES, Nilma. **Aspectos da trajetória da população negra no Pará.** Aspectos relevantes. Belém: UFPA, GEAM. 2013.
- BENTO, Maria Aparecida Silva & CARONE, Iray (orgs) (2002). **Psicologia Social do Racismo. Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil.** Petrópolis, RJ, Vozes.
- BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo.** Edição organizada por Marcos Chor Maio. São Paulo: Sociologia e Política, 2010. 192 p.
- BILENKY, Marina Kon. **A vergonha e os sofrimentos narcísicos.** Ide (São Paulo), São Paulo, v. 36, n. 56, p. 201-205, jun. 2013 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23 ago. 2017.

BLEGER, J. **Temas de Psicologia: entrevista e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BORGES, Edson, D'ADESKY, Jacques, MEDEIROS, Carlos Alberto. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BRANDÃO, JUANITO de SOUZA; **Mitologia grega**. v. III. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CABECINHAS, R. (2002) **Mídia, etnocentrismo e estereótipos sociais**. In As Ciências da Comunicação na Viragem do Século. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação. Lisboa: Vega (pp. 407- 418).

CASHIMORE, Ellis: et. Alli. **Dicionário das relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. Tradução De Dinah Kleve.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Sexualidade e preconceito**. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [online]. 2000, vol.3, n.3

\_\_\_\_\_. **Os efeitos perversos da televisão**. in, A criança na contemporaneidade e a psicanálise. *Mentes & Mídia: diálogos interdisciplinares*, Comparato C, Monteiro D., (coord.). São Paulo, Caso do Psicólogo, Vol. II, 75-86, 2000.

\_\_\_\_\_. **O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Mitologia e processos identificatórios**. In: *Tempo psicanalítico*. Vol.39. Rio de Janeiro, pp.179-193. Editora: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID) 2007.

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre pesquisa em psicanálise**. in: *Psicologia: diálogos contemporâneos*. Melo & Júnior (org.) Curitiba: CRV, p. 137-146, 2012.

\_\_\_\_\_. LINDENMEYER, Cristina. **Les avatars de la pensée Magique**. In: *Cliniques Méditerranéennes*. 85, p. 41-49, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mitos, sexualidade e repressão**. in: *Ciência e Cultura, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 64, 1, pp. 31-35, 2012.

\_\_\_\_\_. **Transexualidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

COSTA, A. & POLI, M. C. (2006). **Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise**. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 19(188), 14-21.

COSTA, Jurandi Freire. **Da cor ao corpo: violência do Racismo**. In: *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, Indivíduo e Cultura**. São Paulo: ROBE 1997.

DAHIA, Sandra Leal de Melo. **A mediação do riso na expressão e consolidação racismo no Brasil**. Soc. estado. [online]. 2008, vol.23, n.3 [cited 2017-05-16], pp.697-720.

DOCUMENTÁRIO – **O perigo de uma história única** (Chimamanda Adichie), 2009. <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>>

DUARTE, R. **Fundamentos filosóficos e psicológicos da discriminação e a sua aplicação ao caso brasileiro**, In. Boletim do Instituto de Saúde. São Paulo, n 44, 2008.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FÉDIDA, Pierre. **Clínica psicanalítica: Estudos**. São Paulo: Escuta. 1988.

FERNANDES. M. I. A. **Negatividade e vínculo: a mestiçagem como ideologia**. São Paulo; Casa do Psicólogo, 2005.

FIGUEIREDO, Ângela (2002). **Novas Elites de Cor**. São Paulo, Annablume/CEAA.

FIGUEIREDO, Luís Claudio, & MINERBO, Marion. (2006). **Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo**. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975- 1976)**, (trad. De Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1904) **O método psicanalítico de Freud**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1905) **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de. Rio de Janeiro: Imago, 1976

\_\_\_\_\_. (1913[1912-13]) **Totem e tabu**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976

\_\_\_\_\_. (1914) **Recordar, repetir e elaborar**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1914) **À guisa de introdução ao narcisismo**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1919) **Deve a psicanálise ser ensinada na universidade?** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1921) **Psicologia das massas e análise do eu**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1923) **O eu e o id**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1925[1924]) **Um estudo autobiográfico**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976

\_\_\_\_\_. (1926) **A questão da análise leiga**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1927) **O futuro de uma ilusão**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976

\_\_\_\_\_. (1930) **Mal estar da civilização**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976

\_\_\_\_\_. (1933[1932]) **Por que a guerra?** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976

FUKS, B. B. (2007). **O pensamento freudiano sobre a intolerância**. *Psicologia Clínica*, 19(1), 59-73.

\_\_\_\_\_. (2003). **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GALLO, Silvio; SOUZA, Regina M. **Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro**. *Educação e Sociedade*, p. 39-63, 2002.

GILMAN, Sander. **Freud, raça e sexos**. Rio de Janeiro; Imago, 1994.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GUIBERNAU, Berdun; MONTSERRAT, Maria. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX**. Tradução de Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Preconceito racial. Modos, Temas e Tempos**. São Paulo: Cortez, 2012.

GUIMARÃES, M. A. C.; PODKAMENI, A. B.; **A rede de sustentação coletiva, espaço potencial e resgate identitário: projeto mãe-criadeira**. *Saúde Soc.* [periódico na internet], v. 17, n. 1, p. 117-30, 2008.

\_\_\_\_\_. **Racismo: um mal estar psíquico**. In *Saúde da População Negra*. Petrópolis, RJ: ABPN, 2012.

HELMS, J. E. (Ed.). (1990), **Black and White Racial Identity: Theory, Research and Practice**. Westport, CT: Greenwood Press.

HOFBAUER, Andreas (1999). **Uma História de Branqueamento ou o Negro em Questão**. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH/USP.

INSTITUTO AMMA PSIQUÊ E NEGRITUDE. **Os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Instituto AMMA psique e Negritude, 2008.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Planejamento, Orçamento e a Promoção da Igualdade Racial**. Brasília: Ipea, 2014. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriospesquisa/140901\\_relatorio\\_igualdade\\_racial.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriospesquisa/140901_relatorio_igualdade_racial.pdf)>

IRIBARRY, I. N. (2003). **O que é pesquisa psicanalítica?** *Agora*, 6(1),115-138.

KOLTAI, C. (2008). **Racismo: Uma questão cada vez mais delicada**. *Ide*, 31(47), 66-69.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**.

LOWEKRON, T. S. (2004). **O objeto da investigação psicanalítica**. In F. Herrmann &

LOWENKRON, T. (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 21-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.

MANNONI, O. *Psychologie de la colonisation*, Ed. du Seuil, 1950.

Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil. Brasília (DF): Secretária-geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; 2014. [Acesso em 20 ago 2014]. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)>

MEZAN, R. (1994). **Pesquisa teórica em psicanálise**. *Revista Psicanálise e Universidade*, 2, 51-75.

MIGUELEZ, O. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2007.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. **Humor e psicanálise**. *Estud. psicanal.* [online]. 2008, n.31 [citado 2017-05-16], pp. 114-124.

MUNANGA, K. Palestra: **Uma Abordagem Conceitual Das Noções De Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 3. Rio de Janeiro. 2003.

MUSATTI-BRAGRA, A. P. **Os muitos nomes de Silvana: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras**. Tese de Doutorado USP. – São Paulo, 2015.

NOUGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. Tese de Doutorado USP – São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **O corpo da mulher negra**. Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIII, no 135, 40-45. 1999.

\_\_\_\_\_. Sedes, 22/06/2012. III etapa do evento: “**Racismo e o negro no Brasil: Questões para psicanálise**” promovido pelo departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NdQ1EqFQbnI>> Acesso em: setembro 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Documentos básicos. 26.ed. Genebra: 1976.

ORTIGUES, M.-C.; ORTIGUES, E. **Édipo africano**. São Paulo: Escuta, 1989.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org) A colonialidade do saber – eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. pp. 229 - 279.

REIS FILHO, José Tiago dos. **Escravo Psíquico - Negritude e psicanálise**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005.

\_\_\_\_\_. **Ninguém atravessa o arco-íris: um estudo sobre negros**. São Paulo. Anna Blume, 2000.

ROSA, M. D. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, 4(2) 329-348, 2004.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. **O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação**. Psicologia & Sociedade, 22(1), 180-188, 2010.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, R. E; LOBATO, F. (Orgs). **Ações Afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SARTRE, J. P. **Reflexões sobre o Racismo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Sim, nós somos racistas: Estudo psicossocial da branquitude paulistana**. Psicologia & Sociedade, v. 26, n. 1, p. 11, 2014.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

\_\_\_\_\_. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

SILVA, Denise Quaresma da. **A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico.** *Estudos de Psicanálise* 39 (2013): 37-45.

SOARES, M. C. **Relações raciais e subjetividades de crianças em uma escola particular na cidade de Salvador.** Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação e, Estudos Étnicos e Africanos. Salvador, 2011

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal. 1984

VANIER, Alain. **Temos medo de quê?** *Ágora* (Rio J.) [online]. 2006, vol.9, n.2 [cited 2017-05-27], pp.285-298.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** *Rev. Soc. rj*, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

VILHENA, J. A. (2006). **A violência da cor: Sobre racismo, alteridade e intolerância.** *Revista Psicologia Política*, 6(12).

WERNECK. J. **Um pacto pela vida dos jovens negros.** CEERT. Disponível em: <<https://anistia.org.br/um-pacto-pela-vida-dos-jovens-negros/>> Acesso em: 09 set. 2017.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YIN R. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.

**ANEXO**

## ANEXO – 1

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: “*A contribuição da psicanálise para compreensão do preconceito racial: um estudo de caso com estudantes negros na universidade federal do Pará*”, sob execução do estudante Robenilson Moura Barreto e sob responsabilidade do pesquisador Prof. Paulo Roberto Ceccarelli do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP-UFGPA).

O motivo que me leva a estudar o sofrimento psíquico de estudantes brasileiros e estrangeiros que sofrem preconceito racial é o sofrimento psíquico provocado pela ideologia racista, sob pena de termos entre os tais estudantes, altas taxas de morbidade, vulnerabilidade e iniquidade no acesso aos direitos humanos, além do baixo desempenho acadêmico por conta das atitudes e discursos contrário ao ingresso de estudantes cotistas na universidade, além de ameaçar sua permanência nesses espaços. O objetivo desse projeto é analisar em que medida a discriminação racial pode influenciar seu cotidiano na vida acadêmica, profissional e pessoal de estudantes negros e africanos na UFGPA. O procedimento da coleta de dados será da seguinte forma: para investigação, será elaborado um questionário com a realização de duas entrevistas semiaberta, uma com cada estudante a fim de obter um conteúdo suficiente, para que possa ser analisado através da teoria psicanalítica abordando suas concepções.

Apesar da pesquisa não representar um risco de natureza orgânica aos sujeitos entrevistados, contudo, a pesquisa apresentada é realizada com entrevista semiaberta para o levantamento de informações e que pode trazer riscos aos sujeitos em termos psíquicos ou subjetivos como com seus valores, sua cultura, crenças e emoções. Já que a pesquisa busca revisitar momentos em que, esse sujeito entrou em contato com uma situação de sofrimento psíquico. Existe um desconforto e risco mínimo a você que se submeter à coleta do material para obtenção dos dados da pesquisa, sendo que se justifica pelo benefício que essa pesquisa trará um benefício para você ou para a sociedade caso o objetivo seja atingido positivamente.

Caso você sinta algum impacto psicológico após a entrevista você será acompanhado (a) e/ou encaminhado (a) para tratamento clínico psicológico adequado na UFGPA.

Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é

livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você, caso desejar. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Psicologia no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará e outra será fornecida a você. Os TCLEs e os dados obtidos com a pesquisa serão guardados em segurança por 05 anos e em seguida descartados de forma ecologicamente correta. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional além da prevista em orçamento do projeto.

Eu, \_\_\_\_\_ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. O estudante Robenilson Moura Barreto, o Professor (a) orientador Paulo Roberto Ceccarelli certificaram-me de que todos os dados pessoais serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar o Professor orientador Paulo Roberto Ceccarelli no telefone (31) 98554-0888, ou o estudante Pesquisador Robenilson Moura Barreto no telefone (91) 98859-2609 ou ainda no Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Pará (91) 32201-7782. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

<b>(Participante)</b>	_____	____/____/____
	<b>Assinatura</b>	<b>Data</b>
<b>Robenilson Barreto (Pesquisador)</b>	_____	____/____/____
	<b>Assinatura</b>	<b>Data</b>
<b>Paulo Ceccarelli (Orientador)</b>	_____	____/____/____
	<b>Assinatura</b>	<b>Data</b>

## ANEXO – 2

### Roteiro de Entrevistas

#### **I - Identificação:**

---

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Identificação da cor:

Instituição vinculada:

País/Origem:

#### **II – Questões relativas à pesquisa\***

---

Como se sente sendo negro no Brasil?

Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial no Brasil?

Podes relatar algum caso? Como aconteceu?

Como se sentiu sendo discriminada? Como reagiu?

Existe algum impacto na sua vida atual em relação à discriminação racial que sofreu?

Qual a sua percepção sobre o a discriminação racial?

Existe alguma forma de discriminação/preconceito em seu país? Como ele ocorre?

\*A pesquisa terá como método a escuta flutuante e a associação livre tendo como objeto de pesquisa o inconsciente na identificação da percepção da discriminação e o impacto psíquico no sujeito de pesquisa. Serão perguntas norteadoras diante de uma escuta clínica psicanalítica.

## ANEXO – 3

### Entrevista da Estudante Brasileira (Brasil)

**Entrevistador:** Como é teu nome?

**Carolina Maria:** Carolina Maria de Jesus Hickmann.

**Entrevistador:** Qual a origem do sobrenome Hickmann?

**Carolina Maria:** esse Hickmann é da família da minha mãe que é um nome que descende de alemães.

**Entrevistador:** Qual a tua relação com esse sobrenome alemão se identificando como mulher negra?

**Carolina Maria:** olha, no início, quando eu era criança, na escola era difícil explicar, por que as vezes, assim, eu lembro de uma vez nitidamente, que a gente tinha num trabalho da escola explicar nossa genealogia. E ai, eu digo, ‘bom, vou atrás do que é o Hickmann’, né? Fui conversar com minha família, conversei com minha mãe, conversei com minha tia e me explicaram que esse nome era o nome dos pais. É um nome que vem dos pais do meu avô que eram imigrantes, vieram da Alemanha pro Brasil, e depois vieram pra cá, eu não sei direito se eles fizeram sul, norte, não sei como foi essa migração, mas de alguma forma viemos aqui pro norte também, e ai, esse é o nome da família do meu avô por parte de mãe, o Hickmann. Tanto é que é o nome da minha mãe também, é Maria do Socorro Hickmann, é o nome deles. Então, era difícil explicar dentro da escola, eu sempre estudei em escolas particulares, e foi difícil explicar dentro da escola de onde é que vinha o meu nome. Como eu ia explicar como negra, que eu tenho um sobrenome alemão? Além disso ser difícil, eu ficava com uma coisa na minha cabeça depois de um tempo de ficar pensando assim... quando eu estava do lado da minha mãe, minha mãe é branca, é completamente diferente de mim, o que a gente tem de parecido é a altura, e alguns traços assim do rosto, o nariz, por exemplo. Mas eu sou bem mais parecida com meu pai, e ai eu tinha receio de andar com minha mãe na rua e pensarem que eu era adotada porque quando eu falei disso na escola pela primeira vez rolou esse... Uma encarnação dos coleguinhas que riram quando eu disse ‘olha, esse nome é um nome alemão, eu descendo de alemães também’. Meus colegas riram da minha cara, disseram que era mentira, a professora, eu lembro vagamente... Não lembro direito se ela soube lidar mas acredito que não, porque eu lembro que as risadas foram constantes quando eu falei sobre isso. E daí, desde então, eu comecei a sentir um pouco de incomodo na minha infância quando

eu era vista do lado da minha mãe, de falarem assim ‘ah, deve ser adotada’, e tudo mais. Só que não, né? E eu tive a chance de comprovar isso porque no percurso da minha vida tiveram situações envolvendo meu pai onde eu tive que fazer um teste de paternidade e o teste de paternidade envolveu ele e ela, então ficou provado que eu era filha dos dois, e daí isso foi passando um pouco, mas ainda ficou aquela coisa de ser vista do lado da minha mãe e ficarem pensando assim ‘nossa, será que é filha dela?’, ficava isso na minha cabeça assim. Ficou durante muito tempo mesmo na minha cabeça ‘ai, será que é filha, num seio que... É da família e tal’, porque na família da minha mãe eu sou a única pessoa reconhecidamente negra que é de sangue da família. Da família da minha mãe não tem outra pessoa que tenha o meu tom de pele que seja de sangue, eu tenho um primo mas ele foi adotado. Isso já é por uma tia que não é da família, não é de sangue, ela era esposa de um tio meu e eles adotaram o filho de um dos irmãos dela, salvo engano, e ele é negro. Mas ai, da minha família mesmo só eu, de sangue. E ai, o meu pai, depois de muito tempo, eu passei pelo processo de... Não convivência com meu pai, não convivia com meu pai. Ele se negou durante muitos anos a assumir paternidade e ele era negro, tinta forte, família dele toda é uma família de negros, que vem do Acará, e eu não tive contato com essa família durante muitos.... Até hoje eu não tenho muito contato com eles. Não tive convivência, não tive absolutamente nada. Tudo que eu sabia do meu pai a minha mãe que me dizia porque eu perguntava pra ela, então o que eu posso te dizer assim, é que... Nossa, já estou emendando...

**Entrevistador:** Fique à vontade, prossiga!

**Carolina Maria:** então, a minha mãe me falava coisas do meu pai, e depois de algum tempo ela veio me dar mais detalhes sobre quem ele era, que tipo de pessoa ele era, e eu comecei a entender algumas coisas. O meu pai também tinha o problema de aceitação muito grande, de identidade muito grande. Porque, ele, por exemplo, não gostava de tá num lugar onde tinham pessoas negras, ele não gostava de estar em um lugar onde tinham muitas pessoas negras. Ele não se sentia bem, como negro ele não se sentia bem. Então minha mãe me relatou isso. O melhor amigo do meu pai, uma coisa que eu acho muito irônica, porque eu conheço o melhor amigo do meu pai, meu pai já faleceu, é um cara que é extremamente racista e homofóbico. É um cara que faz piadas assim, que eu fico surpresa da minha mãe, a minha mãe que convive com ele, que trabalha com ele, é amiga dele. Ela tem o processo dela, então, ela foi criada dentro de uma estrutura onde fazer algumas piadas é normal, tanto que até eu dizer pra minha família que eu era negra, eu sempre fui a morena. Morena, morena cor de jambo, marrom glacê... Sempre fui a morena da família, mas nunca fui negra, nunca fui considerada negra

pela família da minha mãe, que foi a família que me criou, nunca. E eu senti as dificuldades, algumas dificuldades, que vem por conta do preconceito. Essa questão que eu te falei né, da encarnação dos amiguinhos na escola, não foi só isso, não foi só em relação a essa questão do meu sobrenome. Teve a questão da minha cor, uma vez uma menina disse que eu tinha cor de merda, eu me lembro. Na minha infância... Meu cabelo, eu tinha muita... Nunca aceitei meu cabelo, nunca aceitava o meu cabelo. Até os vinte anos eu posso te dizer que eu não aceitei o meu cabelo, até os vinte anos eu não aceitava o meu cabelo. E na escola era pior, na infância era pior. Na adolescência continuou aquela coisa, tanto que dentro também disso eu me tornei uma pessoa introspectiva. Eu acredito que tenha sido por isso também. E eu sofri vários tipos de preconceito. E eu não enxergava isso como preconceito por quê? Porque eu não fui criada pra ser vista como uma menina negra, uma mulher negra. Eu fui criada pra ser vista como uma menina morena. Que sofreu uma coisa que todo mundo sofre na vida que é ... Ah, aquela questão de quando você tá na escola, você tá entrando no ensino fundamental, no ensino médio, é aquela pessoa que pega pra cristo mesmo, sabe? Aquela pessoa que sofre encarnação e tudo mais e a minha forma de lidar com isso durante todo esse tempo foi rindo. Foi rindo, foi debatendo e me igualando a essas pessoas opressoras de que forma, eu também fazia muito bullying. Chegou no nível que eu entrava na questão de encarnar pra me sentir e tudo mais, só que eu sofria direto preconceito, eu era perseguida na escola e tal.

**Entrevistador:** esse era o caminho?

**Carolina Maria:** era o caminho que eu encontrava. Eu não me sentia triste, muito pelo contrário, sempre fui muito comunicativa, muito assim, de me mexer bastante, mas, de qualquer forma, eu era introspectiva. Isso só veio mudar quando eu entrei na universidade, que eu conheci outro mundo, que eu tive contato com outras ideias, que eu passei a me ver assim, dentro de um contexto totalmente diferente daquilo que eu estava, e reconhecer dentro das lembranças dos episódios que eu passei, o que foi preconceito. Foi quando eu comecei a me dar conta de que ‘ah, isso aqui que eu sofri, aquilo foi um preconceito em relação a mim’. E aí eu consegui passar, com o tempo, a me reconhecer como mulher negra. Sendo que, nos dias atuais eu já tive outros conflitos comigo porque, e eu digo isso em voz alta porque eu acho isso importante, eu sou uma mulher negra que teve privilégios. Eu nasci numa família branca, eu estudei em escolas boas, eu nasci numa estrutura de classe média, entendeu? Eu nunca estudei em escola pública. Não entrei na universidade através do sistema de cotas, entrei pela livre concorrência. Tive acesso a um milhão de informações que outras mulheres negras não tiveram. Nunca sofri violência, violência física, nunca fui agredida. Demorei

muito pra reconhecer os episódios de racismo em relação a mim mas já era uma coisa que eu já sabia lidar, entendeu? Então, tipo, eu sou uma mulher negra sim, sou negra, sou uma mulher negra e lésbica. Sofro preconceitos mas em relação a outras mulheres negras e outras pessoas negras, eu própria faço meu recorte, eu sei até aonde eu posso falar enquanto mulher negra. Até onde eu consigo falar, pelo que eu já vivi, pelo que eu já sofri, e pelo que eu posso viver estando nesse lugar. Eu não consigo abrir minha boca pra pegar protagonismo de outro tipo de ação, por conta do que eu não sofri. Mas o que eu sei falar, por quê? Eu tive acesso à informação, eu tive contato.

**Entrevistador:** Fale um pouco mais sobre esse teu incomodo vivido por conta do preconceito.

**Carolina Maria:** eu tinha o sentimento de vergonha, de vergonha do que eu era, entendeu? Especialmente no que eu te falei em relação a minha mãe, a tá do lado dela, eu sentia vergonha, de mim, não era dela, era de mim. Porque eu sempre ficava com aquela neura na cabeça, era de alguém algum dia ainda vai perguntar pra minha mãe se eu sou adotada. Um dia desses eu entrei no salão, já estava na universidade, isso foi em 2012 eu acho. Entrei no salão, minha prima estava fazendo unha, minha prima se criou comigo, ela é branca, bem branca, ai eu estava com meu primo, com o filho dela, né, porque como a gente se criou junto daí eu digo que ela é minha irmã e que ele é meu sobrinho, eu gosto de chamar ele de meu sobrinho, ai eu entrei com meu sobrinho no salão pra eu deixar ele lá, ele é uma criança pequena, branco também, e ai a moça que estava fazendo a unha, eu não lembro direito se era a moça que estava fazendo a unha ou se era a cliente... Não, era a cliente que estava do lado que perguntou assim 'ela é babá dele?', ai a minha prima disse 'não, ela é minha prima'. Ai eu só fiquei olhando assim, ai eu tipo não acreditei, sabe? Eu não acreditei, eu não acreditei quando aquela mulher falou aquilo, não acreditei. E desde ai eu peguei uma coisa assim... Eu ando com meu sobrinho mas eu não me sinto à vontade de andar com ele e com a mãe dele.

**Entrevistador:** ainda hoje?

**Carolina Maria:** ainda hoje, não me sinto à vontade. Porque eu tenho essa sensação de que as pessoas estão me olhando e estão dizendo que eu sou a babá da criança. Hoje ele tem cinco anos, porque ele tinha menos, claro, e eu digo, vão pensar que eu sou babá dele. Tanto é que quando a gente sai junto, eu faço o máximo para... Assim, eu digo 'segura ele', as vezes ele pode até precisar da minha ajuda, tipo 'corre que ele vai fazer alguma coisa, mas assim, eu vou, mas... Todo tempo 'toma, fica com ele, fica com ele, a gente tá junto mas fica com ele, fica com ele!', sabe? Porque isso me incomoda.

**Entrevistador:** é uma coisa que marcou?

**Carolina Maria:** é uma coisa que marcou, é uma coisa que marcou. Quando eu passei a ter essa percepção essas coisas passaram a me marcar mais ainda. Começaram a me marcar mais ainda a ponto de que eu... Nossa, as vezes eu fico até mal de me sentir assim porque eu tenho uma segurança da minha identidade, eu tenho uma segurança do que eu sou, e ser babá não é uma coisa ruim. Mas, dentro do que eu, dentro do meu orgulho, eu não me sinto bem.

**Entrevistador:** Se sentiu mal por ser identificada na condição de ou por estar na condição de mulher negra e próxima de uma pessoa branca?

**Carolina Maria:** pela condição de ser uma mulher negra estando próxima de uma pessoa branca. Não é por ser babá, é por ser uma mulher negra próxima de uma pessoa branca. Porque em relação à pessoa branca sempre vão pensar que eu estou na condição de babá. Porque eu sou uma mulher negra, entendeu? Essa é a percepção que eu tenho.

**Entrevistador:** a marca de estar sempre nesse lugar?

**Carolina Maria:** a sociedade quer me colocar nesse lugar, e por mais que eu procure não me importar, eu sei o que a sociedade está tentando fazer igual, e eu tento muito evitar que esse pensamento me domine, mas é um processo muito difícil. Por quê? Porque as pessoas não têm ideia do lugar onde eu estou e é um lugar que eu me orgulho de fazer parte. Muita gente já me chamou de acadêmica, já me chamou disso, já me chamou daquilo, e eu digo 'gente...', eu adoro inclusive, pode me chamar de acadêmica porque eu amo, isso me dá um status que eu adoro, que eu tenho prazer de ter, desculpa, mas eu tenho esse prazer. Eu tenho esse prazer de ser chamada de acadêmica, você está me colocando lá em cima, pra mim. E assim, apesar de ter esse pensamento, já faz um tempinho que eu estou tentando diminuir isso. Por quê? Porque eu estou em vários lugares, em vários grupos, contato com pessoas, e lá eu não sou acadêmica, sou só mais uma pessoa aprendendo. Eu já fui muito de pensar 'ah, eu tenho a minha teoria, eu tenho o que eu aprendi na academia e eu posso aplicar...', não, não é assim. Algumas teorias me ensinaram que eu estou nos lugares pra aprender, eu não estou nos lugares ali pra ser a Carolina Maria de Jesus das ciências sociais. Eu tenho meu pensamento, tenho minhas ideias e eu valorizo isso, mas eu tenho que ter a humildade de aprender com os outros grupos. De aprender com o pensamento deles, de aprender com a vivência dele.

**Entrevistador:** em outros espaços?

**Carolina Maria:** em outros espaços que não a minha zona de conforto de estar na sala lendo os europeus.

**Entrevistador:** a universidade é uma zona de conforto?

**Carolina Maria:** a universidade é.

**Entrevistador:** Mesmo na condição de negra?

**Carolina Maria:** mesmo na condição de negra.... Sabe porque eu diria que é uma zona de conforto? Porque dependendo do debate, eu tenho onde me agarrar, enquanto uma mulher negra que tá pensando a realidade. Eu tenho as teorias. Lá fora, as pessoas têm a vivência que eu não tenho, então eu calo, eu tenho que calar a minha boca e só ouço. É um pouco complicado de entender.

**Entrevistador:** Como você se sente entendendo que tem que ficar calada fora da universidade?

**Carolina Maria:** não é pra tudo que eu fico calada, quando eu digo que eu fico calada é porque, assim, em determinados espaços de convivência, eu fico calada porque eu tenho que ouvir do outro, minha teoria não vale lá, não vale lá fora. Justamente por conta da vivência que eu não tive. A vivência que aquelas pessoas tiveram vale muito mais. Então, elas têm mais fala do que eu. Aqui por que eu tenho mais fala? Porque eu tenho pra me defender. Eu tenho, a teoria, tenho o pensamento, eu tenho o que eu estudo, eu tenho os argumentos. Então aqui eu sinto que eu bato de frente com uma pessoa branca de igual pra igual, mesmo sendo uma mulher negra. É porque eu tenho toda uma construção política, toda uma construção de pensamento que eu vou chegar com a pessoa, e vou colocar ela, sei que eu vou colocar ela no chão usando meus argumentos.

**Entrevistador:** e lá fora?

**Carolina Maria:** lá fora, dependendo da pessoa também. Às vezes eu sinto o seguinte, algumas pessoas vêm a Carolina Maria que foi criada numa forma de classe média, a Carolina Maria que tá na academia, que preza muito, que gosta muito do conhecimento, que gosta muito da teoria, que gosta muito de aplicar isso a tudo, e é uma Carolina Maria que, lá fora, perante alguns espaços, alguns movimentos, ela não vale de muita coisa, porque ela não tem vivência, porque ela nasceu privilegiada de alguma forma.

**Entrevistador:** Como se sente em relação a essas falas?

**Carolina Maria:** olha, hum.... Já me incomodou mais, hoje em dia não me incomoda não. Eu acho que as pessoas lá fora têm razão. Quem tem acesso a isso aqui de certa forma, em relação a quem não tem acesso, tá privilegiado. Aqui dentro, enquanto negros, nós devemos conquistar nossos espaços. E como é que a gente faz isso? Se movendo dentro na universidade e criando novas formas de pensar. Suscitando novos debates. Essa é a forma que eu penso. Na universidade que eu combato racismo, combato preconceito, a gente se move. A

gente se move enquanto negros, estudantes negros, contra preconceito, pra combater a estrutura que tem aqui dentro, que é uma estrutura política de interesses. E a gente se move de forma a combater e gerar o debate. Que mesmo que não se queira, não tenha interesse das autoridades maiores de gerar, a gente vai e gera, a gente vai e mete o dedo na ferida. A gente vai e ocupa uma reitoria e começa a falar de racismo institucional, a gente ocupa uma reitoria e diz assim 'olha, lá no portão tão barrando pessoas negras, e ele não podem fazer isso', ai eu tenho todo um respaldo pra dizer isso dentro da resolução da universidade.

**Entrevistador:** Diante das suas vivências e experiências, como se sentiu e como se sente hoje se reconhecendo como uma mulher negra no Brasil e no Pará?

**Carolina Maria:** antes eu não era nem negra, antes eu dizia que eu não era negra, hoje eu sou negra porque eu aprendi a me reconhecer como negra. Assim, até hoje desde que eu entrei na universidade até aqui, sofri episódios de preconceito que tem me abalado de alguma forma, e olha que eu fico muito atenta a isso. Aqui na universidade, uma aula com um professor que eu já sei que ele faz piadinha, eu fico atento em tudo que ele fala. Teve vez que eu já cheguei até a gravar aula do professor, só pra esperar o momento. No máximo que eu me lembre que algum professor fez aqui uma vez, dois casos, um alemão, um professor aqui alemão, estava fazendo a chamada e perguntou de onde eu consegui meu nome. Onde eu consegui o Hickmann.

**Entrevistador:** Onde conseguiu o Hickmann?

**Carolina Maria:** como se apropriou? Você pegou o Hickmann e botou porque você acha bonito? Eu quase que eu esfrego a minha identidade 'não, tá aqui olha. Quer a certidão de nascimento também? Vou lhe mostrar'. Só que na época, isso foi em 2012, eu tinha acabado de entrar na universidade, então eu não tinha idéia do que eu ia fazer. Não tinha idéia do que eu podia fazer do que eu deveria falar pra ele, não como eu tenho hoje. E a outra situação foi que, o professor, ele chegou e disse assim... Estava falando, né, sobre os negros ali do Nordeste ai ele apontou pra mim e falou assim 'porque eles têm o cabelo sarará', ai eu disse 'deixa eu analisar aqui se ele falou isso de forma pejorativa ou se ele tá fazendo só uma comparação', dado que eu já conheço o histórico dele, e ai eu digo 'não, tá', disse que meu cabelo é sarará, eu não tenho problema em ter cabelo sarará. Na verdade, meu cabelo não é sarará, eu acho que ele tá errado, na verdade ele é ignorante, porque meu cabelo não é sarará, ele não sabe reconhecer cabelo sarará. Eu não, eu não tive episódios aqui dentro. Não, tive um impedimento. Uma vez eu saí, estava na beira do rio com os amigos e sai, estava com meus documentos todos aqui, carteira de estudante, comprovante, tudo, identidade, e já era umas

seis e pouco, né, na hora que eles começam a ronda. Eram umas sete na verdade, estava de noite, estava escuro, e aí a galera estava na beira do rio e queria comprar uma catuaba e tudo mais pra tomar lá na beira, porque a gente estava lá conversando, e 'ah, quem vai, não sei o que. Não, por que não sei o que, tá sem documento', eu 'ah! Galera, eu vou. Eu estou com meus documentos aqui eu vou lá, me empresta a *bike* que eu vou lá'. Quando eu saí, eu falei assim 'boa noite senhor, eu vou bem ali e tal', não precisa. Ai eu, 'tá', fui! Comprei a catuaba de *bike*, voltei 'ou, boa noite e tal'. Ai eu cheguei 'gente, vocês estavam com medo de ir lá e não sei o que?', a maioria dos meus amigos negros e tal, mulheres. Falei 'gente, eu fui lá de boa e o segurança não me barrou nem nada, ele nem pediu pra ver, eu que mostrei, ele nem pediu'. 'ah mana, mas tu não tens cara de pobre'. Foi isso mesmo o comentário, 'tu tens cara de rica, tu tens cara de classe média, tu não tem cara de pobre, de estudante preta', ai eu 'sério isso, gente? Então tá, isso que vocês tão dizendo'. É isso que eu estou te falando, essa pra mim é a diferença de estar lá fora e tá aqui dentro. Algumas pessoas negras me vêm de uma outra forma, entendeu? Por causa do meu jeito, por causa da minha roupa, por causa da minha fala, sabe? As vezes são pessoas que tão aqui na universidade também, são pessoas que tiveram acesso ao ensino superior, que estão aqui. Que eu digo que são meus iguais porque nós estamos dentro da universidade estudando. Porque nós somos pessoas negras que podem enfrentar o mesmo preconceito. Mas não, naquele momento eles acharam que eu não tenho cara de negra, né, que eu não tenho jeito. Não teria jeito de uma pessoa negra, e que por isso que eu passei com facilidade no portão, sem ser revistada nem nada.

**Entrevistador:** Como se sente diante da posição desses grupos na universidade?

**Carolina Maria:** por isso que eu te digo, é nisso que eu sinto que a universidade é minha zona de conforto, que aqui eu debato.

**Entrevistador:** aqui você pode fazer o enfrentamento mesmo no grupo?

**Carolina Maria:** lá fora é mais complicado porque existe uma vivência que eu não tenho, talvez nunca vá ter. E ai eu olho e digo assim, tá você quer me diminuir porque eu não tive essa vivência que você teve? Não pode porque eu reconheço teu protagonismo, mas eu tenho uma coisa que chama lugar de fala e eu sei muito bem onde é que eu estou. Eu posso falar porque eu tenho, eu reconheço tudo que tu passaste. Eu não posso falar por ti, mas eu reconheço o que você passou, eu sei o que você passou porque você tá me dizendo e eu posso falar sobre isso, eu posso pensar a respeito disso, pensar essa realidade e tentar te ajudar a mudar, dentro do meu lugar de fala, e você dentro do seu protagonismo.

**Entrevistador:** Seria uma forma de preconceito?

**Carolina Maria:** não, eu acho que é uma forma de preconceito, eu acho que as pessoas do grupo, elas não são. Não estão sendo preconceituosas, mas é que, o que eu acredito, é que devido ao grande número de situações vividas.

**Entrevistador:** por essas pessoas?

**Carolina Maria:** por essas pessoas, é difícil você ouvir de uma outra pessoa negra que não teve isso que talvez ‘olha, eu acho que tu deverias fazer isso’, não. Elas têm a forma delas de lutar que é a forma delas e que é diferente da tua forma de lutar. Quando vem o preconceito massificado, o preconceito das pessoas da sociedade, todos nós nos unimos. Nós somos um só, a gente combate da mesma forma. Eu posso, eu discuto aqui, eu discuto o movimento negro, eu discuto essa questão de ser negra, eu discuto a questão do que é a África no Brasil e do que é o continente africano hoje. Eu discuto hoje, sabe? Dentro do movimento negro eu quero discutir isso, eu quero discutir relações políticas que foram historicamente construídas e o porquê do movimento ser hoje do jeito que ele é. Eu quero discutir isso dentro do movimento negro. Mas aí quando vem uma estrutura gigante contra nós, eu acho que a gente se une. Mas verdades precisam ser ditas. Eu critico, eu critico, eu acho que a autocrítica, ela existe, eu faço a autocrítica e isso incomoda, e é isso que incomoda, entendeu? E é aí que eu sinto que jogam na minha cara que eu tenho lugar de privilégio porque eu não passei por dificuldades. Por dificuldades que foram passadas pelos grupos e aí é que eu sinto essa diferenciação, eu sinto esse baque.

**Entrevistador:** uma crítica a partir do lugar de subjetividade de cada um?

**Carolina Maria:** exatamente, e aí o que eu faço, mas a minha crítica é dentro do que eu sei que foi construído, dentro de uma análise do que é um movimento que tem, que a gente tem hoje. E do que é que a gente pensa sobre África, desde o ano passado a gente tá se propondo a fazer esse debate, o seminário do ano passado foi ‘a África dos africanos e a África dos brasileiros’, e aí quando eu tenho convivência com esses meninos da casa Brasil-África eu digo ‘gente, não faz sentido pra eles o que a gente faz aqui’. Dia da África ano passado eu fiquei chocada, porque tinham alguns, alguns angolanos principalmente que estavam nitidamente se sentindo assim ‘O que vocês acham que é a África?’, porque colocaram lá uma representação do culto de Xangô aí eu fiquei reparando no olhar deles, alguns se sentindo muito incomodados, muito, muito incomodados. Porque aquela não é a África deles hoje, não é a África desses jovens que vem cá pro Brasil estudar, não é. Não é a África que a gente olha. Que eu vi a pessoa olhando pra um colega africano do Congo. Professor de política né? Porque aqui na universidade quando tem um aluno africano num curso de humanas, os

professores eles se colocam a fazer assim 'ah porque', começa a falar do continente africano, ai olha pro aluno e fala assim 'ah porque no teu país não é assim, fulano? Não tem essas guerras e tal?' e eu digo 'meu deus, porque que ele tá falando disso?', não tá vendo que para o rapaz tá aqui ele obviamente não é um rapaz que tá vivendo numa zona de guerra? E ai os professores fazem isso e me dá uma vergonha, sabe? Dá uma vontade de pedir desculpa pro aluno, de dizer 'desculpa por esse professor, ele não sabe. Perdoa ele, ele ainda não se ligou que a África...?' que tu não és um estudante africano que vem dessa realidade. E ai eles não se reconhecem aqui, e ai a gente acha que a África é uma coisa só e ai a gente tem um movimento cultural, e ai onde é que fica a parte política? Isso tudo me incomoda. E ai quando eu falo isso em voz alta eu sou bem chata, eu sou bem chata. Eu evito falar isso em voz alta porque eu sei que eu vou ser altamente criticada, ixé! Isso vai até as críticas de 'ah, tu não reconhece o movimento e não sei o que, tu não sabe o que é isso e tal', então tá né, tudo que eu estudo sobre... Todos os negros que eu já li até hoje que tentam falar sobre isso não valem nada, então, né, pra que eu estou lendo?

**Entrevistador:** Falando desse lugar de mulher, negra e lésbica. Como se sente vivendo no Brasil diante dessas realidades de ofensa, preconceito?

**Carolina Maria:** eu até hoje tenho vivido não com muito medo, mas com medo. Eu passei a viver com medo quando eu me reconheci como negra, como lésbica, eu passei a ter medo do que poderia vir a acontecer, né? Agressão viva, agressão psicológica, sabe? Dentro de casa é difícil porque minha família tá acostumada a fazer piadinha preconceituosa. Um dia desses a minha tia estava vendo jogo na televisão e chamou o jogador de macaco assim na minha frente, sabe? E ai a gente começou uma discussão intensa, foi tão intensa a ponto da gente gritar uma com a outra, foi uma briga de família 'porque não é contigo!' e eu disse 'não, é comigo sim, eu também sou negra', 'não, tu não é negra', eu disse 'ah, eu sou negra sim', 'não, mas tu não é', 'ah, eu sou negra, não diz que eu não sou negra, porque eu sou negra, eu estou dizendo que eu sou negra.' Isso é muito louco, dentro de casa sua família não quer reconhecer sua posição, sabe? nA sua família não vê que você sofre perto deles, que eles têm mais privilégios que você por conta da cor de pele deles, entende? Eu acho que ser negro no Brasil é perigoso, e ser uma pessoa negra que não tá ali pra atender. Pra atender as demandas do sistema, nossa, é dez vezes mais perigoso. Ou seja, você é aquele negro que não fica calado, porque eu não fico calada, né? Eu não fico calada pros meus eu vou ficar calada pros outros? É perigoso, você se expõe, você se expõe demais, mas é preciso. Quando eu digo você se expõe é porque você mostra a sua cara, você mostra a sua cara e diz 'olha, eu sou, eu penso

e debato e luto pela causa negra porque eu sou negra, eu sou lésbica e eu vou falar', tá entendendo? Eu acho que é perigoso.

**Entrevistador:** O primeiro sentimento que vem é o medo?

**Carolina Maria:** é o medo, apesar de que boa parte do tempo eu nunca me vi numa situação onde eu fosse correr o perigo e tivesse que desviar, mas eu tenho medo sim. A minha mãe tem medo por mim, porque ela sabe hoje em dia como eu me reconheço, ela sabe como eu me vejo, e ela tem medo por mim. E como eu sou uma pessoa bem atrevida, eu tenho um pouco menos medo que ela, mas eu tenho medo. Eu acho que é perigoso ser negro no Brasil, é perigoso ser negro no Pará. É perigoso ser negro no Pará, sabe? Ser negra e lésbica é muito perigoso no Pará. Porque você vê ai a quantidade de casos, tenho uma amiga que ela só é lésbica, ela é branca. Um homem jogou um copo nela dentro do 'meu garoto', Ela estava saindo do bar e o cara passou de carro, não satisfeito, porque ela estava com a namorada, ele ficou afim da namorada dela, ela não fez absolutamente nada, ela não reagiu, ela não discutiu com ele. E ele jogou um copo e rachou a cabeça dela. Ela branca lésbica. Agora, eu, negra lésbica?

**Entrevistador:** O que tu sentes além da vergonha, do medo e do mal-estar por ter sofrido e ainda sofrer preconceito racial?

**Carolina Maria:** Não. Eu acho que mais o medo, o medo mesmo. O medo e uma coisa que eu odeio pensar que eu já senti bastante que é a vergonha. Eu odeio pensar que eu já senti vergonha de ser quem eu sou, que eu já escondi por muito tempo, eu tenho esse medo. Eu não gosto de pensar, eu não gosto de lembrar disso muito.... Porque pra mim é uma situação chata. Eu demorei muito tempo pra me reconhecer, eu acho que se eu tivesse me reconhecido na infância minha vida seria muito mais fácil, eu não teria passado por processos, assim, de traumas, de ter que reviver traumas pra poder curá-los. Quando eu passei no meu processo de identidade, de assumir a minha identidade, eu entrei em depressão. Eu comecei a ter crise de pânico, primeiro vieram as crises de pânico, os ataques de ansiedade, e ai eu desenvolvi um quadro de depressão porque eu não conseguia mais sair de casa. Quando eu comecei a pensar no que eu estava sentindo e porque eu estava sentindo, primeiro veio a questão de ser lésbica. Eu já estava tendo debates. Estava em contato na universidade com questões de negritude e depois veio a questão. Eu simplesmente não queria mais alisar meu cabelo, falei 'sabe de uma coisa, vou deixar meu cabelo crescer', quando eu deixei meu cabelo crescer que eu tirei todo o alisamento, ai pronto. Ai eu vi o que significava deixar o meu cabelo natural voltar. Foi ai que eu percebi como isso, como que isso era importante, que eu não fazia ideia, eu não tinha

noção de que o cabelo poderia mudar a minha vida. De que o meu cabelo poderia mudar a minha história de vida. Poderia mudar como eu me vejo hoje em dia, em relação a como eu me via, como as pessoas me vêem hoje em dia em relação a como elas. Algumas me viram outras não. Porque a gente sempre ouve assim 'eu não consigo imaginar que tu alisavas o cabelo', eu digo 'é, pois é', eu tive esse processo. Porque eu não aceitava ter cabelo cacheado, que eu não aceitava, que o cabelo era criado, cabelo ruim. Uma vez a mulher inclusive nesse momento de alisamento, uma mulher olhou pro meu cabelo e disse assim. A tentativa, minha mãe nunca gostou que meu cabelo fosse alisado, minha mãe nunca gostou, ela sempre dizia que meu cabelo era lindo, mas eu me recusava a acreditar porque pra mim era coisa de mãe. Ai eu 'não, mentira sua, isso é coisa de mãe'. Daí, uma vez eu estava no salão né, e a mulher estava penteando meu cabelo volumoso né, meu cabelo era grande e bem cacheado, bem volumoso mas eu não cuidava então... ai a mulher estava penteando né, ai ela olhou pra outra e disse 'olha aqui, isso daqui', tipo assim 'olha o trabalho que eu vou ter com isso daqui', e eu olhando pelo espelho assim, eu era criança olhando pelo espelho. Ai eu 'é, vai dar trabalho', ai é aquela sensação. Uma sensação assim, como é que eu posso descrever.... De 'nossa, que escroto, vou dar trabalho pra moça, que merda'. Porque apesar de tudo eu não conseguia pensar... Digo; 'não, eu gosto de dar trabalho sim porque afinal de contas eu estou pagando isso aqui, não sei o que'. Não dá pra pensar assim quando você, mesmo você estando com sua mãe no salão e sendo levada tendo grana, você não consegue pensar em, ter o comportamento que a maior parte da classe média teria, você só sente um constrangimento enorme. Porque eu poderia ter dado uma de soberba e ter respondido pra ela né?

**Entrevistador:** Ter feito um enfrentamento?

**Carolina Maria:** ter feito o enfrentamento. Já entrei em loja pra comprar. Eu tive uma fase complicada da minha vida quando eu queria usar melissa, que vergonha... Nossa, que vergonha. Ai eu entrei na loja e... bom! Estou lá pesquisando precinhos de melissas, ai a mulher olha pra mim e diz assim 'tem essa daqui mas ela é esse preço'. Eu não perguntei qual era o preço, eu só perguntei que modelo que tu tinhas! E mais uma vez eu não fiz nada nessa época também. Porque como eu estou te dizendo, os processos de enfrentamento começaram a partir dos meus 20 anos que foi quando eu entrei na universidade. Vinte anos.

**Entrevistador:** esse foi o período de reconhecimento da identidade?

**Carolina Maria:** foi o período de reconhecimento, 20 anos. Pode se dizer que eu nasci a três anos, tenho 23 anos.

**Entrevistador:** tens 23 anos?

**Carolina Maria:** pode-se dizer isso. E ai eu não tive reação. E a minha mãe passou por isso, de entrar numa loja e você chegar e querer comprar alguma coisa e pela forma como ela estava vestida, minha mãe é trabalhadora assalariada... e pela forma como ela estava vestida uma vendedora fez a mesma coisa com ela. Só que ai minha mãe enfrentou. Minha mãe é super calma, mas também quando pisa no calo dela ela vai e enfrenta. Ela enfrenta. Ai ela pegou e deu uma enfrentada, e disse assim, eu não estava com ela, ela disse que aconteceu 'mas eu te perguntei qual é o preço? Eu não perguntei', só que eu não tive essa reação assim. Eu estava com a minha tia, mas minha tia não ouviu, e quando a gente saiu da loja que eu contei pra ela e tal.

**Entrevistador:** Ficou algum resquício ou impacto desses preconceitos em sua vida hoje?

**Carolina Maria:** resquícios sempre ficam.

**Entrevistador:** consegue mencionar algum?

**Carolina Maria:** Hum... mais em relação ao lance do nome. Até hoje é difícil de explicar. É, mas assim, isso me deu forças, isso me dá forças. Isso me tornou uma pessoa mais combativa, uma pessoa que tá mais atenta para o reconhecimento desse tipo de atitude. Uma pessoa que tá mais atenta, não porque eu quero brigar, mas eu estou atenta pra fazer o enfrentamento da maneira que eu acho que eu devo fazer. Tipo, se a pessoa chegar hoje e disser pra mim 'ah mas...' eu não... 'você tá supondo alguma coisa? Porque eu não lhe perguntei o preço, eu perguntei o modelo. Perguntei o que você tinha, eu não lhe perguntei o preço. Você tá supondo algo em relação à eu não ter dinheiro por quê?' Quando você pergunta, eu acho assim, quando você fala assim 'por quê?' Pra pessoa, pronto, desculpa a expressão, ela se caga toda, ela se caga todinha. Porque ai ela... Ai começa. Ai eu digo 'olha...' ai eu tenho argumento, eu tenho voz agora, eu sinto que eu tenho voz, porque eu me sinto segura de mim. Não totalmente, né, a gente tá nesse processo eterno, eternamente. Mas eu tenho muito mais segurança de mim pra encarar isso.

**Entrevistador:** O que achas sobre preconceito racial? Como é possível combater?

**Carolina Maria:** eu penso nisso todo santo dia, pra mim é uma coisa estrutural. Pra mim o preconceito é uma coisa estrutural. Tá dentro de uma coisa gigante, que muita gente que pratica não tem noção do que é mas pratica porque tá enraizado dentro do lugar onde a gente vive, dentro da sociedade que a gente vive. Como combater? Bom, eu acho que é tudo muito relativo, eu procuro relativizar muito as coisas porque existem formas e formas de combate. Eu posso fazer uma pessoa aprender tornando a questão da discriminação racial uma coisa

didática. Vamos para as escolas, vamos implementar política pública educacional pra isso. Quando isso não funciona vamos para as leis, quando as leis não funcionam a gente tem que ser mais enérgico. A gente tem que ser mais enérgica, a gente tem que ir pra rua, a gente tem que enfrentar, a gente tem que gritar, mesmo que a gente corra riscos. Risco de ser agredido, porque falar... A fala, pra mim, é o que mais atinge o ser humano. Então quando você fala o outro só pensa em te agredir porque ele não tem o que falar. Ele pensa só em te agredir fisicamente. Eu penso nisso todos os dias, como combater. Mas é uma questão estrutural, uma questão muito grande, e a gente não consegue. Não é que a gente não consiga, nós não vamos conseguir combater isso de uma hora pra outra. Isso é um pensamento político meu. Isso não muda do dia pra noite. São coisas que... são ações, e ações, e ações, e enfrentamentos diários que nós temos que ter. Acho que a minha geração é uma geração que tem muito que dar cara a tapa pra fazer mudança. E quando eu digo dar cara a tapa é botar o seu bloco na rua, botar a sua cara no sol e fazer o enfrentamento direto, contra o opressor 'ah, você tá me oprimindo? Então você vai ouvir. Vou tomar as medidas que eu puder. Vou procurar as instâncias que eu puder.'. Eu sou uma pessoa muito de pensar, digo assim, eu tenho amigos advogados então 'fulano, o que eu tenho de arma legal para... Isso aqui aconteceu', 'ah, tu tens isso, e isso, e isso', 'então dá pra gente fazer? Vamos fazer', tenho advogados, amigos advogados que são ativistas e tudo mais, então vamos fazer. Dá pra gente fazer vamos fazer. Eu me proponho a ir em escolas pra gente falar sobre preconceito, pra gente falar sobre discriminação. Eu fiz isso esse ano, eu fui falar numa escola aqui do Guamá, porque pra essas crianças o reconhecimento é muito difícil né, por causa do que a mídia vende pra elas, a mídia vende pra elas e fui falar. Olha só como foi uma coisa engraçada, era pra eu ter pego uma turma de ensino médio, eu peguei uma turma de sete a doze anos. Digo 'minha nossa senhora, não fiz sociologia da educação, eu sou bacharel em ciências sociais, como é que eu? Tá, vamos lá', e ai eu procurei usar algo que eu te falei, o riso, o humor. Uma forma descontraída de conversar com eles, falar assim 'olha, vocês fazem isso aqui com o amiguinho? Vocês fazem aquilo? O nome disso é discriminação. E vocês sabem? vou explicar de uma forma didática pra vocês o que é discriminação'. E ai fui levando entendeu? E sabendo que tinha gente, moleque com pressa, louco pra ir embora, louco que eu digo... Que foi que eu peguei... Porque eles estavam vendo um filme que chamava quilombo e pra mim, que tenho 23 anos e estou no ensino superior, o filme quilombo, ele cansa, porque ele é um filme denso, é um filme longo, né? Mas é um filme muito bom. Mas pra eles não é um filme interessante. Você não desperta a atenção dessas crianças dessa forma. E ai, em contrapartida, você pode trabalhar isso da forma

mais descontraída possível, mas você não precisa ser o palhaço, pra trabalhar com isso. Então eu acho que educação e a luta por políticas eficientes são o caminho. E ocupar espaços considerados privilégio, ocupar. Ocupar universidade "vai ter negro dentro da universidade? Vai", vai sim. Vai ter negro aprendendo.... Saindo daqui pra escrever numa universidade europeia? Vai. E escrever sobre o que os europeus fizeram com os negros? Vai. Entendeu? Vai ter negro em cargo de diretoria? Vai ter negro pró-reitor? Vai. Pra mim isso é importante. Não que isso valha mais do que.... Não que isso valha, isso te faça ser mais do que o outro. Mas eu acho que todos nós temos que lutar por isso, porque é isso que incomoda. Quando uma pessoa negra ocupa um espaço que historicamente não é seu. Isso que incomoda. E aí, é disso que eu me orgulho, de ocupar esses espaços, e pegar... E tá lá, e usar a minha voz pra falar a respeito. E é isso que eu sinto que eu faço aqui dentro da universidade. É isso que eu sinto que eu posso fazer. Ocupar o espaço, né? Já que eu tenho, entre aspas, a minha cara... essa minha cara de branca, né? Vamos usar a minha cara de branca mesmo, minha face branca e negra pra falar sim de problemas, pra falar sim de preconceito e pra falar de racismo. Pra falar de negritude, pra falar de tudo que eu puder falar.

**Entrevistador:** A tua luta de hoje, o teu engajamento, o teu reconhecimento a três anos atrás, tudo que sofreste com o preconceito racial faz parte um processo de construção de identidade?

**Carolina Maria:** sim.

**Entrevistador:** é parte disso?

**Carolina Maria:** é parte disso. Porque pensa quando você.... Imagina quando você não consegue se encaixar, você passa uma vida sem conseguir se encaixar em nada e você não sabe porquê. Até que chega um momento que você descobre. Ai eu olho pra mim e digo 'eu tenho como não me juntar a isso e fazer parte?' não, porque eu não tenho como. Eu Carolina Maria não tenho como. Eu vou me engajar e vou fazer parte disso sim, eu vou lutar porque durante toda a minha vida eu fui jogada pra escanteio porque eu não sabia quem eu era e eles achavam que sabiam. Então hoje em dia eu sei qual a meu par. Eu posso te afirmar que tudo isso que me aconteceu me trouxe até aqui.

**Entrevistador:** esse movimento de luta tem superado os sofrimentos por conta do preconceito racial?

**Carolina Maria:** hum..., tem e não tem! Posso dizer que tem e não tem?

**Entrevistador:** Por favor...

**Carolina Maria:** tem e não tem porque eu encontro obstáculos dentro da luta, dentro do

movimento. Eu encontro obstáculos, justamente porque como eu tenho falado todo o tempo, minha construção subjetiva, minha construção de vida ter sido diferente, entendeu? Às vezes eu encontro obstáculos pra dialogar mas por causa da minha teimosia, por causa de mim mesma também, da minha arrogância, porque eu sou uma pessoa... me tornei, sou uma pessoa arrogante e por causa da minha arrogância, por causa da minha teimosia. Eu encontro esses obstáculos.

**Entrevistador:** é ou se tornou?

**Carolina Maria:** Não, eu sempre fui. Isso é uma coisa que eu aprendi com a minha mãe. E não é uma arrogância no sentido de... não, é o sentido de eu sou melhor do que você, arrogância no sentido de "eu tenho que ser melhor, eu tenho que ser melhor. E hoje em dia eu sou arrogante porque eu acho que quando você tem conhecimento gera um pouco de arrogância, e eu tento diminuir isso no meu dia a dia. É difícil, é difícil pra caramba porque você foi criado pra "olha, Carolina Maria, tem que ser melhor do que todo mundo aqui dentro de casa!", ai eu digo 'pronto, eu tenho que ser melhor em relação a todo mundo', porque eu tenho que vencer na vida, porque eu tenho que batalhar, porque eu tenho que... sabe, crescer, porque eu tenho que chegar e isso foi uma coisa muito de dentro de casa? Chegar e dizer pra minha família 'olha aqui!'.

**Entrevistador:** por que achas que te colocaram nesse lugar?

**Carolina Maria:** a minha mãe me colocou nesse lugar. Mãe solteira, sempre trabalhou. Sempre. Muito difícil. A minha mãe, apesar de tudo, a família da minha mãe, meus tios e minhas tias, passaram fome na infância. Quando cresceram, naquela época, a minha avó conhecia muitas pessoas, né? Conheceu algumas pessoas porque ela era espírita e tudo mais, e dentro do centro espírita ela tinha muitos contatos e foi conseguindo emprego para os meus tios. Então começou uma competitividade dentro da família que eu não sei explicar quando começou, mas ela rolou. E daí a minha é a que tem um emprego mais assim, porque ela é funcionária pública do Estado, eu tenho tios que são funcionários da CEFA, tia que é funcionária do IBGE. Então tem cargos assim que são cargos que tem um poder aquisitivo, financeiro, maior. Então dentro disso minha mãe sempre teve que ralar muito, trabalhar muito, fazer hora no trabalho dela e tudo mais, e se dedicar ao trabalho, e ela se tornou uma pessoa só também. Com o lance do meu pai ela se tornou uma pessoa só, então, no que foi que ela. Dos irmãos ela me disse que ela era a que mais estudava, então ela poderia ter tido uma chance, né? De fazer um vestibular ou alguma coisa assim, ou de ter realizado algum sonho dela. E ai, por isso que ela sempre olhou pra mim e disse assim 'tu precisa vencer na vida, tu

precisa batalhar muito, precisa ter tuas coisas', sabe? Tu ter as tuas coisas, tem o teu dinheiro, tu pode ser o que tu quiseres. Essa foi a criação dela pra mim, esse foi o ensinamento dela pra mim até hoje, tanto é que ela vive puxando a minha orelha porque, enfim, eu parei de 'neurar' com isso, parei de querer ser a melhor. Porque eu sou uma pessoa muito diferente, eu procrastino pra caramba pra fazer as coisas. E daí, faço quando eu quero, quando eu não quero eu simplesmente não faço. E aí ela me passou isso desde pequena. E justamente, e eu tenho quase certeza que é por conta da condição financeira dela, por conta da questão da paternidade, apesar de que muitas das minhas tias são mães solteira também, não tive um relacionamento com meu pai, não cheguei a conhecê-lo e tudo mais. Ele não quis, ele nem se ofereceu pra me conhecer na verdade. Nas vezes que eu encontrei ele passou reto e nem me olhou, então, eu acho que isso que também fez ela ser assim, me criar dessa forma. Me criar com esse pensamento de 'tu tem que vencer, tu tens que batalhar pelo que é teu, tem que lutar', e tudo mais.

**Entrevistador:** Qual o teu sentimento com relação ao teu pai?

**Carolina Maria:** olha, eu não sei te explicar se eu tenho uma.... Às vezes acho que eu não sinto absolutamente nada em relação ao meu pai, pra mim ele era um completo estranho, sabe? O que me ligou, o que me ligava a ele é esse título de pai, mas assim, eu faço terapia hoje em dia e tudo mais, e muita gente acha, eu não lembro se meu terapeuta acha isso também... que eu tenho que perdoar o meu pai. Só que aí eu não... Eu digo, não sei pelo que eu vou perdoar ele porque eu não sinto nada em relação a ele, então é uma coisa que eu não bato, uma tecla que eu não fico lá 'toc, toc toc', sabe? Eu nem penso muito nisso. Mas aí eu corro, eu corro entre aspas, eu vou até ele, a lembrança do que ele foi e até a família que eu tenho, pra falar das minhas origens. Porque de qualquer forma eu vim dali. Não convivi socialmente, não convivi com aquelas pessoas, mas eu vim dali. Eu conheci a minha avó por parte de pai depois de velha, nossa, eu adorei ter conhecido ela. Pena que a gente não se falou... não conseguiu muito tempo pra se falar porque ela também acabou falecendo. E nossa, ela me contou cada história, ela disse que trabalhou como cozinheira, a família do meu pai era muito humilde. Eu tenho um tio que é mecânico, eu tenho um tio que, pô... são pessoas muito humildes, eu gosto deles. Hoje em dia eu conheço eles e gosto pra caramba deles. Tenho uma tia que é advogada, que é que tem mais condições assim, na família. Uma prima que é jornalista que eu também adoro muito, que a gente conversa pra caramba, que a gente super se identifica porque a gente gosta das mesmas coisas e eu acho super legal e assim. Eu corro.... Minha avó, voltando a minha avó, ela trabalhou na construção de Brasília, saca? E quando ela

me contou a história eu fiquei "deus, essa mulher é histórica!", ela foi cozinheira na construção de Brasília, ela disse 'olha, eu vi, eu lembro que eu vi, eu estava lá quando aquele engenheiro faleceu, que a árvore caiu em cima dele', eu falei 'nossa, que incrível isso!', eu gosto de conversar com gente mais velha porque eu gosto de história. A gente tem história pra contar, eu tenho. Eu sou uma grande contadora de história, vivo. Meus amigos sabem, que eu conto muita história minha por ai, muita coisa que eu já vivi e que eu procuro viver mesmo. E eu achei fantástico, achei magnífico, nossa, essa mulher é incrível! Pessoa que estava lá e tal, e viveu esse momento histórico e ela lutou, ela batalhou na vida dela e tal pra dar uma, apesar de todas as dificuldades, pra dar uma educação, pra dar uma condição pra família dela e tudo mais, e tal. Então eu reconheço hoje isso na família do meu pai, eu busco a minha origem ai. Uma das minhas origens ai também, porque apesar de a minha família ter essa questão de "ah, descendente de alemães", não sou.... Somos pessoas de classe média, mas assim, não somos ricos, milionários, sabe? Só tivemos condição suficiente, minha mãe e minhas tias só tiveram condição suficiente pra mim e para as minhas primas que se criaram comigo pra que a gente sempre tivesse do bom e do melhor em relação principalmente a estudo. Estudamos em escolas boas, olha, eu estudei no Teorema, estudei no Vera Cruz primeiro, até a oitava série, depois entrei no Teorema e fiz cursinho no Equipe. Minha prima, estudou no Teorema, passou em duas universidades, UF federal e passou no SESUPA. Minha outra prima, estudou no Cearense, naquela época em que o Cearense fazia sucesso, em 2000 ela passou em economia na UNAMA, mas ela que não quis fazer economia, hoje em dia ela é formada em administração pelo.... Então, né... A gente, dentro do que foi provido pra gente foi pra que a gente tivesse uma excelente alimentação, justamente por conta da história de passar fome, que a minha família passou, e pra que a gente pudesse ter acesso ao nível superior, como muitos não tiveram. Só um tio meu que é, por acaso, ninguém acredita, mas ele é meu tio por parte de mãe, ele é irmão da minha mãe por parte de pai só, que é o Dr. Ronaldo Hickmann. Ele foi professor aqui, formado em medicina, ele foi diretor da faculdade de medicina da UFPA, criou o curso de biblioteconomia, tendeu? Minha família é muito dispersa e eu não conheci. Mas porque que eu não conheci? Porque ele pegou um rumo diferente na vida dele e ele se tornou uma pessoa... Ele se afastou da família da minha mãe. O pai dele ainda era casado com a minha avó quando ele se afastou, ele cortou esses vínculos. Sempre teve na minha família essa questão de que muita gente cortou vínculos e tudo mais, por isso que nós estamos por ai, mas que eu não conheço todo mundo. De repente as pessoas vêm "ah, fulano Hickmann é teu parente?", eu digo "olha, pode até ser, eu não tenho certeza. Pode até ser, mas eu não te

garanto nada''. Então, tipo, é isso. Um pouquinho da minha história de vida.

**Entrevistador:** Carolina Maria de Jesus, agradeço pela disposição e o aceite da entrevista.

**Carolina Maria:** espero ter ajudado.

**Entrevistador:** eu que espero ter ajudado também a pensar, a refletir sobre outras coisas e outras questões da vida.

## ANEXO – 4

### Entrevista do Estudante Guineense (Guiné-Bissau)

**Entrevistador:** Como você pensa a questão de raça?

**Clennon King:** a importância da produção pouca ou de grande quantidade de melanina, ou seja, isso foi implantado pelos portugueses... Portugueses não, europeus, durante a expansão marítima. E outra pregação também é em relação a expansão que eles fizeram, segundo a história, eles relatam, parece que são um grupo de intelectuais, aventureiros que saíram pra distribuir a civilização e cristianismo. A Europa tinha passado naquela época por idade média, idade das trevas, a peste negra devastou terça parte do continente europeu. Uma pessoa branca... E, aliás, eles até conseguiram superar aquela ideologia que tinha naquela época de que no mar tinha monstros, que você não podia navegar. Então era um desespero total na Europa, pra fazer com que eles saíssem de lá pra procurar um lugar onde havia a prosperidade. É claro que eles não podiam entrar naquela outra rota terrestre porque os árabes tinham fechado aquela rota, por isso q eles chegaram à África. Por isso que eles decidiram enfrentar aqueles monstros marinhos. Porque uma coisa.... Você acaba reparando que eram pessoas desesperadas.

**Entrevistador:** Em nome de quê?

**Clennon King:** eu acho que primeiro a pobreza, pobreza e fome. Porque isso nos faz, de certa forma procurar todos os meios necessários pra nossa subsistência. Porque os europeus começaram a expansão marítima no século XV. Eles chamaram aqueles séculos atrás como idade das trevas. Então tinha fome na Europa. Os europeus morriam de forma.... Eles acreditavam que era o fim do mundo. Estavam mergulhados na ignorância, neblina de falta de conhecimento, enquanto que na África não. Eu acho muito bacana, esse artigo que estou querendo montar e trazer isso à tona, né. E, aliás, muitas vezes eles... Claro que acabei tendo oportunidade de estudar história aqui do Brasil, em geral, de um modo que eles apresentam os africanos e afrodescendentes começa na escravidão, eles associam o negro com escravo, de que os negros são a raça inferior. Claro que é uma pregação que foi implantada no século XV, mas antes disso a África tinha muitos impérios, muitos reinos que nós conhecemos. Mas infelizmente essa história é escondida, que eles estão simplesmente em querer mostrar uma hegemonia medíocre, uma hegemonia sem fundamentos, né? Quando eu terminar eu vou te enviar.

**Entrevistador:** Como você se chama?

**Clennon King:** Clennon King Fona Gomes.

**Entrevistador:** O que quer dizer Fona?

**Clennon King:** Fona, que é o último da fila.

**Entrevistador:** Fona significa ‘o último da fila’?

**Clennon King:** Isso.

**Entrevistador:** e o Gomes?

**Clennon King:** tu queres escutar essa história? É um seguinte, eu sou descendente, não sei se você já ouviu falar, dos Mandingas. Do Império Mandinga, de Saraculês, então a minha etnia surgiu através da degradação do império de Mandinga.... É um grupo de guerreiros que saíram e formaram um grupo e começaram a viver de uma forma anarquista, entendeu? Ai essa forma anarquista...

**Entrevistador:** em que localidade da África?

**Clennon King:** Guiné Bissau, Gâmbia e Senegal, eles espalharam.

**Entrevistador:** era um reino só?

**Clennon King:** era um reino, que era o reino de Mali dominado pelos Mandingas, então depois da desintegração desse Império, que acabou sucedendo o Império de Gana, não estou lembrando, esses guerreiros formaram um grupo e começaram a viver de forma anarquista, rejeitando qualquer forma de submissão, de domínio de qualquer natureza. Então com a chegada dos portugueses, é uma etnia que deu resistência, e, aliás, essa etnia de nome Balanta significa os que resistem à única etnia que os portugueses não conseguiram dominar. E na luta pela independência era a etnia que fazia parte de 90% de todos os soldados, ou seja, uma espécie de luta de portugueses contra Balanta, que é da minha etnia. Só que depois da independência criou aquela estigmatização, e começou um sistema montado onde as pessoas daquelas etnias não ganhavam mais bolsas de estudos, uma coisa bem estrutural e hostil, porque eles de certa forma queriam.... Vandalizar essa etnia de todo custo.

**Entrevistador:** um movimento apartheid?

**Clennon King:** uma espécie disso, só que as demais etnias de certa forma eles acabavam beneficiando disso, pelo fato de ser a etnia que lutou pela independência, depois da consolidação, claro que eles entraram ainda e alienaram as pessoas que estavam lá de novo. E eles acabaram estigmatizando essa etnia. Só que acabei não tendo o sobrenome da minha etnia porque se eu tivesse, como aconteceu com meu pai, ele tem o sobrenome da minha etnia, ele foi cortado de bolsa de estudos pela união soviética. Então ele pensou nisso e falou “n, não

vou colocar nos meus filhos esse sobrenome pra poder dar mais abertura e não criar aquela resistência”, Gomes... Ele só botou Gomes.

**Entrevistador:** de português?

**Clennon King:** de português, mas a gente vai tirar, vamos tirar.... Vamos colocar o nosso sobrenome mesmo.

**Entrevistador:** qual?

**Clennon King:** Ialá, Balanta Ialá.

**Entrevistador:** Fona também?

**Clennon King:** não, Fona já é o nome da minha etnia que é o nome do meu pai. Porque lá tem muito esse negócio de colocar nome referindo a alguma situação, alguma coisa e tudo mais. Ai Fona significa “eu sou melhor que você”. Quando a minha avó separou do meu avô, e o meu pai nasceu a minha vó colocou o nome dele assim, pra dizer pro meu avô que ele é melhor que ele, né. Ela era melhor que ele.

**Entrevistador:** isso diz respeito a guerra tribal?

**Clennon King:** guerra tribal? Claro, todas as etnias contra a minha, porque é uma etnia guerreira. É uma etnia... A gente tem passado histórico que jamais até hoje a gente não consegue assimilar a submissão. Por isso que vivemos de forma anarquista, por isso que eu acho que uma das poucas etnias na África que não tem nenhum poder assim de.... Nenhuma outra pessoa que possa exercer um poder de domínio sobre os demais. Cada homem ele tem o poder na sua casa, na sua família, na rua vocês são iguais, então eu acho que essa ideologia acabou sucedendo até os dias de hoje, o que de certa forma impossibilita assim a convivência com suposta democracia quando outra etnia manda. Se o presidente for da minha etnia tá tranquilo, tipo, vamos razoar, vamos deixar, mas se já é outra já é visto com hostilidade.

**Entrevistador:** um movimento contra hegemônico?

**Clennon King:** também, também, também.

**Entrevistador:** Essa a história de Guiné-Bissau?

**Clennon King:** É. A história de Guiné é mais ou menos assim. Mas infelizmente o que se vê aqui é que a história é contada de forma distorcidas, parece um filme cortado numa determinada cena, a gente não sabe o início nem como é que finalizou. E infelizmente os negros brasileiros, nossos irmãos, eles acabam, de certa forma, sendo vítimas dessa história. Porque você sendo negro brasileiro, entrando na sala de aula e escutando a única coisa que falam sobre você, da escravidão, da humilhação, e hoje da miséria, não é uma coisa bacana. Isso de certa forma não cria nenhuma autoestima. A África já tinha vários Impérios, vários

reinos, a África era considerada... Os Impérios que havia, como o Império de Mali, Império e Gana, na África ocidental, eram considerados Impérios de ouro. Os árabes descreviam aquela região como região de ouro porque ali havia muito ouro. Ali havia construções que hoje, mesmo estando lá eles acabam maculando e não querendo saber. Tem uma construção que fizeram muitos séculos antes de cristo, não sei se você já ouviu falar, que é uma igreja que foi construída na rocha. Mas claro, é uma construção de um país de um país que ainda é dominada pela população negra, e essa história é renegada, ninguém conhece, que deveria ser patrimônio mundial, pra mostrar o avanço, o conhecimento do povo africano. E hoje eles.... De certa forma roubam a nossa história pra valorizar a nossa história que é o Império do Egito, eles dão essa história para os Árabes. Os Árabes chegaram 500 anos depois de cristo. A história do Egito aconteceu há 5000 anos. E, aliás, talvez isso seja a razão pela qual eles alegaram que o Heródoto, considerado o pai da história, era cego. Porque Heródoto fez uma expedição no Egito e ele descreveu a presença da população negra. Mas não “Heródoto é cego! Ele era cego, não podia ver essas coisas” e tudo mais. Então seria um pouquinho paradoxo aquela.... Uma população branca, exclusivamente viva lá naquela região do Egito. Bem perto da linha do equador. Talvez a única herança que teríamos é melanoma, câncer de pele, o que infelizmente hoje é pregada. Hoje você vê na televisão, os dez mandamentos, o faraó branco... O Saara pertence a nós, e enfim... São coisa que.... Sabe? É uma coisa interessante que essa questão de agressão, essa questão de dominação, essa questão da escravidão, ainda se vê presente principalmente nos ensinamentos, através da alienação.

**Entrevistador:** no ensino de Guiné-Bissau?

**Clennon King:** não, aqui. Lá nós somos os donos da nossa história, nós escrevemos a nossa história, nós não submetemos mais àquelas histórias que de certa forma não são totalmente verdadeiras, ou verdades absolutas, porque nós temos a nossa história, nós escrevemos e nós somos ensinados essa história, entendeu?

**Entrevistador:** a verdadeira história?

**Clennon King:** verdadeira. Inclusive a gente sai da África com uma mentalidade de enxergar uma pessoa branca, caucasiano, com o mesmo olhar que eu enxergaria o negro Iorubá. Porque pra nós não existe nenhum “Oh! ”, não existem, olhos azuis e os caralho... Não existe isso. É isso que eu acho interessante. Porque hoje... Exemplo. Hoje aqui no Brasil a população negra acaba sendo associada, (claro que tem uma questão histórica envolvida) a marginalidade. Mas essa é uma questão construída através da história, através principalmente da religião que teve o papel primordial durante a escravidão pra convencer toda a população branca que a

escavidão dos africanos era uma coisa legítima, era uma coisa divina, teve uma explicação bíblica né? Dos filhos de Noé, e tudo mais, que Noé acabou amaldiçoando Cã, e esse Cã foi pra África e descenderam os africanos, que deveriam ser escravos e o seus irmãos.... Então era uma pregação que de certa forma até hoje se vê presente, você enxerga os brancos de olhos azuis, pelo menos a forma que é mostrada aqui, como descendentes de serafins e querubins, infelizmente. Nós temos um olhar totalmente diferente, um olhar totalmente que eu diria... Divergente da forma que é ensinada aqui, porque nós sabemos que a dignidade de uma pessoa não tem que está atrelada na produção pouca ou em grande quantidade de melanina. Porque quando a gente faz esse julgamento, é um julgamento infame, é um julgamento injusto. É um julgamento de uma sociedade doentia, de uma sociedade desequilibrada, de você me enxergar e taxar quem eu sou. Uma coisa que não tem lá. Não existe isso. Tipo de você ser negro.... Não, não existe isso. Porque, aliás, a nossa independência não foi um mero ato político, foi onze anos de luta armada, expulsamos eles, essa história que nós contamos. Então jamais.... Nós derrotamos de certa forma, entrou no nosso continente de forma sutil, querendo negócio, ai plantaram e disseminaram raiz, uma espécie de câncer silencioso. Mas claro, depois que abrimos as nossas visões, nossos avós entraram em luta armada e expulsaram eles. É essa história que nós contamos. Por isso que nós encaramos tanto branco, quanto negros não tão de forma tão distintas, diferentes.

**Entrevistador:** Como você se sente com essa diferença aqui no Brasil?

**Clennon King:** pois é, isso é agressivo, isso é uma coisa muito agressiva, é uma coisa que no início pra nós parece cômico, quando você acaba de chegar você repara que você começa a ser perseguido no shopping. Começa a ser perseguido nos estabelecimentos. No início é cômico “nossa, que coisa louca”, existe isso. Ai claro, com o tempo a gente acaba reparando que não foi mera coincidência aquelas coisas, que tem uma questão social envolvida, histórico, estigmatização de achar que você é uma pessoa negra você vai roubar.... Porque nós vivemos numa sociedade... Aliás, nós descobrimos que somos negros aqui. Nós crescemos, nascemos, numa sociedade onde desde o presidente da república até o sujeito que realiza o trabalho mais modesto, todos são negros. Ligamos a televisão na pra manhã, as crianças que dão o programa de televisão é negro, aonde? Negro. Médico cirurgião, os caramba.... Então, nunca, nunca isso passa na nossa cabeça, claro, quando você chega aqui e depara com essa situação que de certa forma é muito agressiva. É muito, é uma situação muito agressiva. E acaba de certa forma.... Como é que eu posso usar, acaba causando uma determinada revolta.

**Entrevistador:** qual o seu sentimento em relação a isso?

**Clennon King:** revolta. Porque é uma coisa revoltante. Primeiro a gente enxerga ainda com olhar de pena, “nossa, como essas pessoas pensam dessa forma? Eles vivem infelizmente sem segurança, talvez seja...” primeira ideia que passa na nossa cabeça. Vivem numa insegurança total, toda hora. Não vejam a hora de ser assaltado, razão pela qual qualquer um é suspeito. Eu me assusto. Aqui, exemplo, você encontra uma pessoa na rua deserta e já o coração já acelera a mil. Quando você caminha numa rua deserta você torce pra não se encontrar com ninguém. E lá não, lá a gente torce pra encontrar com as pessoas na rua. Então são valores totalmente divergentes. Aqui, uma das outras coisas é que a competência também é muito atrelada a isso. A competência tá atrelada a ser negro ou branco. Que é uma coisa que é muito agressiva, eu posso dizer isso, é uma agressão social e também institucional, estadual, do próprio poder judiciário e poder. O estado em si, ele também ajuda na manutenção disso, porque existe um determinado padrão das pessoas que são abordadas pelos policiais... o próprio estado. Né, as operações são feitas nos bairros periféricos, claro que a maioria população negra. E, aliás, uma coisa bem interessante que eu acabei reparando é que parece que nesses bairros onde mora a população elite, que é branca, claro, são bairros onde só existem moradores do céu, não existe tráfico e tudo mais, o que eles justificam pra entrar na favela e matar jovens, pessoas negras e tudo mais. Imagina você saindo de outra sociedade e entrando nessa você saindo, você sendo fruto de uma revolução na qual seus avós pegaram na arma, expulsaram todos que queriam implantar esse sistema. Implantaram e, claro, foram expulsos, e você de novo vê, mergulhado de novo, o sendo, ou vivendo numa situação discriminada. É uma coisa bem.... Não encaixa bem.

**Entrevistador:** você já viveu alguma situação de preconceito aqui na universidade ou em qualquer lugar?

**Clennon King:** claro, as revoltas são constantes, não? Assim, porque aqui, claro, quando eles... Primeiro, ele vê uma pessoa negra africana, a primeira coisa, o primeiro discurso que deparamos é que estamos roubando as vagas e tudo mais, claro que eles falam de forma brincando, mas realmente não é, e isso acaba refletindo que na verdade a nossa presença que incomoda. A presença dos africanos, da população negra. Porque se fossemos europeus talvez fossemos aplaudidos e tudo mais.

**Entrevistador:** você sente isso como estrangeiro?

**Clennon King:** não, estrangeiro não, negro. Estrangeiro não, não é toda a gama. É negro, a população negra. Porque se, com certeza, se fossemos europeus, loiros, caucasianos, filhos de anjos serafins e tudo mais vindo pra cá o discurso seria outro. Eu acho que também a gente

não é tão liberal a ponto de escutar outros comentários que sejam mais agressivos ainda. Mas claro, eu pelo menos, passei por várias situações constrangedoras onde eu tive que ir lá e contestar.

**Entrevistador:** pode citar uma delas?

**Clennon King:** bem, primeiro aqui na universidade, aqui mesmo na universidade com a coordenadora do nosso programa, e eu vou falar dessa. Eu cheguei pra ela dizendo que queria mudar de curso, porque era pra eu estudar um ano biomedicina depois mudar pra medicina. Quando eu cheguei pra ela e falei “eu vim mudar de curso e tudo mais”, ela olhou pra mim “você vai mudar pra que? ”, oh, claro, medicina, tudo mais... São coisas totalmente diferentes. E ela falou pra mim “biomedicina é difícil?” e eu falei “é difícil pra caramba” e tudo mais, e ela falou “então, medicina é muito mais difícil”, vai e seja feliz. Só que agora que eu acabei né, com o tempo que eu acabei descobrindo que atrás desse discurso refugia que talvez eu não tenha competência pra tal, eu não tenho capacidade pra fazer medicina e tudo mais, e outra coisa bem interessante que aconteceu, foi num shopping, mas não aqui, foi em Fortaleza. Chegou no shopping eu e meu amigo pra jantar, Almoçar, ai a gente chegou e tudo mais, ai chegaram, o cara que ia servir, fizemos os pedidos, ai quando chegou a comida ele pegou o prato na mão, pegou o prato na mão e colocou na mesa, entregou o talher pra cada um. Ai eu virei, porque estava de visita em Fortaleza achei que talvez eles sirvam assim mesmo. Ai eu virei e vi que todas as pessoas ao nosso redor tinha aquela bandeja, claro, porque bandeja pode não influenciar em nada mas é uma coisa respeitosa, você servir o seu cliente. Eu virei e vi todas as pessoas ao redor com bandeja e só nós, ai eu chamei e falei “vem cá, traga a bandeja e coloca essas duas comidas porque a gente não vai comer sem essa bandeja”, ai foi e trouxe a bandeja “ah, foi mal”, “não tem problema”. Ai depois de terminarmos eu chamei ele. Falei “olha, vamos pagar nossa conta, porém aqueles 10% que é pra pagar as pessoas que servem não vamos pagar essa, porque fomos tratados de forma diferente. Eu não vou fazer nenhuma bagunça nenhuma espécie de *furdunço* aqui pra chamar a atenção de ninguém, só quero que você vá e chame o teu gerente pra eu conversar com ele”, ai ele olhou pra mim, falei “claro, quero conversar com o seu gerente, eu não quero te prejudicar no seu serviço, vai chama ele”, ai o gerente chegou, expliquei a situação, falei “olha, não precisa que seja penalizado e tudo mais, só quero que você chame a atenção seus funcionários pra que tratem as pessoas da mesma forma. Não tem que dar tratamento diferente”. Claro, eu poderia gritar lá, fazer toda aquela... Vai dar em nada. Mas eu acredito que essa contestação de ir assim, essa forma que eu contra-ataquei, de certa forma eu acho que isso vai tocar na cabeça e dizer

“olha, não tem que ser dessa forma”, próxima pessoa negra se for almoçar lá, se for africano ele vai tratar de forma igual. Mas claro várias situações que nós, pelo menos nós africanos, a gente nunca deixa passar. Porque situação constrangedora a gente vai e questiona, inclusive eu. Eu já mais, em algum lugar, eu presencio um ato que me penaliza, que discrimina, e eu vou embora. Não, eu vou e questiono. Vou lá e questiono, quer saber, quando é que começou, onde é que vai terminar.

**Entrevistador:** esse questionamento é por conta da história de luta do teu povo?

**Clennon King:** eu acredito, porque pra nós os valores não tão atrelados no fenótipo da pessoa, os valores não tão atrelados na melanina, é uma coisa bem interessante, razão pela qual eu classifico infelizmente a sociedade brasileira como uma sociedade doentia, porque você prejudica a pessoa pela produção de melanina. Melanina não é sinônimo de marginal e tudo mais. É uma substância que o nosso corpo produz para nos proteger dos raios ultravioletas do sol. Se fossemos brancos na África todos nós morreríamos de melanoma, talvez fosse um surto de melanoma. O nosso corpo é tão inteligente que ele produz essa melanina, nós temos consciência disso. O meu cabelo é porque eu vivo num continente onde a linha do equador atravessa claro, raios ultravioletas são maiores, e ele permite a passagem do ar pra refrescar o meu couro cabeludo. A tua cor branca não é porque você é filho de anjo Miguel, não é isso, a questão é que você produz pouca quantidade de melanina. Porque nas regiões que os brancos, claro, europeus, lá pro norte, eles não tem muita exposição ao sol, isso poderia desencadear doenças de pele. Por isso que eles são mais claros. Você tem a musculatura flácida pelo fato de ter tecido adiposo em maior quantidade que permite que o teu corpo consiga fazer equilíbrio da temperatura pelo fato de você viver numa região. Teus passados, claro, viviam numa região fria. Cabelo liso não é sinônimo de cabelo lindo como é pregado aqui. É porque naquelas épocas pleistocênicas, idades antigas, esse cabelo permitia quando nevava, pra que a neve pudesse escorregar e não grudar no couro cabeludo e causar hipotermia. E pra nós não tem importância, por isso que a gente encara, vai e questiona, ah claro, tem que questionar, como é que... Não. Entendeu? Eu não sei se você tá entendendo porque nós temos uma mentalidade totalmente diferente. Exemplo, a gente chega numa instituição, você chega “quero conversar com o gerente, sim, quero conversar com o gerente”, é uma coisa louca, “não, não pode” tem que ser um cara branco, loiro, dos olhos azuis, engratado também. Pra nós não tem isso porque nós crescemos numa sociedade onde o dono daquele prédio é negro, o presidente da república, aquele empresário bem-sucedido, aquele neurocirurgião... Então pra nós não tem isso, não tem essa visão deturpada

infelizmente, que se vê presente aqui.

**Entrevistador:** Como é se descobrir negro no Brasil? Como é ser negro no Brasil?

**Clennon King:** você descobre. Você descobre claro! Você descobre, primeiro. A ideia que tínhamos sobre o Brasil é um país de Ronaldinho, futebol, Pelé e tudo mais. “Ah! lá no Brasil é bacana, lá no Brasil negros, brancos e índios todos dançam juntos, distribuindo papoulas e tulipas, felizes para sempre”, com mesmos privilégios, uma espécie de paraíso na terra.

**Entrevistador:** essa é a ideia?

**Clennon King:** essa a ideia. Claro, você chega aqui e depara com uma situação totalmente adversa, mas eu acredito que o que nós recebemos de ensino desde criança acabou servindo como uma espécie, não só um conhecimento, mas uma ideologia de hoje enxergar a sociedade brasileira, hoje enxergar uma pessoa que encontra você na rua e atravessa, enxergar ele com um olhar de pena, “nossa, que falta de conhecimento. Que mentalidade fechada. Que sociedade mais insegura. Que sociedade que vive numa situação tenebrosa, de medo constante”, o que pra nós não existe. Então é esse olhar. Claro que a outra coisa também é que quando descobrem que você não é daqui a forma de tratamento já é diferente. Ai já começam a te convidar pra comer no Rocks Bar, Roda pizza e tudo mais, pra ter você como troféu não somos racistas. Claro, isso é uma coisa que é muito presente, principalmente através das colegas de universidade e tudo mais. São visões que a gente acaba, de certa forma, tendo essa lucidez de discernir.

**Entrevistador:** como se o estrangeiro africano fosse...

**Clennon King:** É, não. Quando descobrem que você já não é brasileiro ai a forma de tratamento começa a diferenciar um pouquinho. Começa a diferenciar e tudo mais. E outra visão também, eu acho que isso de certa forma acaba criando um pouquinho de resistência em relação ao comportamento, é que a mentalidade que eles têm é que o africano é aquele cara que saiu da selva e tudo mais, tem leão em casa de estimação. Tem um negócio que passou no pânico um dia.... Uns anos atrás, um africano, o cara estava pulando, sabe? É uma coisa bem, uma imagem deturpada, uma imagem sem nexos, uma imagem que não faz sentido. Mas ai eles encontram com outro africano, com outro africano que olha pra um branco não com olhar de “oh deus, oh superior”, um olhar tranquilo, encara de igual pra igual. Num debate se dá pra contestar ele, contesta, porque nós fomos ensinados isso. Isso acaba criando um “nossa, como assim? ”, entendeu? Isso acaba criando uma determinada, uma nova imagem que a maioria das vezes não se difere de forma pacífica. Porque eles querem ser seu amigo, negro africano, aquele africano pobrezinho “oh, passava fome no meu país”, “oh, pobrezinho”, ai sim eles

vão querer ser seu amigo, pra te levar “não somos racistas, temos troféu aqui”, vamos pagar sua conta, deixa que a gente paga, aí quando você “não, eu vou pagar a minha, não, eu não concordo contigo, eu acho dessa forma”, entendeu? Aí começa a distanciar.

**Entrevistador:** Como é a relação entre brancos e negros em Guiné-Bissau? Existe uma diferença?

**Clennon King:** não, a nossa luta como Mandela acabou reafirmando ainda mais, a nossa luta não foi contra o homem branco, mas contra a supremacia branca, que nós sabemos que é uma supremacia com tirocínio indigente, tirocínio dos pobres, bases pobres, base. Então, razão pela qual que nós sempre fomos claros na luta, nossos avós sempre foram claros que não é contra o homem branco e sim contra a ideologia da supremacia, contra a suposta dominação que eles acabaram conseguindo através da velha política maquiavélica, porque eles não chegaram já na África “ah, vamos dominar!”, não, eles chegaram, de forma sutil, como um câncer em metástase, espalhando, se instalaram e tudo mais, começaram a fazer negócio, negócio de igual pra igual, porque eles alegam hoje que eles só entregavam espelho pros africanos o que não é verdade, eles vendiam tabaco, eles vendiam os tecidos tingidos do pau-brasil, que pra eles, eles só vendiam lá pra França. Eles vendiam esses tecidos na África em troca de ouro e tudo mais. Aí passados os anos e chegou a escravidão. A escravidão foi a época de açúcar. Porque como em qualquer, em toda civilização, houve a escravidão. Os judeus que foram brancos foram escravizados no Egito antigo na África. Houve escravidão no Império babilônico, Metos, Pérsia, Grécia, Atena, China e tudo mais. Sempre houve escravidão, então na África. Só que na África a escravidão tinha um outro olhar, uma outra perspectiva, porque nós africanos valorizamos mais a pessoa do que a terra. Pessoa enquanto ser, do que a terra. O europeu não, ele valoriza mais a terra do que a pessoa. O escravo na África ele tinha um valor muito diferente que hoje é testado pelos escravos, que aconteceu também na Grécia e na Roma. Porque o escravo, ele tinha direito a terra, ele tinha direito a esposa, a única coisa que eles abdicavam dele era ingressar nas forças armadas, no exército. Então o escravo tinha terra e tinha esposa, eles sediam esposa pros escravos pra que ele viva como um camponês para o resto da vida. Então é outra imagem que claro, os europeus chegaram e “então esse escravo da guerra também que vocês fazem aqui, nós queremos comprar”, “tá bom”, só que esses escravos saiam e ninguém sabia o que passava no outro continente, claro que isso acabou intensificando e intensificando e eles instalando, comprando pólvora lá dos chineses, a bússola também dos chineses, que eles não inventaram porra nenhuma, desculpe, hahaha, aí, instalando, e quando tiveram poderio de fogo, bélico, com

pólvora e tudo mais, mais sofisticado e quando menos esperamos já estavam lá, “podendo dominar agora, agora a história é outra, não tem nada de negócios”.

**Entrevistador:** não existe apartheid?

**Clennon King:** não, não. Eu não sei a África do Sul, porque é uma história bem recente, mas Guiné não existe, você sendo branco ninguém vai te discriminar “não, não vai entrar aqui”, não, porque nós valorizamos mais o ser humano do que a terra. Nós temos muito valor a isso. Exemplo, os haitianos, a revolução haitiana que matou todos os brancos, foi o primeiro país no mundo que instalou uma política contra o racismo. Que poderia dizer “não, não vai entrar nenhum branco aqui”, não, mas foi o primeiro no mundo. Porque a África, o africano em geral, talvez um pouquinho os afrodescendentes, mas claro, os afrodescendentes acabaram tendo também um pouquinho da mentalidade ocidental pelo fato de nascerem ali e tudo mais, mas o africano valoriza mais a pessoa que a terra. Não existe, não, não existe isso, discriminação branca, não.

**Entrevistador:** Você me fala de revolta e agressão, de se sentir revoltado e agressivo com esse preconceito. O que você sentiu quando viveu essa situação de preconceito?

**Clennon King:** não, claro. A gente chega com mentalidade de que, “vou chegar e vou fazer amizade tanto com branco quanto com tudo mais”, mas depois que começa a deparar essa situação cria uma resistência. Não só física quanto psicológica, de uma determinada aversão “não, não vou aproximar pra não criar aquele desconforto que possa suceder uma determinada situação constrangedora a qual eu não me submeterei”, então a gente acaba se retraindo um pouco em relação a isso. Dificilmente você vê hoje, claro, a não ser que as pessoas... você estuda na mesma turma, dificilmente você vê um africano chegar num grupo de estudantes “e ai, galera! ” Não, dificilmente. Mas chegando aqui no Brasil, no início a gente faz isso sem problemas, faz sem problemas, tu chegas “e ai, posso ficar aqui, posso ficar aqui com vocês”, sabe? Porque pra nós... né? Mas com o tempo você acaba desenvolvendo uma determinada aversão também, a uma situação, porque você não quer você não vai querer se submeter a uma situação dessa natureza.

**Entrevistador:** Submissão?

**Clennon King:** não, não é submissão não. Porque a submissão, quando você submete a um sistema que é injusto, você tá ajudando a sua manutenção. Então nós fomos ensinados a não submeter a situações que nos atingem e de forma injusta. A não submeter tem que questionar, tem que questionar, tem que chegar e perguntar e saber porquê que isso tá acontecendo, se tiver condição de prosseguir com todos os meios legais necessários, é pra ir até o fim.

**Entrevistador:** Como é não poder falar sobre as questões raciais aqui no Brasil por conta do convenio diplomático estabelecido entre o Brasil e alguns Países da África?

**Clennon King:** ah, não questionar? Eu, pelo menos, eu faço parte, eu faço parte não, mas geralmente eu sou convidado a dar palestra nas escolas e tudo mais e eu levo esse mesmo discurso. Eu levo esse mesmo discurso. A gente, muita pouca gente fala disso. Tipo, nós estamos... Tá no nosso mundo, não tem nada disso, muito pouca gente fala disso entre nós. Quase nunca.

**Entrevistador:** Alguém que sofreu algum tipo de preconceito racial?

**Clennon King:** não, claro, em uma determinada situação a pessoa chega e fala “o cara quer fazer isso e tudo mais, eu cheguei lá, ficou nervoso...” sabe? Mas nunca de “nossa, eu cheguei e não me deixaram... e chorar, e voltei” não, nunca. Você nunca vai escutar um discurso desses, nunca. Você vai escutar “pô, eu cheguei lá, o cara quis tirar onda e eu fui logo com ele, meu irmão, não tira onda não”, né? Aquela coisa de contra-ataque.

**Entrevistador:** Existe alguma forma de preconceito no seu país? Como ele ocorre?

**Clennon King:** ah, tem muita, étnica. Toda parte, aquela etnia e tudo mais.

**Entrevistador:** qual?

**Clennon King:** exemplo, a minha etnia hoje é estigmatizada como perturbadora.

**Entrevistador:** por quê?

**Clennon King:** não submissão. E também pelo fato de ser.... Exemplo, hoje na política de lá, quando uma pessoa de outra etnia é presa, essa pessoa é morta, porque a minha etnia sendo descendente de guerreiros, até hoje você vê isso presente, são 60%, 70% de todas as forças armadas, então todos os líderes de forças armadas são eles, desde generais, tenente e tudo. Poucas pessoas das outras etnias que você vê presente nas forças armadas. Então isso, de certa forma, quando acontece uma determinada coisa que envolve a pessoa da outra etnia ele morre. Mas se é da minha já é preso, não morre. E o povo, claro, fomentado também pelos portugueses, porque a gente tem uma aversão um pouco, um pouquinho não, muito grande pelos portugueses.

**Entrevistador:** que tipo de aversão?

**Clennon King:** porque portugueses são uma das pessoas que acabam criando essa estigmatização. Eles acabam influenciando as demais etnias pra meter contra, sabe? Exemplo teve uma instabilidade política, nas empresas portuguesas sai “Balanta causa instabilidade política”, não o país está na instabilidade, eles determinam logo uma determinada etnia.

**Entrevistador:** Qual o cenário político de Guiné-Bissau hoje?

**Clennon King:** bem, hoje... A gente tem uma democracia um pouquinho frágil.

**Entrevistador:** É uma democracia parecida com a do Brasil?

**Clennon King:** é, houve claro! Hoje você vê, hoje tem presidente que ainda tá no poder e não foi deposto, mas a maioria dos países africanos teve e até hoje tem um pouquinho daquela coisa de... Aquele que domina, como é? Esqueci o nome. Então aquela pessoa que domina as outras, na democracia, uma espécie de opressão... Ditadura! A maioria dos países africanos teve ditadura, só que essa ditadura não surgiu efeito na Guiné-Bissau porque o ditador é da outra etnia, ai acabou sendo mortas também, então as pessoas que estão lá são pessoas de pouca influência na política, e de certa forma, até hoje, pelo menos há dois anos atrás as coisas se tranquilizaram, não houve nenhum reincidente que envolve as forças armadas e tudo mais. Mas é praticamente assim.

**Entrevistador:** Se outra pessoa pertencer de outra etnia e for pega é morta?

**Clennon King:** É, geralmente.

**Entrevistador:** Próprio do sistema político?

**Clennon King:** não, não, por que.... É questão histórica o que estuo te falando, porque depois da independência houve uma espécie de genocídio das pessoas pertencentes a minha etnia que estão nas forças armadas, então eu acho que agora que eles abriram visão e começaram a quebrar as pernas também das outras que de certa eles acham que são ameaças. Não é questão de democracia, por isso que eu digo que a democracia é um pouquinho frágil, a pessoa causa tumulto e tudo mais né? Na política sim, na política eles se matam lá. Matam descaradamente, mas socialmente não. Social assim, população, não existe isso. A violência é mais na política, a hierarquia e tudo mais. Social não.

**Entrevistador:** de poder?

**Clennon King:** isso. Poder. Poder é uma coisa complexa.

**Entrevistador:** tem universidade em Guiné-Bissau?

**Clennon King:** tem, tem! Perfeito. Em Guiné você vai achar, o povo Balanta é um povo que tem uma história muito grande, é uma história. Não é por acaso que significa “os que resistem”. Balanta significa os que resistem. Quando você tem essa ideia você enxerga uma pessoa branca como qualquer ser humano. Não existe “não, não vou, ele é executivo dos caramba”, se você me descriminar, qualquer que seja o teu posto eu vou lá e questiono. Uma vez lá na polícia federal, eu lembrei de uma coisa, lá na polícia federal, ai tinha uma senhora, a senhora toda mal humorada e tudo mais, ai eu cheguei pra entregar o negócio de renovação de visto ai ela “ah, vocês demoram, vocês trazem isso em cima da hora”, ai quando ela, depois

de terminar de fazer toda aquela coisa eu falei “oh, minha senhora, a senhora me respeite”, eu lá gritando também “a senhora me respeite, senhora, não engloba todo mundo, eu to aqui pra fazer meu documento”, e ela ficou assim.. “a senhora é o que, polícia federal, eu respeito a sua instituição, porém se você me desrespeitar eu não vou te respeitar também”, e aqui na universidade também aconteceu uma cena interessante, aqui mesmo nesse prédio, lá na biblioteca. Entrei, só que eu não sabia que livro daqui você tinha que pedir lá pra pegar, eu achei que era como a biblioteca central. Você chegava e pegava. E tinha uma pessoa estudando na sala. Ai eu entrei, eu fui lá pra pegar o livro, ai eu senti alguém gritar “ei! ”, claro, ninguém é louco pra me gritar, claro. Fingi que não é pra mim, eu continuei pesquisando o livro. Ai a menina chegou “oi, com licença, não pode pegar”, eu falei “ah tá, eu não sabia não, mas por isso que alguém gritou? ”, “sim”, “e quem gritou? ”, “fulano”. Eu cheguei lá, nunca mais, fiz bagunça também, porque eu acho que todo mundo escutou, todo mundo olhou, mas eu fui lá, gritei também, fiz maior onda, falei “nunca mais, você não tem direito de me gritar, me respeite”. Não adianta, seja lá onde for, se eu for submetido por uma situação injusta eu vou contra-atacar na mesma hora. E ele se assustou, todo mundo calado. Claro, as coisas são diferentes. Infelizmente acredito que é uma construção, como tu disse. É uma construção social também, histórica que nos faz hoje encarar pessoas... de uma forma igual pra igual sem constrangimento, achar que é superior a ninguém, isso não existe.

**Entrevistador:** pela cor?

**Clennon King:** muito menos, muito menos. Hoje não tem valor pra nós, é uma coisa que é muito como você, as pessoas mais brancas, loiras mais uma. Não tem nada de... não tem.

**Entrevistador:** não tem diferença?

**Clennon King:** não tem, a gente encara. Isso daí é uma coisa assustadora, você chega num estabelecimento, pra conversar com uma pessoa encarando dentro do olho, caralho que coisa louca. É uma construção né?

**Entrevistador:** Qual a tua idade?

**Clennon King:** 24 anos.

**Entrevistador:** sua escolaridade?

**Clennon King:** superior completo, sou biomédico e agora graduando em direito.

**Entrevistador:** Direito?

**Clennon King:** as coisas vão se puxando.

**Entrevistador:** como você se identifica? Como negro, como guineense?

**Clennon King:** eu? Caucasiano. Brincadeira. Hahaha é claro, guineense.

**Entrevistador:** Qual a diferença entre os países de Guiné-Bissau e Guiné?

**Clennon King:** é, tem Guiné equatorial, Guiné, e tem Guiné-Bissau.

**Entrevistador:** qual a diferença dessas três?

**Clennon King:** Guiné-Bissau fala português, Guiné equatorial também. A Guiné equatorial fica aqui na América. Guiné-Bissau só que fala português. Ai Guiné, que faz fronteira com Guiné-Bissau é francófona, falam francês.

**Entrevistador:** só muda a língua?

**Clennon King:** isso, muda a língua.

**Entrevistador:** a perspectiva cultural muda também?

**Clennon King:** muda também, muda também, essa outra Guiné é mais dominada pelo muçulmanismo.

**Entrevistador:** A francesa?

**Clennon King:** é. Muçulmana. Tem mais muçulmano lá. Já é outra coisa.

**Entrevistador:** porque o nome Guiné?

**Clennon King:** não sei. Guiné não sei. Tem umas lendas que dizem que quando os portugueses chegaram lá encontraram umas senhoras que era outra etnia ai perguntaram pra elas “aqui é onde? ”, é uma lenda, não sei se é verdade, ai só que a mulher achou que estavam perguntando a etnia dela, ai ela falou Diossau, e ele escutou Guiné-Bissau. Não sei se é verdade.

**Entrevistador:** Diossau é uma etnia?

**Clennon King:** não, Diussau é Pepeu, é outra etnia da Guiné. Não sei se é verdade.

**Entrevistador:** o que você acha desse preconceito racial aqui no Brasil.

**Clennon King:** é, o Brasil em relação a isso é uma sociedade que precisa de quimioterapia, é uma sociedade desequilibrada, é uma sociedade doentia, é uma sociedade mergulhada nos mais fundos túmulos de ignorância, é uma sociedade agressiva, é uma sociedade intolerante, é uma sociedade que não dá a pessoa... O negócio de defesa. A oportunidade de defesa. É uma sociedade que precisa de uma quimioterapia. Que preconceito disseminam hoje na sociedade brasileira é uma espécie de câncer em metástase, pega e entrelaça em tudo quanto é sociedade inclusive o Estado. Hoje, a união que é o poder federal criou uma política de ações afirmativas, ela chamou essa política de cota, não é cota, cota é quando você dá alguma vantagem a alguma pessoa.

As pessoas negras não tão sendo dadas vantagens, são pessoas que plantaram 500 anos e não colheram, são pessoas que foram jogadas a própria sorte, existe uma disparidade muito grande

de diferença de 500 anos. Quinhentos anos não são quinhentos dias, então políticas de ações afirmativas não com o intuito de pagar todas as coisas que aconteceram porque isso não tem valor, você não pode pagar isso, mas pra poder construir uma sociedade em que essa população terá direito, terá oportunidade de ascender também, de ter assim uma vida digna como a maioria dos brancos. Claro que isso é contra-atacado pela população branca alegando que “não, porque negros são inferiores”, não tem que cair nesse papo, porque hoje o homem mais poderoso do mundo entrou na universidade através da política de ações afirmativas. Apresentadora mais bem-sucedida do mundo entrou na universidade através da política de ações afirmativas. E por que não, por que você tem que dizer que é cota, o próprio Estado em si, ele acaba fomentando. E também, mesmo sabendo que os empregos que exigem boa aparência tão longe de alcance pelas pessoas negras, o Estado sabe disso, mas ele enxerga de uma forma míope, o estado sabe muito bem de que as crianças negras não podem andar com pipoca na mão porque é confundido com bandido e é morto. E esse mesmo estado que promovem entradas triunfais, entradas brutais nas favelas e tudo mais, atormenta a vida da população alegando guerra as drogas, a sensação que passa é que lá nesses bairros onde vivem os brancos só existe, a única função de trabalho ilícito que acontece nesses locais são distribuição de papoulas e tulipas de forma ilegal.

**Entrevistador:** papoulas e tulipas?

**Clennon King:** são flores. Sabe? Infelizmente, e a sociedade em geral acaba mergulhando nessa ignorância. É uma sociedade que precisa de tratamento. É uma sociedade que hoje eu enxergo não com olhar de revolta constante, mas com pena de eu encontrar com uma pessoa e não saber quem eu sou e atravessar a rua achando que eu vou roubar. De eu entrar em um estabelecimento e ser perseguido pela segurança, achando que eu vou roubar. Hoje, o meu fenótipo, em vez de ser enxergado como uma forma de a natureza me proporcionou, ou, a natureza nos proporcionou como seres humanos, enxergar essas diferenças, sabe? Celebrar, dizer “nossa, como a natureza é inteligente, como a natureza te fez assim porque se não fosse assim tu não ias sobreviver, os seus antepassados não iam sobreviver”, enxergar isso com um olhar, mas sabe, de celebração. Mas hoje não, hoje os valores são atrelados a isso. Infelizmente, esse é o retrato fiel e real da sociedade brasileira.

**Entrevistador:** se você tivesse que dar um nome de uma doença pra essa sociedade brasileira que nome daria?

**Clennon King:** câncer em metástase. Que precisa de quimioterapia. Quimioterapia dói, cabelo cai, você emagrece, mas depois você cresce e continua uma vida-longa. Que só assim,

não é fácil, não vai ser fácil, claro, de hoje eu começar a encarar uma pessoa negra, não, através dos debates, ensinamento, seminários, pra poder levar essas informações às pessoas lúcidas, ao ponto de discernir que o julgamento onde o juiz escuta só uma fala é um julgamento infame, um julgamento injusto, que os negros e a África ainda sofrem no Brasil, que o negro é associado a uma coisa, a África e tudo mais. Existe uma outra face, existe um outro olhar, existe uma outra perspectiva na qual podemos mergulhar também e enxergar, ter outra visão.

**Entrevistador:** porque você escolheu vir para o Brasil?

**Clennon King:** estudei numa escola brasileira desde criança em Guiné-Bissau. Tem uma missão brasileira. Estudei desde o jardim infantil até pré-universitário, então sempre acabamos desenvolvendo essa empatia com o Brasil.

**Clennon King:** Obrigado pela entrevista!